



**Dissertation By  
CELSA DO CEU  
LIMA NEVES**

**Mestrado do Convénio  
UNICV-UFRGS:**

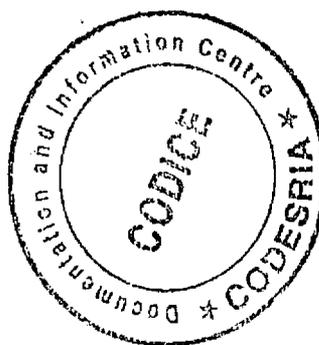
**Migração Inter-insular, Interação e  
Representações Sociais: Relações entre  
Moradores da Ilha da Boa Vista e Migrantes da  
Ilha de Santiago = Inter-insular Migration,  
Interaction and Social Representations:  
Relationships between People from Boa Vista  
and Migrants from Santiago**

**2009**

**TITULO: MIGRAÇÃO INTER-INSULAR, INTERACÇÃO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: RELAÇÕES ENTRE MORADORES DA ILHA DA BOA VISTA E MIGRANTES DA ILHA DE SANTIAGO.**

14.07.01  
NEV  
14593

**AUTORA: CELSA DO CEU LIMA NEVES**



**Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado do Convênio UNICV-UFRGS, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais**

**Prof. Orientador:**

**Doutor Enno Dagoberto Liedke Filho**

**Cidade da Praia, Maio de 2009**

## RESUMO

Intitulado “**Migração Inter-insular, Interação e Representações Sociais: Relações entre Moradores da Ilha da Boa Vista e Migrantes da Ilha de Santiago**”, a dissertação tem por objectivos principais a caracterização e a análise da interação da população nativa da Ilha da Boa Vista com a população migrante de Santiago naquela Ilha. Busca-se analisar a atitude que os nativos têm em relação aos migrantes e a atitude destes em relação à sociedade local.

Metodologicamente e de modo a alcançar os objectivos fixados foi utilizada uma abordagem qualitativa, consubstanciada com uma pesquisa documental e recorrendo preferencialmente, como técnica de recolha dos dados, a entrevistas semi-directivas realizadas junto a um conjunto de interlocutores (migrantes santiaguenses e nativos da Boa Vista). Realizou-se também observação participante nos espaços públicos onde os dois grupos em análise interagem.

Quanto ao enquadramento teórico, enfatizou-se o interaccionismo simbólico e a abordagem da representação social de Serge Moscovici e Denise Jodelet. Fez-se referência à perspectiva de Goffman, em especial o seu conceito de Estigma. Aplicou-se a teoria da configuração e o par estabelecido-*outsider* desenvolvida por Norbert Elias.

Os resultados da pesquisa permitiram constatar que a interação social entre os dois grupos enfocados se apresenta diferenciada, conforme o espaço de convivência e o tipo de situação. Porém, essa interação, na maior parte das situações, expressa disputas, tensões e conflitos entre indivíduos de cada um dos grupos. Verificou-se a existência da estigmatização por parte dos autóctones da Boa Vista para com os migrantes da Ilha de Santiago.

**Palavras-Chave:** 1- Interação Social; 2- Representações Sociais; 3- Estigma; 4- *Outsiders*; 5- Migração inter-insular

## ABSTRACT

Intituled “**Inter-insular Migration, Interaction Social Representations; Relationships between people from Boa Vista and Migrants from Santiago**”, the dissertation are the characterization and analysis as the main objectives of the interaction from the native population of the island Boa Vista with the migrant population of Santiago in that island. It search to analyse the attitude that the natives have towards the migrants and migrant’s attitude towards the local society.

Methodologically and in order to reach the specified objectives it was used a quantified boarding, supported by a documental research and resorting preferentially, as technique of gathering of datum, the semi-directives interviews realized with a group of interlocutors (migrants from Santiago and natives from Boa Vista). It was realized also a participant observation in public spaces where the groups in analysis interact.

As regards the theoretical framing, they are emphasized the symbolical interactionism and the boarding of the social representation of Serge Moscovici and Denise Jodelet. It was done a reference to the perspective of Goffman, in particular his concept of Stigma. It was applied the theory of the established configuration-*outsider* developed by Norbert Elias.

The results of the research allowed concluding that the social interaction between the two studied groups presents itself differentiated, according with the space of living together and the type of situation. However, this interaction, in most of situations expresses quarrels, tensions and conflicts among individuals of each group. It was observed the existence of the stigmatization from the people who live in Boa Vista with the migrants of the island of Santiago.

**Key-words:** 1- Social Interaction; 2- Social Representations; 3- Stigma; 4- *Outsiders*; 5- Inter-insular migration

## AGRADECIMENTOS

*“Até aqui nos ajudou o Senhor e ele jamais nos abandonará (I Samuel 7:12)”*

A elaboração de qualquer trabalho, por mais individual que seja, requer a ajuda, a colaboração e o apoio de outras pessoas. Sendo assim, não poderia deixar de endereçar os meus sinceros agradecimentos àqueles que directa ou indirectamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela vida, pela saúde e pelas maravilhas que ele me concedeu, desde sempre e principalmente durante a elaboração desta dissertação.

Cabe-me manifestar os meus sinceros agradecimentos ao meu orientador Professor Doutor Enno Dagoberto Liedke Filho pelos ensinamentos transmitidos, pela ajuda, pela disponibilidade e constante prestabilidade evidenciada ao longo da realização deste trabalho.

À Professora Cinara Rosenfield, agradeço particularmente, pela orientação facultada na fase preliminar desta dissertação.

Aos meus pais e familiares, pelas palavras de apoio e pela confiança depositada em mim. Apesar da distância física, eles estão sempre presentes.

Um agradecimento especial ao Codesria (Council for the Development of Social Science Research in África) pela concessão do subsídio para redacção da presente dissertação de mestrado.

Um grande obrigado aos meus interlocutores boavistenses e santiaguenses que prontamente participaram na realização das entrevistas, sem os quais esta dissertação não seria possível.

A todos os professores, que passaram por este mestrado, em especial, Elida Liedke, Elisabeth Lucas, Sérgio Baptista e Cláudio Furtado, um grande obrigado.

Finalmente, agradeço aos meus colegas do mestrado que de uma forma ou outra ajudaram na concretização deste trabalho, especialmente à Flávia Santos e à Eufémia Rocha.

## **RELAÇÃO DE FIGURAS**

Figura 1 – Mapa do Arquipélago de Cabo Verde.....	50
Figura 2 – Praia de Santa Mónica.....	51
Figura 3 – Deserto de Viana.....	52
Figura 4 – Aeroporto Internacional da Boa Vista.....	52
Figura 5 – Zona das Barracas .....	71
Figura 6 – Mercado de Peixe em Sal-Rei.....	99
Figura 7 – Grupo de Jovens na Praça de Sal-Rei.....	100
Figura 8 – Jovens na Praia de Diante.....	101
Figura 9 – Jovens e Crianças na Praia (Sal-Rei).....	101
Figura 10 – Nativas e Migrantes no Chafariz de Sal-Rei.....	104

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo I – Interacções Sociais entre Estabelecidos e <i>Outsiders</i>: Identidades Sociais, Representações Sociais e Estigma</b> .....	14
1. Interaccionismo Simbólico.....	14
2. Teoria de Representação Social.....	17
3. A Abordagem de Goffman .....	20
4. Norbert Elias: Configurações e o par Estabelecidos/ <i>Outsiders</i> .....	24
5. Identidade segundo Manuel Castells .....	33
<b>Capítulo II – Enraizamento Histórico da Colonização de Cabo Verde – O Processo da Construção da Identidade Nacional em um Arquipélago</b> .....	37
1. Retrospectiva Histórica: Descoberta e Colonização Europeia do Arquipélago.....	37
2. Construção da Identidade Cabo-verdiana.....	40
3. O Bairrismo e o Particularismo dos Cabo-verdianos.....	46
<b>Capítulo III – Caracterização da Ilha da Boa Vista</b> .....	50
1. Achamento/ Descoberta.....	53
2. Povoamento .....	53
3. Formação da Sociedade Local.....	56
4. História.....	58
5. A Emigração e o Surgimento de um Novo Grupo Social.....	64
6. Factores de Diferenciação entre as Ilhas da Boa Vista e de Santiago.....	66
<b>Capítulo IV – Relação entre Boavistenses e Santiaguenses: Um Choque Cultural?</b> .....	70
1. Caracterização da População Migrante Proveniente da Ilha de Santiago.....	70
2. Atitude dos Boavistenses face à migração dos Santiaguenses à Ilha da Boa Vista..	72
3. Imagem dos Autóctones da Boa Vista em relação aos Migrantes de Santiago.....	79

4. Percepção e Experiência de Discriminação por parte dos Santiaguenses / Imagem dos Migrantes Santiaguenses em relação aos Boavistenses .....	86
5. Tensões e Conflitos entre Boavistenses e Santiaguenses.....	95
6. Interação entre Nativos e Migrantes Santiaguenses nos Espaços Públicos.....	99
<b>Considerações Finais</b> .....	106
<b>Referências</b> .....	114
<b>Anexos</b> .....	118

## INTRODUÇÃO

Veza após outra, no contexto do desenvolvimento cada vez mais rápido dos países, grupos de pessoas abandonam sua terra natal, seja porque vão em busca de emprego e do ganha-pão, seja porque são impelidas por decisões governamentais ou, mesmo quem sabe, pela força das armas, e vão instalar-se noutros lugares, amiúde à porta de grupos mais antigos ou no seio deles.

Exemplo dos mais gritantes é o caso do povo cabo-verdiano, cuja base da economia assenta sobretudo na agricultura. A produção se encontra dependente de um regime pluviométrico irregular, que comanda as possibilidades de cultivo e o sucesso das produções. Quando as chuvas são escassas e não são suficientes para a alimentação, resultam problemas graves no campo do abastecimento, juntamente com o facto de a população apresentar aumentos demográficos quase explosivos, provocando um acentuado desnivelamento entre a mão-de-obra e os postos de trabalho disponíveis.

Sendo assim, o cabo-verdiano transformou-se em um potencial emigrante no contexto ampliado pela circunstância de o arquipélago servir como ponto de passagem nas comunicações marítimas e aéreas entre três continentes (Europa, África e América), articulando-o não só com as novidades que chegam do exterior, como aguçando em sua população a curiosidade de saber o que está para além da linha do horizonte. Esses conjuntos de factores aliados à presença da baleia nos mares do arquipélago, atraindo os navios americanos que se dedicavam, já desde o século XVIII à sua captura, terão facilitado o início dos fluxos migratórios cabo-verdianos que, começando pelos Estados Unidos da América, se lançaram mundo a fora. Do mesmo modo, o contacto com povos e culturas que aportaram às ilhas, certamente também impulsionou a emigração, que se tem seguido para diferentes destinos.

Para além da emigração internacional, em Cabo Verde também existem as migrações internas (inter-ilhas e intra-ilhas). De acordo com o censo de 2000 sobre as migrações (INE, 2000), importa recordar que em Cabo Verde a maioria das correntes migratórias internas são inter-ilhas, sendo que as intra-ilhas são menos expressivas. Uma parte significativa dos movimentos inter-ilhas está orientada em direcção à cidade da Praia, à Ilha do Sal, à cidade do Mindelo e à Ilha do Maio. Nos últimos anos, verificaram-se também movimentos em direcção à ilha de Boa Vista. As possibilidades de emprego que essas ilhas (concelhos) oferecem explicam em parte, os seus elevados caracteres atractivos.

De acordo com o referido censo, entre os 418.455 indivíduos que declararam ter nascido em Cabo Verde, 72.912 (17%) não residem nos concelhos onde nasceram. Tal como as outras ilhas do arquipélago, Boa Vista (conhecida como Ilha das Dunas) foi sempre uma ilha de emigrantes, sendo que a maioria da população se encontra emigrada principalmente na Europa e também em número significativo nas outras ilhas do arquipélago. Mas com o surto dos investimentos turísticos, a situação inverteu-se, sendo excedentárias as entradas em relação às saídas, o que tem contribuído para o aumento da população naquela ilha. De acordo com os dados do Recenseamento Geral – População e Habitação de 2000 (INE, 2000), é de realçar que Boa Vista, apesar do tamanho da sua população, se tornou fortemente atractiva nos últimos anos. Essa alteração da mobilidade pode ser explicada pelo facto de essa ilha ter alguma capacidade de oferta de trabalho, devido aos grandes investimentos turísticos (como havia referenciado) e aos investimentos de infra-estruturas realizados nos últimos tempos (nomeadamente, a construção do aeroporto internacional), atraindo assim um contingente importante de população à procura de trabalho.

De acordo com os dados do referido censo, de 1995 a 2000, a percentual de entrada de migrantes em Boa Vista foi de 61,1% (relação entre o número de entradas numa região e o total de residentes da referida região. Quanto ao percentual de migração líquida, essa era de 46,6% (é a relação entre o saldo migratório de uma região e a sua população média. Esta população média é igual à soma de saídas da região com os não migrantes e a metade do seu saldo migratório). Boa Vista apresentava então, um grau de atracção muito alto (maior que Praia e São Vicente), embora continuasse sendo, ao mesmo tempo, parte de um concelho de emigração, de saída muita alta de migrantes.

É de realçar que as pessoas que procuram a Ilha das Dunas são oriundas de diversas partes do mundo e de diferentes pontos do país, principalmente da Ilha de Santiago. Sendo assim, a presente Dissertação, realizada no âmbito do Mestrado em Ciências Sociais junto da Universidade de Cabo Verde em convénio com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul busca aprender como se dão os processos sociais decorrentes dos processos sociais já referidos no seu título: **“Migração Inter-insular, Interação e Representações Sociais: Relações entre Moradores da Ilha da Boa Vista e Migrantes da Ilha de Santiago”**.

A migração interna se dá quando o local de origem (Ilha/ Concelho) e o de destino (Ilha/Concelho) pertencem ao mesmo território. Portanto, as migrações internas implicam em movimentos das pessoas no interior de um território geográfico definido

(INE, 2000). A migração implica um conjunto de deslocações, que têm como efeito mudança de residência e de interesses, de um certo local de origem ou de partida para um determinado local de destino ou chegada. Já a migração inter-ilhas ocorre quando os concelhos de origem de e de destino não pertencem a mesma ilha.

Neste estudo, se decidiu focalizar a migração inter-insular dos migrantes santiaguenses para a Ilha da Boa Vista, enfocando a interação e as representações sociais que caracterizam as relações entre esses e os moradores nativos da ilha. Cabe deixar desde já registado que os migrantes santiaguenses são nitidamente majoritários na população migrante e, conforme é voz corrente e é relatado inclusive na comunicação social (rádios, jornais), são os que enfrentam as maiores dificuldades ao nível de inserção no novo meio social, sendo, no limite vítimas de estigmatização e exclusão social. Esse é um dos motivos que levou a investigadora a estudar essa problemática: é o facto de ser um tema bastante actual e muito debatido na própria Ilha da Boa Vista ou Ilha das Dunas. Sabe-se que em Cabo Verde sempre existiram rivalidades, mas apenas entre os santiaguenses e as pessoas da Ilha de São Vicente. Os santiaguenses e os boavistenses sempre se deram bem, até antes desse fluxo migratório, daí a ideia e a necessidade de estudar a interação social desses dois grupos no sentido de compreender melhor esse fenómeno de interações sociais marcadas por estigmatização e exclusão social. Outrossim, a escolha do tema deve-se também ao facto de existir um conhecimento por parte da investigadora acerca da realidade em questão, constituindo-se de grande valia para a investigação.

O objectivo geral desta investigação é caracterizar e analisar a interação da população nativa da Ilha da Boa Vista (aqueles que nasceram e que têm ascendência na Boa Vista) com a população migrante de Santiago naquela ilha, bem como fazer um retrato articulado da representação social dos nativos em relação aos migrantes santiaguenses e destes em relação aos nativos e à sociedade de acolhimento. Os objectivos da investigação consistem, em termos mais específicos, no que reporta aos boavistenses, em caracterizar, compreender e explicar as suas representações e atitudes face aos migrantes santiaguenses relativamente à sua presença na ilha, no que se refere à inserção social e às interações sociais. No que respeita aos migrantes santiaguenses pretende-se detectar, compreender e explicar as suas atitudes relativamente à sociedade local para onde se dirigiram, designadamente, no concernente às suas percepções quanto aos nativos e à discriminação e às dificuldades de inclusão social.

As questões que se colocam em termos da presente investigação são: como é a interação social da população nativa da Ilha da Boa Vista com a população proveniente da Ilha de Santiago? Como é que a população autóctone da Ilha da Boa Vista percebe a presença dos migrantes de Santiago na sua ilha? E quais são as percepções dos migrantes de Santiago quanto aos nativos, quanto à discriminação e às dificuldades de inclusão social que enfrentam na Ilha da Boa Vista?

De acordo com pesquisas exploratórias e observações iniciais desenvolvidas quando da elaboração do projecto de pesquisa que embasa a presente Dissertação, definiram-se as seguintes hipóteses: (a) “existem casos de disputas e estigmatização dos migrantes de Santiago no trabalho, por parte dos nativos; (b) existem casos de disputas e estigmatização dos migrantes de Santiago nos espaços de convivência (nos chafarizes, nas praias, parques infantis); (c) a interação positiva entre os nativos da Ilha da Boa Vista e os migrantes de Santiago tende a ser mais intensa nas igrejas; e por fim, (d) a interação entre os nativos da Boa Vista com a população migrante de Santiago é baseada na percepção negativa destes por parte daqueles, tendendo à estigmatização e exclusão social.

Constatou-se que a interação social positiva entre a população nativa da Ilha da Boa Vista e os outros externos (imigrantes da costa ocidental africana, imigrantes italianos e os migrantes das outras ilhas) tende a ser mais intensa do que a interação com os migrantes de Santiago.

De acordo com a linha de argumentação do interaccionismo simbólico, de que as acções individuais ou colectivas resultam das interpretações que os indivíduos fazem das acções dos outros, nesta Dissertação buscar-se-á sustentar que os migrantes santiaguenses interpretam como formas de sua estigmatização e exclusão social, as representações sociais e as atitudes sustentadas pelos nativos da Ilha da Boa Vista. Com base nessa interpretação aqueles se posicionarão e agirão ou reagirão enquanto *outsiders* às acções desses últimos. Simultaneamente, os nativos também irão interpretar as acções dos migrantes santiaguenses em termos de comportamentos de rejeição e exclusão.

Em suma, esta Dissertação pretende caracterizar o relacionamento entre os dois grupos supracitados, as suas vivências, visto que, a cada dia que passa, o fluxo de pessoas que migram da Ilha de Santiago para a Ilha da Boa Vista é maior. Em muitos casos, a família inteira se desloca para a ilha à procura de emprego e de melhores condições de vida. De acordo com algumas constatações da pesquisa realizada, esses

migrantes são vítimas de preconceito: “tudo de mal” que acontece na ilha, o culpado é sempre o *badiu*. Devido a esse preconceito, essa camada da população sofre inúmeras dificuldades a nível de inserção na sociedade local boavistense, facto que será constatado no desenvolver desta pesquisa.

Nesta Dissertação é considerado que na Ilha da Boa Vista ocorre essa distinção de modo generalizado: de um lado, temos os nativos que se acham superiores e de outro, os *badius* que são considerados desordeiros.

Antes de mais, convém fazer referência à origem e ao significado da referida palavra, visto que irá ser utilizada inúmeras vezes no presente estudo. *Badiu* no idioma do crioulo de Cabo Verde deriva provavelmente do português vadio, que se aplicava aos escravos fugidos ao domínio dos senhores e que optavam por viver em comunidades remotas no interior das ilhas (Batalha, 2004: 299). O termo foi inicialmente utilizado nos estudos sobre Cabo Verde para designar indivíduos recém egressos da escravidão, que não possuíam elementos que possibilitassem a sua integração na sociedade “de homens livres”, vivendo em estado de dependência material, social e moral, o que dificultava o seu engajamento ao tipo de liberdade que experimentavam.

O ex-escravo tornara-se livre para buscar sua sobrevivência, é certo, mas dentro de um sistema que o excluía das relações de produção e dos fluxos de rendas necessários á sua afirmação, como uma categoria social à parte. O fim da escravidão (há cerca de 200 anos) não significou o início de uma vida autónoma, visto que os indivíduos deixaram de ser escravos para se tornarem “vadios”, por falta de alternativas no que se refere à obtenção de fontes regulares de sustento e pela inadaptação às exigências para as formas de ocupação disponíveis (Fernandes, 2002: 91). Interessa salientar que Gabriel Fernandes (2002: 91) afirma que, partindo de alguns dados e da análise das condições sociais que estiveram na sua origem, chega-se à conclusão de que a figura do “vadio” existiu em todas as ilhas de Cabo Verde, já que nenhuma se viu livre do regime escravista.

Recentemente, *badiu* é uma categoria que os cabo-verdianos aplicam sobretudo aos habitantes da Ilha de Santiago (independentemente do seu estatuto sociocultural e inserção económica), tidos como os que têm maior ligação à população escrava de origem africana. A ilha é vista como uma espécie de cavalo de Tróia africano no seio de uma “nação” que se auto define essencialmente mais como crioula europeia do que africana, de acordo com Batalha (2004: 299). *Badiu* opõe-se a *sampadjudo*, essa última categoria é usada para identificar os cabo-verdianos das outras Ilhas (Santo Antão, São

Vicente, São Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Fogo e Brava). Como se percebe, *badiu* é usado no sentido pejorativo, como forma de discriminação dos santiaguenses por parte das pessoas das outras ilhas.

Qualquer investigação social contém em si um conjunto de princípios básicos pelos quais se busca reger para levar a cabo seus objectivos. Contudo, os procedimentos metodológicos não mostram ser inflexíveis ao ponto de não poderem ser estruturados, organizados e aplicados de acordo com a natureza da investigação e do objecto de estudo. Com efeito, uma adaptação dos métodos quanto ao (s) fenómeno (s) em questão se impõe. Em primeiro lugar, convirá de maneira deveras sintética explicitar o que é um método. Com efeito, “um método é uma estratégia integrada de pesquisa que organiza criticamente as práticas de investigação, incidindo nomeadamente sobre a selecção e articulação das técnicas de recolha e análise da informação” (Almeida e Pinto, 1995: 93). Desse modo, os procedimentos constituem uma etapa crucial em qualquer investigação.

São vários os autores a defender que certos princípios fundamentais, a saber, a ruptura, a construção e a verificação, devem permear todo e qualquer trabalho de investigação em ciências sociais. Realmente, estes três actos de procedimentos científicos são apresentados por Quivy e Campenhoudt (1998) num percurso de sete etapas, sendo elas: (1) a pergunta de partida, (2) a exploração, (3) a problemática, (4) a construção do modelo de análise, (5) a observação, (6) a análise das informações e, por fim, (7) as conclusões.

No que concerne à ruptura, há que salientar que esta “consiste precisamente em romper com os preconceitos e as falsas evidências, que somente nos dão a ilusão de compreendermos as coisas” (Quivy e Campenhoudt, 1998: 26). Em termos gerais, trata-se da ruptura com o senso comum, do qual as ciências sociais dificilmente estão imunes, devido parcialmente ao facto de as ciências sociais não possuírem uma linguagem conceptual rigorosa, que lhes seja específica ou exclusiva, como é o caso das ciências naturais. Ademais, os indivíduos produzem representações sociais dos seus objectos de estudo das ciências sociais. É de referir ainda que os próprios investigadores integram a estrutura social, sendo que também ocupam uma posição na mesma, posição essa que conduz a apreciações sobre a realidade social (Bourdieu, 1994).

Sendo assim, de modo a atingir os objectivos previamente fixados, foi utilizada uma abordagem qualitativa, consubstanciada com uma pesquisa documental e recorrendo preferencialmente, como técnica de recolha de dados, à entrevista semi-

directiva ou semi-estruturada. Parte das entrevistas foi realizada no início de Julho de 2008 e as restantes em finais de Agosto e início de Setembro do mesmo ano. Foram feitas 26 entrevistas. É de realçar que dos 26 interlocutores, 12 são nativos da Boa Vista e 14 são migrantes santiaguenses. Por seu lado, dos 12 boavistenses entrevistados, seis são do sexo feminino e seis do sexo masculino. Quanto aos migrantes santiaguenses, oito pertencem ao sexo feminino e seis fazem parte do género masculino. A idade dos interlocutores varia dos 24 a 54 anos. Esses possuem diferentes níveis de escolaridade (desde a 4<sup>a</sup> classe ao curso superior) e ocupam diversas categorias profissionais (economista, consultor, condutor, doméstica, empregada de limpeza, varredeira de rua, comerciante, funcionário público, professora do ensino básico e do pré-primário, marceneiro, empregado de escritório, empregada comercial, policia, peixeira, pedreiro, empregada de bar, vendedor e pescador). Nesta Dissertação tentou-se proteger a identidade dos interlocutores; para tal, se utilizou nomes fictícios.

Outra técnica utilizada, não menos importante, foi a observação participante, o método por excelência adoptado em estudos interaccionistas. É de realçar que a escolha do método e/ou técnica mais adequados depende de vários factores, entre os quais se destacam os objectivos de estudo, a natureza das variáveis a contemplar, o tipo de análise pretendido, o contexto em que o estudo é realizado, os recursos humanos e materiais disponíveis e os limites de tempo impostos à investigação (Ilhéu, 1986 *apud* Neves, 2004: 72).

A pesquisa bibliográfica e documental foi utilizada de modo a analisar e comparar estudos e/ou investigações já realizados sobre o assunto, como por exemplo, a obra de Norbert Elias “Os Estabelecidos e os *Outsiders*”, as obras de Erving Goffman, nomeadamente, “A Representação do Eu na Vida Quotidiana e “Estigma”.

Quanto à técnica da entrevista, essa permitiu obter informações junto à população alvo. Moser e Kalto (1971: 271), descrevem a entrevista como “uma conversa entre um entrevistador e um entrevistado que tem como objectivo extrair determinada informação do entrevistado”, de modo a melhor apreender informações correntes fornecidas pelo entrevistado. De acordo com Bell (1997), a grande vantagem da entrevista é a sua adaptabilidade. Diz ainda que um entrevistador habilidoso consegue explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos, coisa que o inquérito nunca poderá fazer. O tipo de entrevista ora utilizado foi o de entrevista semi-directiva ou semi-estruturada “no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas.

Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guia, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação por parte do entrevistado” (Quivy e Campenhoudt, 1988: 192). Desta forma, pretende-se que o entrevistado possa falar abertamente, expondo as suas percepções e as experiências pela ordem que deseja. Com efeito, a escolha dessa técnica de recolha de dados deve-se essencialmente à sua “flexibilidade e fraca directividade do dispositivo que permite recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores, respeitando os próprios quadros de referência, a sua linguagem e as suas categorias mentais” (Quivy e Campenhoudt, 1998: 194). No processo de entrevista, utilizou-se um gravador áudio como instrumento de apoio. A sua utilização dependeu de um acordo prévio com cada um dos 26 entrevistados.

No que concerne ao método da observação participante, já referido, esse constitui um método por excelência dos estudos interaccionistas, propiciando ao pesquisador “assumir o papel do outro” e ver o mundo através “dos olhos dos pesquisados” (Haguette, 2007: 59). De acordo com Quivy e Campenhoudt (1998: 163), esta fase da pesquisa consiste na construção do instrumento capaz de recolher ou de produzir a informação prescrita pelos indicadores. Essa operação apresenta-se de diversas formas, consoante se trata de uma observação directa ou indirecta. A observação directa é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação. Aqui a observação incide sobre todos os indicadores pertinentes previstos. Tem como suporte um guia de observação que é construído a partir desses indicadores e que designa os comportamentos a observar. O investigador regista directamente as informações: os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada. Essa é recolhida directamente pelo observador. No caso da observação indirecta, o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada. Ao responder às perguntas, o sujeito intervêm na produção da informação.

Neste estudo procedeu-se à observação directa da população-alvo em diferentes espaços públicos, onde os dois grupos em análise se encontravam, por exemplo, nas praias, no mercado de peixe, nas praças, nas discotecas, etc. Tal como as entrevistas, a observação foi feita em duas etapas; a primeira decorreu nos primórdios de Julho de 2008 e a segunda em início de Agosto e finais de Setembro do mesmo ano. Observou-se o dia-a-dia dos moradores nos locais supra mencionados. A investigadora usou como

suporte um bloco de papel onde anotava tudo o que via para posteriormente seleccionar os factos mais relevantes.

Um importante acto do procedimento científico traduz-se na construção com base na qual se vai proceder à verificação empírica. O sustento teórico é a condição “*sine qua non*” subjacente à observação do que se entende como facto, pois a edificação de um quadro conceptual de referência constitui um instrumento imprescindível de trabalho.

Sendo assim, para a análise do objecto empírico recorreu-se ao interaccionismo simbólico, sobretudo às contribuições de Goffman. Também utilizou-se, a abordagem das representações sociais de Moscovici e de Jodelet, bem como a teoria de configurações e o par conceptual estabelecidos/ *outsiders* proposto por Nobeit Elias e por fim, o conceito de identidade de Manuel Castells.

O interaccionismo privilegia a interacção entre os indivíduos, a intersubjectividade, os significados das relações sociais entre ego e alter em detrimento da objectividade da estrutura social (Haguette, 2007). Situa-se numa perspectiva fenomenológica e concebe a ordem social como efeito provisório das interacções individuais ou grupais com seus diversos códigos de significados, constantemente em processo de construção (ou desconstrução), fornecendo regras e normas para as acções dos indivíduos, para a negociação de significados, sanções, hierarquias e das próprias normas.

O estudo das representações sociais enquanto processo gera uma análise aprofundada do que se considera o senso comum e, por conseguinte, a percepção de diversidades, suas lógicas e incoerências. Portanto, a sociologia pode utilizar o conceito como um importante instrumento na análise da realidade social, uma vez que ele permite visualizar as concepções que os grupos constroem a respeito do mundo. O pensamento sobre o mundo social será fortemente tributário das trocas na interacção, dinamizando permanentemente a construção da realidade social. As concepções que temos das coisas, as formas a que recorreremos para interpretar as mais diversas situações, surgem e estruturam-se em resultado dessas trocas, no confronto que os indivíduos realizam com as suas mútuas crenças e opiniões, isto é, num processo marcadamente relacional. Na era em que vivemos, marcada por incertezas, a expressão das representações sociais pode actuar de forma importante na compreensão de questões contemporâneas.

Relativamente ao conceito de estigma, de acordo com Goffman (1988: 1) significa marca ou impressão e emprega-se como um indicativo de uma degenerescência: os estigmas do mal, da loucura, da doença. Segundo o autor, na Antiguidade Clássica, através do estigma, procurava-se tornar visível qualquer coisa de extraordinário, mau, sobre o *status* de quem o apresentasse. O estigma “avisava” a existência de um escravo, de um criminoso, de uma pessoa cujo contacto deveria ser evitado.

Quanto à teoria de configuração e o par conceptual estabelecidos/ *outsiders* proposto por Norbert Elias (2000), esses têm por base um estudo realizado numa pequena comunidade que apresentava no seu interior uma evidente divisão, embora aparentemente apresentasse uma relativa homogeneidade segundo indicadores sociológicos correntes (renda, educação, ocupação, religião, etc.). Havia dois grupos: os estabelecidos, moradores do local desde longa data e os *outsiders*, um grupo novo de residentes. Sendo assim, nessa comunidade, observou-se a situação de estabelecidos/*outsiders*, isto é, o grupo estabelecido atribuía aos seus membros características humanas superiores, excluindo todos os membros do outro grupo do contacto social não profissional. O controle social era mantido por meio das fofocas do tipo elogiosa e depreciativa. A peça central dessa configuração era um equilíbrio instável de poder. Esse diferencial de poder era baseado único e exclusivamente no tempo de residência dos moradores do bairro em análise. Devido a esse diferencial de poder, o grupo dos estabelecidos considerava-se humanamente superior em relação ao grupo dos *outsiders*.

Manuel Castells (2008) considera a identidade como um processo de construção de significado baseado em um atributo ou conjunto de atributos culturais interrelacionados. O autor defende que para um determinado indivíduo, ou ainda um actor colectivo, pode haver identidades múltiplas geradoras de contradições e tensões, tanto na auto-representação como na acção social. Castells determina três formas e origens de construção de identidades: a primeira é a identidade legitimadora, a segunda é a identidade de projecto e por fim, a identidade de resistência.

É de referir que as teorias anteriormente mencionadas se encontram articuladas entre si. Por exemplo, o interaccionismo simbólico, a perspectiva dramaturgica do quotidiano de Goffman e a teoria de configuração, contemplando o par estabelecidos/*outsiders* de Elias, têm o intuito de examinar as interações sociais dos indivíduos em grupo e em situações de co-presença física. Este exame constitui o

objectivo primordial da presente pesquisa, isto é, analisar a interação social de dois grupos (migrantes santiaguenses e nativos boavistenses) em diversas situações sociais.

A perspectiva interaccionista se aproxima também da abordagem de representação social, visto que ambas defendem que o indivíduo tende a adoptar determinados comportamentos com base em interpretações que fazem das acções dos outros. É de realçar aqui que tantos os migrantes santiaguenses como os nativos da Boa Vista adoptam determinados comportamentos e atitudes em relação aos seus pares, com base em interpretações que eles mesmos ou o seu grupo fazem das acções do grupo rival.

Norbert Elias, através do par conceptual estabelecidos/ *outsiders*, se aproxima de Goffman quando o autor discute o conceito de estigma. Considera-se que ambos os autores apontam que quando, nas relações sociais, existem dois grupos rivais, um deles se considera estabelecido – normal, em oposição ao outro, formado por *outsiders* – estigmatizados, os quais são sempre tidos como os maus da fita, os inferiores, os ruins.

Finalmente, consta a verificação, ou terceiro acto do processo, que consiste em confrontar os dados teóricos com a realidade observada. Para içar o conhecimento ao estatuto de ciência, de modo a produzir conhecimento científico, a constatação de evidências empíricas factual impõe-se. Sendo assim, para o tratamento e análise dos dados recolhidos, recorreu-se à análise de conteúdo das entrevistas. Cappelle et al, (2003: 2; citando Minayo, 2000) afirma ser um método mais comumente adoptado no tratamento de dados de pesquisas qualitativas. A análise de conteúdo constitui “um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (Baldin, 1979: 42, *apud* Cappelle et al, 2003: 3).

Uma grande limitação encontrada na elaboração da presente pesquisa prende-se ao facto de a investigadora ser nativa da Boa Vista. Durante a realização das entrevistas com os migrantes de Santiago, muitos deles, ao falarem do seu ponto de vista acerca dos nativos da Boa Vista, não o fizeram da maneira mais espontânea. Por outro lado, em relação aos nativos, estes mostraram muita abertura e foram muito prestativos, tanto que, mesmo quando não era intenção da investigadora a recolha de determinados tipos de dados, contribuíram com o fornecimento de informações que vieram a se revelar valiosas para a pesquisa.

Uma outra lacuna prende-se ao facto de a maioria dos interlocutores, tanto os migrantes santiaguenses como os autóctones da Boa Vista, se sentirem completamente inibidos perante o gravador-áudio e não conseguirem se expressar da melhor forma. Na ausência desse instrumento, notou-se que eles se sentiam mais à vontade. Dessa forma e de modo a reduzir essa dificuldade, após o período de entrevistas, havia sempre uma fase de conversação mais informal e logo em seguida a investigadora tentava escrever o máximo de informação possível retida ao longo da conversa informal. É de realçar que, após a aplicação das entrevistas, optou-se pela transcrição integral de tudo quanto foi dito pelos entrevistados. De acordo com Moreira (1994) “a transcrição integral oferece a vantagem de permitir todos os tipos de análise. Pode-se não saber quais são os aspectos analíticos no momento em que se faz a transcrição, mas ao fazê-la de forma integral, cria-se a possibilidade de não se perder dados” (Moreira, 1994: 142). Mais tarde, aponta o autor, esses dados podem vir a ter uma certa utilidade e um enorme significado de modo a aprofundar outros assuntos.

As falas utilizadas na presente Dissertação respeitaram a língua em que os interlocutores se expressaram, pelo facto de em Cabo Verde coexistirem duas línguas com estatuto e funções diferentes: o português, que é a língua oficial, e a língua cabo-verdiana ou também conhecida como crioulo, que é a língua materna. Essa nasceu da mistura de diversas línguas de povos oriundos de várias regiões, postos em contacto uns com os outros, longe dos respectivos continentes de origem. Os seus vocábulos são originários do português adaptado à linguagem dos africanos. Segundo o Decreto - Lei n.º 67/98, I Série, n.º 48, 7º Suplemento B. O. de 31 de Dezembro de 1998, ao português estarão reservadas as funções de comunicação formal: administração, ensino, literatura, justiça, mass-média. Ao crioulo estão reservadas as funções de comunicação informal, particularmente no domínio da oralidade. O citado Decreto-lei aprovou a título experimental o Alfabeto Unificado para a Escrita da Língua Cabo-verdiana (ALUPEC). Sendo assim, as falas na sua quase totalidade foram transcritas em língua cabo-verdiana, com as respectivas traduções para o português, colocadas em notas de rodapé, excepto a fala de um interlocutor nativo que optou por se expressar na língua portuguesa.

A presente Dissertação divide-se em quatro Capítulos. O primeiro Capítulo trata do enquadramento teórico e divide-se em cinco secções: a primeira secção intitula-se “Interaccionismo Simbólico”; a segunda, “Teoria das Representações Sociais”; quanto à terceira sessão, essa tem como título “A Abordagem de Goffman”, onde se faz referência ao conceito de estigma, a quarta secção trata da “Teoria de Configuração,

Estabelecidos/*Outsiders*” do sociólogo Norbert Elias e por fim, a quinta sessão se refere ao “Conceito de Identidade de Manuel Castells”. O segundo Capítulo faz alusão ao “Enraizamento Histórico da Colonização de Cabo Verde – O Processo da Construção da Identidade Nacional em um Arquipélago” e inclui três secções que se intitulam: “Retrospectiva histórica: descoberta e colonização do arquipélago; “Construção da Identidade Cabo-verdiana” e “O Bairrismo e o Particularismo dos Cabo-verdianos”. Posteriormente, no terceiro Capítulo apresenta-se a “Caracterização da Ilha da Boa Vista”, a sua descoberta/ achamento, o seu povoamento, a formação da sociedade local, a sua história, a emigração e o surgimento de um novo grupo social, e por último, os factores de diferenciação entre as Ilhas da Boa Vista e de Santiago. Finalmente, o quarto Capítulo se intitula “Relação entre boavistenses e santiaguenses: um choque cultural?” encontra-se dividido em seis secções: “Caracterização da População Migrante da Ilha de Santiago”; “A Atitude dos Boavistenses face à Migração dos Santiaguenses à Ilha da Boa Vista”; “Imagem dos Autóctones da Boa Vista em relação aos Migrantes de Santiago”; “Percepção e Experiência de Discriminação por parte dos Santiaguenses/ Imagem dos Migrantes Santiaguenses em relação aos Boavistenses”; “Tensões e Conflitos entre os Boavistenses e Santiaguenses”; e, por fim, “Interação entre Nativos e Migrantes nos Espaços Públicos”. Ao final desta Dissertação procede-se às Considerações Finais.

## CAPÍTULO I

# INTERACÇÕES SOCIAIS ENTRE ESTABELECIDOS E *OUTSIDERS*: IDENTIDADES SOCIAIS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ESTIGMA

A presente Dissertação tem como objectivos principais caracterizar e analisar a interacção da população nativa da Ilha da Boa Vista com a população migrante de Santiago naquela ilha, bem como a análise da representação social dos nativos em relação aos migrantes santiaguenses e destes em relação à sociedade local. Em termos mais específicos pretende-se, do ponto de vista dos autóctones, caracterizar, compreender e explicar as suas representações e atitudes face aos migrantes santiaguenses relativamente à sua presença na ilha, no que se refere à inserção social e às interacções sociais. No que diz respeito aos migrantes santiaguenses, pretende-se detectar e compreender as suas percepções acerca de aspectos como a discriminação e a inclusão social.

Este capítulo tem como intuito apresentar e discutir as principais orientações teóricas adoptadas neste trabalho de investigação.

### 1. Interaccionismo Simbólico

Os fundadores da escola do interaccionismo simbólico (em finais do século XIX) foram Charles Horton Cooley (1864-1924), W.I.Thomas (1863-1947) e George Herbert Mead (1863-1931). No entanto o termo “interaccionismo simbólico” foi cunhado por Herbert Blumer em 1937. Os pontos comuns aos três autores envolvem as concepções da sociedade como um processo do indivíduo e da sociedade como estritamente inter-relacionados e do aspecto subjectivo do comportamento humano como uma parte necessária no processo de formação e manutenção dinâmica do “*self*” social e do grupo social (Haguette, 2007: 25).

De acordo com a interpretação de Blumer (1969: 82), a análise de George Mead baseada na interacção simbólica assume que a sociedade humana é feita de indivíduos que têm “*selves*” (isto é, que fazem indicações para si mesmos); que a acção individual é uma construção e não um dado, erigida pelo indivíduo através da percepção e interpretação das características das situações nas quais ele actua; que a acção grupal ou colectiva consiste do alinhamento de acções individuais trazidas pelas interpretações que os indivíduos alocam às acções dos outros ou consideram em termos de acção de

cada um (Haguette, 2007: 28). Portanto, a sociedade humana deve ser vista como constituída de pessoas em acção e a vida da sociedade deve ser vista como constituída das suas acções. As unidades actantes podem ser indivíduos separados, colectividades cujos membros agem conjuntamente com vistas a uma acção comum, ou organizações actantes em benefício a uma constituência. Quando os migrantes santiaguenses se deslocam a Boa Vista, eles interagem com os nativos. Esta interacção tende a ser de diferentes tipos e em diferentes situações, pode ser no trabalho, na escola, na igreja, nas discotecas, nos bares, nas praças, nos chafarizes, etc. A relação varia ou difere conforme o lugar e o tipo de situações.

Segundo Haguette (2007: 29), na visão de George Mead o ser humano possui um *self*, isto quer dizer que da mesma forma que o indivíduo age socialmente com relação a outras pessoas, ele interage socialmente consigo mesmo. Torna-se objecto das suas próprias acções. O *self* é formado através das “definições” feitas por outros que servirão de referencial para que ele possa ver-se a si mesmo.

Blumer, inspirado em Mead, conforme Teresa Haguette (2007: 35) aponta três premissas básicas do interaccionismo simbólico: 1- o ser humano age com relação às coisas na base dos sentidos que elas têm para ele. Estas coisas incluem todos os objectos físicos, outros seres humanos, categorias de seres humanos (amigos ou inimigos), instituições, ideias valorizadas (honestidade), actividades dos outros e outras situações que o indivíduo encontra na sua vida quotidiana; 2- os sentidos destas coisas são derivados ou surgem da interacção social que alguém estabelece com seus companheiros; 3- estes sentidos são manipulados e modificados através de um processo interpretativo usado pela pessoa ao tratar as coisas que ela encontra.

Na óptica de Haguette (2007: 36), a interacção, ao fundar-se nas premissas supracitadas, permite desenvolver um esquema analítico da sociedade humana e da conduta humana que envolve certas ideias básicas relacionadas com a natureza das seguintes matérias: grupos humanos ou sociedades, interacção social, objectos, o ser humano como actor, a acção humana e as inter-conexões entre as linhas de acção. Segundo a autora, numa visão do conjunto, estas ideias representam a forma como o interaccionismo simbólico vê a sociedade humana e a conduta.

A sociedade humana ou a vida humana em grupo é vista como constituída de pessoas que interagem, isto é, pessoas em acção que desenvolvem diferentes actividades que as colocam em diversas situações. O princípio fundamental é que os grupos humanos, bem como a sociedade “existem em acção” e devem ser vistos em termos de

acção. E é por meio deste processo de permanente actividade que as estruturas e as organizações são estabelecidas. Sendo assim, a vida do grupo pressupõe necessariamente a interacção entre os membros do grupo, isto é, a sociedade é constituída de indivíduos que interagem uns com os outros e cujas actividades são respostas de um a outro, ou em relação de um a outro. Sendo assim, torna-se claro que a interacção não pode ser tratada (embora admitida) meramente como um meio através do qual as determinações do comportamento passam a produzir o próprio comportamento. Segundo constatações da investigadora, pelo facto de acharem que tudo de mal que acontece na ilha, o culpado é sempre o *badiu*, ou pelo facto de a ilha enfrentar vários problemas sociais, concebem os migrantes como sendo os principais causadores desses problemas. Neste sentido, os nativos têm a tendência a discriminar os migrantes de Santiago.

O sentido dos objectos para uma pessoa surge essencialmente da maneira como eles são definidos por outras pessoas que com ela interagem, que constitui o meio envolvente de qualquer pessoa, unicamente dos objectos que esta pessoa reconhece. Assim, para que se compreenda a acção das pessoas, é necessário que se identifique o seu mundo de objectos. Os objectos (em termos do seu sentido) são criações sociais, isto é, são formados a partir do processo de definição e interpretação através da interacção humana. A vida de um grupo humano dentro da perspectiva interaccionista representa um vasto processo de formação, sustentação e transformação de objectos, na medida em que seus sentidos se alteram, alterando o mundo das pessoas.

Na perspectiva de Blumer (1969: 15, *apud* Haguette, 2007: 37), o ser humano é capaz de fazer “indicações” para si mesmo. Isto quer dizer que, ao confrontar o mundo dos objectos que o rodeia, ele deve interpretá-lo a fim de agir. Constrói um “guia de acção” à luz desta interpretação e não somente responde aos factores que sobre eles actuam. Portanto, o ser humano vai construir uma linha de conduta na base de como ele interpreta os vários sinais que ele nota. Por exemplo o *badiu*, ao notar que os nativos não gostam dele, tende a agir de modo a afrontar o nativo, ou então, tende a agir na defensiva.

A perspectiva interaccionista vai completamente em desacordo com certas visões existentes tanto na psicologia como nas ciências sociais, que ignoram o processo de auto-interacção, através do qual o indivíduo manipula o seu mundo e constrói a sua acção. Segundo Haguette (2007: 38), para Blumer as normas de acção humana se aplicam tanto para a acção individual como para acção colectiva. Afirma que a acção

conjunta ou a acção colectiva é constituída por meio de um processo interpretativo, quando a colectividade enfrenta situações nas quais é chamada a agir. Esta acção, apesar de ser composta da actividade de diferentes linhas da acção dos indivíduos componentes, não constitui o somatório destas acções. A acção conjunta tem sempre que operar através de um processo de “formação”, isto é, embora certas acções conjuntas aparentemente exibem formas estabelecidas e repetitivas de acção, cada uma dessas instâncias deve ser formada novamente. Aqui, Blumer vai criticar também as visões dominantes na literatura das ciências sociais que encaram estas formas repetitivas da acção conjunta como a forma natural da vida humana em grupo. Elas crêem que a sociedade humana existe sob a forma de uma ordem estabelecida de vida através da aderência a um conjunto de regras, normas, valores e sanções, por exemplo, o conceito de “cultura” e de “ordem social”. Na óptica de Blumer, não é verdade que são as regras que criam e sustentam a vida em grupo, mas é o processo social de vida em grupo que cria e mantém as regras.

## 2. Teoria da Representação Social

A teoria da representação social tem como importante contribuição a de Serge Moscovici (1994), psicólogo social francês fundamentado no conceito de representações colectivas desenvolvido por Émile Durkheim. Segundo Nóbrega (2003) *apud* (Silva et al, 2009: 5), Moscovici propõe uma nova concepção teórico-conceptual capaz de responder as questões originárias dos problemas da modernidade.

Afirma Moscovici que

*as representações são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e relações com o meio, o de uma acção que modifica uns e outros, e não o de uma produção, nem o de uma reacção a um determinado estímulo exterior. São sistemas que têm uma lógica própria e uma linguagem particular, uma estrutura de implicações que se referem tanto a valores como a conceitos (com) um estilo de discurso próprio. Não as consideramos como opiniões sobre, nem imagens de, mas como “teorias”, como “ciências colectivas” sui generis, destinadas à interpretação e à construção da realidade (Moscovici, 2003 *apud* Arruda, 2002: 137-138).*

Serge Moscovici ressalta que a teoria das representações sociais estuda a maneira pela qual os indivíduos buscam compreender o mundo que os cercam. Portanto,

estudá-las é considerar que os seres humanos não apenas manipulam informações ou agem sem explicações, mas sobretudo, pensam.

De facto como afirma Márcio de Oliveira (1999, *apud* Horochovski, 2004: 97) a noção de representação trabalhada por Durkheim possibilitou a percepção de acções colectivas, independentemente do carácter económico, político, social ou cultural. Na sua óptica, o autor do referido termo objectivou através das representações, compreender o grupo "*nas suas relações com os objectos que o cercam*". Outra possibilidade propiciada pelas representações é entender os comportamentos colectivos no espaço e no tempo em que são produzidos.

Conforme Reigota (2002: 2), Moscovici afirma que as representações sociais são oriundas do senso comum que se tem sobre um determinado tema, e portanto, são constituídas por ideologias, preconceitos e características específicas das actividades quotidianas sociais e profissionais. Já, segundo Horochovski (2004: 98), o autor percebe as representações como entidades "quase tangíveis", presentes na realidade, que se manifestam em palavras e expressões, em produções e consumo de objectos, em relações sociais. Para o autor, por um lado "correspondem, à substância simbólica, que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância, tal como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica" (Horochovski, 2004: 98).

Serge Moscovici (1985) questiona se as representações sociais na sociedade actual são equivalentes aos mitos e crenças nas sociedades ditas primitivas? Remetem-se, portanto, à maneira que os homens pensam, agem, procuram compreender o sentido das suas acções e pensamentos. Seu estudo "se focaliza na maneira pela qual os seres humanos tentam captar e compreender as coisas que os circundam e resolver 'os lugares comuns' e quebra-cabeças que envolvem seu nascimento, seus corpos, suas humilhações, o céu que vêem, os humores do seu vizinho e o poder a que se submetem" (Moscovici, 1985: 2; *apud* Horochovski, 2004: 99).

A psicologia social vê as representações como fenómeno, que possui mobilidade e circularidade, diferente da estaticidade presente em Durkheim. Moscovici lida com as representações de forma genérica, como um conceito que envolve a ciência, o mito, a religião, entre outros. Em Durkheim tratava-se de representação colectiva, a qual posteriormente passou a ser denominada de representação social. A substituição de colectiva para social é, desta forma, uma maneira de acentuar essa diferença: ela deixa de ser um conceito que explica o conhecimento e crenças de um grupo para se tornar um

fenómeno que exige explicação e que produz conhecimento. As representações são, então, uma maneira de interpretar e comunicar, mas também de produzir e elaborar conhecimentos.

As representações sociais têm como objectivo transformar o desconhecido em conhecido, o não familiar em familiar. Tornar o estranho, o perturbador em algo próximo, íntimo, é seu intuito. Esse processo transformador é determinado pela linguagem, imagem e ideias compartilhadas por um dado grupo.

No entanto, existe uma outra abordagem referente às “representações sociais”, desenvolvida pela pesquisadora Denise Jodelet (2002). Esta alega que as “representações sociais” são uma forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, com o intuito prático, que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (Arruda, 2002: 138). De acordo com algumas constatações, grande parte dos nativos da ilha da Boa Vista não encara a presença dos externos na sua terra de maneira positiva. Este sentimento é comum, foi socialmente elaborado, é socialmente compartilhado e vai ao encontro das ideias defendidas pela autora. Ela defende que a representação social deve ser estudada articulando elementos afectivos, mentais e sociais, integrando, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, as relações sociais que afectam as representações e a realidade material, social e ideal sobre a qual eles vão intervir. Jodelet (2002; *apud* Arruda 2002: 139) sugere que, para abarcar o conjunto de componentes e relações contidos na representação social, vista como saber prático, é preciso responder a três perguntas importantes: quem sabe, e a partir de onde sabe? O que e como se sabe? Sobre o que se sabe, e com que efeito?

Essas três perguntas dizem respeito a três planos que ela sintetizou no seguinte: as condições de produção e de circulação das representações sociais; os processos e estados das representações sociais; e o estatuto epistemológico destas (relação da representação com o real). A partir do estudo de Moscovici (1961), passando por Jodelet, (1989) percebe-se que a representação social constitui um modo de conhecimento sociocêntrico, que segue as necessidades, os interesses e desejos do grupo, o que introduz uma certa “decalagem” com relação ao objecto em construção. Os estados da representação social caracterizam-na como um saber social, conduzindo ao estudo do fenómeno de natureza cognitiva, orientadas por marcas sociais e as condições da sua génese. Tal estudo apoia-se no conteúdo dessas representações e se dá com base no suporte desses conteúdos: a linguagem, contida em documentos, práticas, falas,

imagens e outros. Jodelet (1989) introduz também, as condições da produção das representações, ou seja, as grandes responsáveis pela possibilidade de explicação, de interpretação do sentido que os grupos atribuem ao objecto representado. Para a autora, toda representação é representação de alguém e de alguma coisa. Toda representação se refere a um objecto e tem um conteúdo. E “alguém” que o formula é um sujeito social, imerso em condições específicas de seu espaço e tempo. Portanto, Jodelet (2002) propõe três grandes ordens de factores a serem levados em conta como condições de produção das representações: a cultura (tomada no sentido amplo e no mais restrito), a comunicação e a linguagem (intra-grupo, entre grupos e de massas) e a inserção sócio-económica, institucional, educacional e ideológica (Arruda, 2002: 140).

### 3. Abordagem de Goffman

Na óptica de Goffman (1991), ao nível do *self*, e perante a sua consciência reflexiva, o indivíduo crê possuir um conjunto de atributos que o singularizam em relação aos demais. Este conjunto de atributos é designado de imagem real. No entanto, as expectativas dos outros levam-no a atribuir a si próprio um conjunto de atributos que constituem a sua imagem virtual. É precisamente neste “jogo” de expectativas, que se constitui o quadro (*frame*) em que decorre a interação social.

O autor supracitado introduz uma outra problemática, a de assumir papéis sociais, que coloca a questão da alteridade. O autor define papel social não só como um conjunto de regras ou modelos de acção pré-estabelecidos socialmente, que definem um sistema de valores e de atitudes através dos quais se regulam os comportamentos e as expectativas dos indivíduos em cada situação particular, mas principalmente aponta que o desempenho desses papéis depende da capacidade interpretativa e estratégica do actor. Goffman, reafirma que o processo de interação é sempre dependente da quantidade e da capacidade de manipulação da informação que cada actor consegue realizar no contexto de cada situação particular. Os desempenhos dos actores sociais podem ou não coincidir com as expectativas normativas adstritas aos papéis, que a preservação das normas da identidade pode resultar tanto em desvios como em conformidades (Goffman, 1988: 138).

Goffman (1988: 149) refere que os desviados “não são pessoas, mas sim perspectivas geradas durante os encontros sociais, em virtude de normas não cumpridas que eventualmente actuam sobre o encontro.” Ele no entanto, distingue o desvio e o comportamento desviante, reflectindo os efeitos de cada um na ordem social, iniciando

com a noção muito geral de um grupo de indivíduos que compartilham alguns valores e aderem a um conjunto de normas sociais que dizem respeito à conduta e atributos pessoais, pode chamar-se “destoante” a qualquer membro individual, que não adere às normas e denominar desvio a sua peculiaridade (Goffman, 1988: 151).

Prosseguindo na linha de abordagem da obra de Goffman, passa-se a discutir o conceito de estigma. Nos tempos antigos os gregos criaram o termo “estigma” que significava o conjunto de sinais corporais indicativos de algo extraordinário sobre o status moral de quem os apresentava. Estas marcas corporais eram feitas com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o seu portador era um escravo, ou criminoso ou traidor. Por esta razão, a pessoa deveria ser evitada, visto se tratar de um ser poluído (Goffman, 1998: 11). O estigma não somente apresenta um aspecto objectivo como as características de uma raça ou de um determinado sexo ou ainda de actos e comportamentos religiosos ou de visível pobreza, como também consiste em valorização subjectiva; por exemplo, se a pessoa é pobre, se é deficiente físico, não pode trabalhar tão bem quanto uma pessoa dita normal, e assim por diante. O estigma gera descrédito e desvantagem, e a ideia de que o estigmatizado não é completamente humano.

O estigma é um factor presente na vida da população migrante sobretudo dos que habitam em bairros degradados. Na Ilha da Boa Vista os migrantes inter-insulares e os da Costa Ocidental Africana sofrem a estigmatização pelo facto de habitarem em espaços degradados. Na sociedade boavistense, a maioria dos “externos” vive na zona das barracas, apresenta marcas peculiares, pelas quais que se consegue identifica-los facilmente como pertencentes a esta zona (linguagem, vestuário, etc.). Na linguagem de Goffman, esta visibilidade resulta da “informação social”, que é transmitida por símbolos de estigma (Goffman, 1988: 53). Essa informação, assim como o signo que transmite, é reflexiva e corporificada, isto é, transmitida pela própria pessoa, o que se refere, através da expressão corporal, na presença imediata daqueles que a recebem, como diz o autor. Ainda, por vezes, basta a identidade social daqueles com quem o indivíduo convive para serem tiradas, imediatamente, conclusões sobre a sua identidade social.

Por exemplo, no caso do presente estudo entre os migrantes santiagueses, provavelmente é uma minoria que causa distúrbios na comunidade local. Contudo, verifica-se que não é apenas esta categoria de actores sociais que é estigmatizada pela sociedade envolvente, os estigmatizantes tendem a generalizar esse sentimento. Surge

um sentimento de revolta por parte dos estigmatizados, revolta esta conduz ao desenvolvimento de uma espécie de contra-cultura, de um “nós”, face a “eles”, que consiste no resto da sociedade marginalizante. E esse sentimento leva a uma verdadeira negação da ordem social e à defesa de uma outra ordem, em que os seus valores são reconhecidos e logo, os indivíduos esperam readquirir a sua dignidade social.

De acordo com Goffman (1988: 11), a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma destas categorias. Por seu lado, os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” sem atenção ou reflexão particular. Sendo assim, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem identificar a sua categoria e os seus atributos, ou seja, a sua “identidade social.

Com base nestas preconcepções, os actores sociais transformem-nas em expectativas normativas, em exigências apresentadas de maneira rigorosa. Sendo assim, essas exigências são denominadas de demandas feitas “efectivamente”, e o carácter que atribuímos ao indivíduo é encarado como uma caracterização “efectiva”, uma identidade social virtual. Por seu turno, a categoria e os atributos que as pessoas, realmente possuem, serão chamados de sua identidade social real.

Ainda de acordo com Goffman (1998: 12), enquanto o estranho se encontra à nossa frente, deparamos com evidências que nos permitem ver que o indivíduo possui atributos que o torna diferente dos demais, que se encontram numa categoria desejável. Sendo assim, deixa-se de considerá-lo como criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é enorme (em algumas situações ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real). Existem três tipos diferentes de estigmas: as abominações do corpo, isto é, as deformações físicas; as culpas de cariz individual (vontades fracas, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas – exemplos: distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualidade, o desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical); por fim, há os estigmas tribais de raça, nação e religião e que podem ser transmitidos de geração em geração.

Goffman (1998: 14) afirma que em todos os tipos de estigmas encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ser facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode impor atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havia previsto. Aqueles que não se afastam negativamente das expectativas particulares serão chamados por Goffman de normais. Portanto, os normais acreditam que alguém com um estigma não seja certamente humano. Com base nisso, fazem-se diferentes tipos de discriminações, através das quais muitas vezes diminui-se as suas possibilidades de viver.

Uma forma de o indivíduo estigmatizado suavizar a sua situação é tentar corrigir directamente o que considera a base objectiva do seu defeito; por exemplo isso ocorre quando uma pessoa fisicamente deformada se submete a uma cirurgia plástica. O objectivo aqui não é a aquisição do *status* completamente normal, mas uma transformação do ego. O indivíduo estigmatizado pode, também, tentar corrigir a sua condição de forma indirecta, fazendo um grande esforço no domínio de áreas de actividades consideradas, geralmente como fechadas, por motivos físicos e circunstanciais.

Importante mencionar é que o indivíduo estigmatizado usa provavelmente o seu estigma para obter “ganhos secundários” como desculpa pelo fracasso a que chegou por outras razões. O estigmatizado pode também ver as privações que sofreu como uma bênção secreta, essencialmente devido à crença de que o sofrimento muito pode ensinar a uma pessoa sobre a vida e sobre as outras pessoas. A pessoa estigmatizada tende a isolar-se, e na falta de feedback saudável do intercâmbio social quotidiano com os outros, se auto-isola, torna-se, possivelmente auto-desconfiada, deprimida, hostil, ansiosa e confusa.

Quando os normais e os estigmatizados se encontram na situação de presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter conversação, ocorre uma das cenas mais importantes da sociologia, porque em muitos casos, esses momentos são aqueles em que ambos os lados enfrentam directamente as causas e os efeitos do estigma. (Goffman, 1988: 23). Nessa relação, o indivíduo estigmatizado se sente inseguro quanto à maneira em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão. Surge a sensação de ele não saber aquilo que os outros estão pensando dele. Muitas vezes o indivíduo estigmatizado, em vez de se retrair, pode tentar aproximar-se de contactos mistos com agressividade, mas isso pode provocar nos outros um conjunto

de respostas desagradáveis. Deste modo, surgem situações de conflitos entre os estigmatizados e os ditos normais.

É precisamente o que acontece com os migrantes santiaguenses e nativos da Ilha da Boa Vista, principalmente, em espaços públicos onde interagem, originado casos de disputas e conflitos entre os dois grupos. A pessoa estigmatizada, por vezes, vacila entre o retraimento e a agressividade, correndo de um, para outro, tornando manifesta, uma modalidade essencial na qual a interação face a face pode tornar-se muito violenta. Sendo assim, os indivíduos estigmatizados terão motivos suficientes para acharem que as situações sociais mistas provocam uma interação angustiada, do mesmo modo que também se suspeita que os considerados normais têm a mesma percepção. O indivíduo estigmatizado pode ser muito agressivo ou muito tímido. Tanto os estigmatizados como os ditos normais percebem uma fonte potencial de mal-estar na interação e ambos estão conscientes desta percepção.

Havendo uma discrepância entre a identidade virtual e a identidade real de um indivíduo e sendo essa discrepância conhecida, ela deteriora a sua identidade social e tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo, de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada, frente a um mundo não receptivo, isto é, torna-se uma pessoa estigmatizada pela sociedade (Goffman, 1988: 28). As pessoas estigmatizadas têm a tendência para se reunirem em pequenos grupos sociais cujos membros derivam todos da mesma categoria, estando esses próprios grupos sujeitos a uma organização, que os engloba em maior ou menor medida. Por exemplo, os migrantes santiaguenses residentes em “Sal-Rei” vivem em “guetos” separados da zona principal, portanto, estes tendem a isolar-se ainda mais, o que dificulta, deste modo, a sua integração à comunidade local.

#### **4. Norbert Elias: Configurações e o par Estabelecidos/ *Outsiders***

Conforme será visto no decorrer desta Dissertação, pode-se considerar que os nativos da Ilha da Boa Vista e os migrantes santiaguenses formam uma configuração. Na vida diária, é usual não se distinguir a estigmatização grupal do preconceito individual e, menos ainda, relacioná-los entre si. Na Boa Vista, como em muitos outros lugares, vêem-se membros de um grupo estigmatizando os de outro, não por suas qualidades individuais, mas por eles pertencerem a um grupo colectivamente considerado diferente e inferior.

A leitura da obra de Elias permite identificar as relações de poder como algo presente no dia-a-dia. O poder não se resume à luta entre as grandes nações, o termo “excluídos” não se refere apenas aos países ditos subdesenvolvidos ou situados na periferia do mundo capitalista globalizado. As relações sociais descritas pelo par estabelecidos/*outsiders* podem ser encontradas em todas as relações humanas e, na maior parte das vezes, não são os actores sociais que escolhem a posição que irão ocupar.

Na presente Dissertação, buscou-se elaborar uma analogia entre a linha teórico-interpretativa desenvolvida por Norbert Elias, particularmente em sua conhecida obra em cujo título já se destaca um dos seus fulcros analíticos – através do conceito de *outsiders* –, e o tema ora focado, na medida em que praticamente é o que acontece nas relações sociais entre os nativos boavistenses e os migrantes santiaguenses. Estes encontram-se em uma situação de inferioridade em relação aos autóctones da Ilha das Dunas. Tomando por referência os termos de Norbert Elias, pode-se afirmar que os nativos se consideram superiores aos migrantes santiaguenses, encarando-os como uma ameaça à ordem estabelecida e ao bom funcionamento da sociedade boavistense.

Sendo assim, se entende que os boavistenses e os migrantes santiaguenses formam uma configuração em que se inter-relacionam as diversas actividades que têm lugar no quotidiano dos indivíduos e grupos, como no trabalho, na escola (no caso das crianças, dos seus mestres, dos quadros do *staff*, dos pais dos alunos), na família, nos espaços públicos e assim por diante.

Antes de prosseguir na aplicação dessa linha teórica se faz necessário um apanhado acerca do que consiste o conceito de configuração para Norbert Elias. Para Elias (2000: 184), configuração significa modos de interacção que constituem a rede de interdependências formada pelas relações entre os indivíduos que compõem uma determinada organização social. Essas configurações são consequências das várias possibilidades de interacção social vivida pelo indivíduo ou pelo grupo e podem ser internas ou externas. É deste modo que, conforme acima referido, é possível considerar que os nativos da Ilha da Boa Vista e os migrantes santiaguenses formam uma configuração.

Na visão de Sallas (2001, *apud* Medeiros, 2007: 170), em qualquer situação e em qualquer configuração, o poder funciona sempre como um elemento essencial. Considerando o poder como um atributo das relações sociais, e fruto do contacto entre os indivíduos e das suas acções a todo o instante, sejam elas no campo político,

económico, cognitivo, etc. Desse modo, Elias não toma o poder como algo que se “põe na bolsa” (Gebara e Lucena, 2005, *apud* Medeiros, 2007: 170), isto é, algo concreto que está nas mãos de um grupo social (relacionado essencialmente ao controle de coisas, de objectos e de pessoas). Em Elias, “o conceito de poder deixou de ser uma substância para se transformar numa relação entre duas ou mais pessoas e objectos naturais; assim, o poder é um atributo dessas relações que se mantêm num equilíbrio instável de forças” (Sallas, 2001, *apud* Medeiros, 2007: 170).

De facto, se o poder tem como fonte o modo como se dão as relações humanas mais diversas, também assume as mais variadas formas. Na linguagem de Norbert Elias, isso significa que há grupos ou indivíduos que “podem reter ou monopolizar aquilo que os outros necessitam, como por exemplo, comida, amor, segurança, conhecimento, etc. Sendo assim, na teoria de Elias, o poder não se resume ao que ocorre entre senhores e servos, dominadores e dominados, enquanto classes ou grupos sociais opostos, mas pode ocorrer entre indivíduos de uma mesma família, entre membros de bairros vizinhos, podendo se mostrar nas mais diversas situações, como por exemplo, nas mais diversas situações das actividades quotidianas.

Quanto às noções de *establishment* e *established*, são utilizadas para determinar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Para Elias (2000: 15), um *establishment* diz respeito a um grupo que se auto-percebe e que é reconhecido como uma “Boa Sociedade”, mais poderosa e melhor, que constrói e busca manter uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os *established* fundam o seu poder no facto de serem um modelo moral para os outros. Esse termo é utilizado para designar “a minoria dos melhores” nos mais diversos campos ou áreas.

Algumas vezes observa-se que os membros dos grupos mais poderosos que os outros grupos interdependentes se auto-percebem como humanamente superiores. Aqui pode-se citar, mais uma vez, o caso de alguns boavistenses que se auto-percebem como humanamente superiores aos migrantes santiaguenses.

Na óptica de Elias (2000: 19), essa superioridade constitui a auto-imagem dos grupos que em termos do seu diferencial de poder, são evidentemente superiores a outros grupos interdependentes, quer se trate dos senhores feudais em relação aos vilões, dos “brancos” em relação aos “negros”, dos gentios em relação aos judeus, dos protestantes em relação aos católicos e vice versa, dos homens em relação às mulheres,

dos estados nacionais grandes e poderosos em relação aos seus homólogos pequenos e relativamente impotentes.

Os grupos mais poderosos, na maioria desses casos, vêm-se como entes “melhores”, dotados de uma espécie de carisma grupal, de uma certa virtude que é compartilhada por todos os seus membros e que falta aos outros. Em todos esses casos, os indivíduos “superiores” podem fazer com que os indivíduos inferiores se sintam eles mesmos humanamente menos importantes.

Em qualquer configuração de estabelecidos e *outsiders* (um *outsider* é aquele ou aqueles indivíduos que estão excluídos do grupo considerado estabelecido, que são considerados inferiores, e ainda são tidos como não observantes das normas e regras impostas pelos estabelecidos), o grupo estabelecido atribui aos seus membros características humanas superiores e as exclui de todos os membros do outro grupo. No presente estudo, o que acontece com os boavistenses em relação aos migrantes da Ilha de Santiago se assemelha bastante com essa concepção: os primeiros se auto-percebem como humanamente superiores aos últimos, tendendo a mantê-los socialmente distantes dos seus circuitos sociais. Muitas vezes, o grupo estabelecido utiliza como armas poderosas contra os *outsiders* a exclusão e a estigmatização, de modo a preservar a sua identidade e afirmar a sua superioridade.

Nos contextos em que distinções entre *outsiders*/estabelecidos ocorrem, essas se encontram sob formas específicas, diferenciais, de poder entre os grupos inter-relacionados, e adquirem significado de delimitação de fronteiras, de linhas de demarcação entre quem pertence e quem não pertence ao grupo dominante. Muitas vezes, essas linhas demarcatórias se dissimulam, podendo até mesmo serem percebidas de modo naturalizado aos olhos menos advertidos do observador, por outras características marcantes dos grupos em questão, tais como a cor ou a classe social.

De acordo com Elias (2000: 22), embora possa variar muito a natureza das fontes de poder em que se fundamentam a superioridade social e o sentimento de superioridade humana do grupo estabelecido em relação ao grupo de fora, a própria configuração estabelecidos/*outsiders* mostra, em contextos diversos, características comuns e constantes. Por exemplo a configuração estabelecidos/*outsiders* na microscópica Ilha da Boa Vista poderá apresentar características iguais à de qualquer outro sítio do universo; o que interessa ressaltar é como se dão as variações e, frequentemente, as divergências entre as fontes de poder.

Cumprir referir que, conforme chama atenção o autor supracitado, há uma tendência para discutir o problema da estigmatização social como se fosse uma simples questão de pessoas que demonstram, individualmente, um despreço acentuado por outras pessoas. Diz ainda, que um modo conhecido de conceituar esse tipo de observação é classificá-la como preconceito. No entanto, prossegue o autor dizendo que uma pré-condição decisiva de qualquer estigmatização eficaz por parte de um grupo estabelecido é a de que é necessário que haja um equilíbrio instável de poder. Isto é, um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando o primeiro se encontra bem instalado em posições de poder, das quais o grupo estigmatizado é excluído.

Na óptica de Elias (2000: 24), rotular um grupo como sendo de “valor humano inferior” constitui uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter a sua superioridade social. Nesta situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo.

Um dos aspectos relevantes do tipo de relação estabelecidos – *outsiders* é a complementaridade entre o carisma grupal (do próprio grupo) e a desonra grupal (dos outros). Este facto, fornece um indício da barreira emocional erguida neste tipo de figuração pelos estabelecidos contra os *outsiders*.

Tal como defende Elias (2000: 26), os grupos dominantes com uma grande superioridade de forças atribuem a si mesmos, como colectividades, assim como àqueles que os integram (famílias e indivíduos), um determinado carisma grupal. Todos os que pertencem a esse grupo participam desse carisma. No entanto, têm um preço a pagar. A participação na superioridade de um grupo, no seu carisma grupal singular é a recompensa pela submissão às normas específicas do grupo. Esse preço tem que ser pago por cada um dos seus membros, por meio da sujeição da sua conduta a padrões específicos de controle dos afectos. Usualmente, os elementos dos grupos *outsiders* são tidos como não cumpridores dessas normas e restrições. Eles são vistos colectivamente e individualmente como anómicos. O contacto mais profundo com eles é sentido com repugnância, é visto como uma ameaça de uma “Infecção Anómica” para com os membros do grupo estabelecido que poderão ficar sob a suspeita de estarem rompendo com as normas e tabus do seu grupo. Na base dessa anomia, perceptível em um nível mais imediato de observação, se encontram as relações de poder que se expressam na própria forma de interação entre os “de dentro” e os “de fora”.

De acordo com Norbert Elias (2000: 171), num ambiente mais ou menos estável, o código de conduta mais sofisticado e o maior grau de auto-controle tendem a ser associados a um grau mais elevado de disciplina, prudência, previdência e coesão grupal. Isso resultará em recompensas sob a forma de *status* e poder, em contrapartida às limitações impostas e da relativa perda da espontaneidade. A adesão ao código comum funciona para os membros do grupo como uma insígnia social. Reforça o sentimento de inserção grupal conjunta em relação aos “inferiores”, que tendem a exhibir menor controle nas situações em que os “superiores” o exigem. Ainda de acordo com Elias (2000: 171), as pessoas “superiores” são treinadas a respeitar normas desde a infância e as “inferiores” por sua vez, tendem a rompê-las. O desrespeito a essas normas, portanto, é um sinal de inferioridade social e desperta nos grupos “superiores”, conforme a situação, raiva, hostilidade, repulsa ou desdém. Enquanto a adesão a um código comum facilita a comunicação, infringi-lo cria barreiras.

É de referir ainda, a questão dos conceitos usados pelos grupos estabelecidos como meios de estigmatização, que podem variar de acordo com as características sociais e as tradições de cada grupo. Em certos casos, não têm nenhum sentido fora do contexto específico em que são empregados, mas mesmo assim, ferem profundamente os *outsiders*, porque os grupos estabelecidos costumam encontrar um aliado numa voz interior dos seus inferiores sociais, porque a estigmatização muitas vezes provoca nos *outsiders* implicações de desonra e infelicidade.

Em determinadas sociedades humanas (em sociedades onde há essa distinção entre estabelecidos e *outsiders*), a maioria das pessoas que se consideram superiores utiliza certos termos que estigmatizam outros grupos e que só fazem sentido no contexto de relações específicas entre estabelecidos e *outsiders* (por exemplo “*badiu*” na sociedade local boavistense, como será visto nesta Dissertação). Todos esses termos simbolizam o facto de que é possível envergonhar um indivíduo integrante de um grupo *outsider*, por motivos criados e recriados, como o de ele não ficar à altura das normas do grupo superior, por ser anómico em termos dessas normas. A anomia vem a ser a censura mais frequente a lhes ser feita; repetidamente constata-se que *outsiders* são vistos pelo grupo estabelecido como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros. Por outro lado, os *outsiders* não dispõem de termos estigmatizantes equivalentes para se referirem ao grupo estabelecido. Mesmo quando dispõem de termos desse tipo para que seus membros se comuniquem entre si, estes são inúteis como armas numa disputa de insultos, porque um grupo de *outsiders* não tem como

envergonhar os membros de um grupo estabelecido: o equilíbrio de poder entre eles é muito desigual, seus termos estigmatizantes não significam nada, não têm poder de ferirlos. Quando eles começam a ser insultuosos, é sinal de que a relação de forças está mudando (Elias, 2000: 27).

Os grupos estabelecidos que dispõem de uma grande margem de poder tendem a construir imagens acerca de seus grupos *outsiders* não apenas como desordeiros que desrespeitam as leis e as normas (as leis e as normas dos estabelecidos), mas também como sujos, indivíduos que contrariam as boas normas de higiene. Mais importante ainda, ter presente que, quando a um grupo é atribuída má reputação, é provável que ele corresponda a essa expectativa.

Retomando em síntese, de acordo com Elias (2000: 31), muitas vezes as relações estabelecidos-*outsiders* não são baseadas apenas em diferenças raciais ou étnicas, mas sim pelo facto de um dos grupos, o estabelecido, ser dotado de recursos superiores de poder. Seu oposto, o outro, é tido por um grupo *outsider*, inferior em termos do seu diferencial de poder e contra o qual o grupo estabelecido pode e deve cerrar fileiras. Aqui, mais uma vez, se pode citar o estudo da pequena comunidade de Winston Parva, onde havia uma clara divisão no seu interior, em que os moradores mais antigos, o grupo de estabelecidos desde longa data, mantinham uma relação dialéctica contra o grupo mais novo de residentes, tratados como *outsiders*. O grupo estabelecido cerrava fileira contra eles, os estigmatizava, de maneira geral, como pessoas de menor valor humano. Considerava que lhes faltava a virtude humana superior (o carisma grupal distintivo) que o grupo humano atribuía a si mesmo (Elias, 2000: 19). Portanto, o poder de exclusão dos estabelecidos contra os *outsiders* provinha do facto de que os moradores de uma área, na qual viviam as “famílias antigas” (instalados na região após duas ou três gerações), consideravam-se humanamente superiores aos residentes da parte vizinha da comunidade, de formação mais recente. Recusavam-se a manter qualquer contacto social com eles, excepto o exigido por suas actividades profissionais; juntavam-nos todos num mesmo saco, como pessoas de uma espécie inferior. Em suma tratavam todos os recém chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como “os de fora”. Esses próprios recém-chegados depois de algum tempo pareciam aceitar, como uma espécie de resignação e perplexidade, a ideia de pertencerem a um grupo de menor virtude e respeitabilidade, o que só se justificava em termos de sua conduta efectiva, no caso de uma pequena minoria (Elias, 2000: 20). Sendo assim, nessa pequena comunidade, deparava-se com o que parece ser uma constante universal em

qualquer figuração de estabelecidos- *outsiders*: o grupo estabelecido atribuía a seus membros características humanas superiores: excluía todos os membros do outro grupo do contacto social não profissional com seus próprios membros; e o tabu em torno desses contactos era mantido por meios de controle social como a fofoca elogiosa, no caso dos que observavam, e a ameaça de fofocas depreciativas contra os suspeitos de transgressão.

A estigmatização dos estabelecidos contra os *outsiders* é ao mesmo tempo incorporada e rejeitada pelos últimos; eles podem se sentir inferiores, e, no entanto, lutam contra essa inferiorização. As armas utilizadas podem ser o uso da violência, a delinquência, o vandalismo, etc. De uma forma geral, tendem a adoptar comportamentos anómicos, de modo a afrontar os estabelecidos.

As denominadas “relações raciais” constituem um tipo específico de relações entre estabelecidos e *outsiders*. Os factos dos membros divergirem em sua aparência física, ou de falarem com um sotaque e uma fluência diferentes servem como sinais de reforços que tornam mais fácil, mais aparente, aos integrantes de ambos os grupos – *estigmatizadores e estigmatizados* – reconhecerem as suas posições. As tensões e os conflitos de grupo inerentes a essa forma de relação podem se manter latentes (o que é usual quando os diferenciais de poder são enormes) ou aparecer abertamente sob a forma de conflitos constantes (o que normalmente acontece quando a relação de poder se altera em favor dos *outsiders*).

As desigualdades económicas e materiais também são relevantes para entender as relações entre estabelecidos e *outsiders*. A supremacia dos aspectos económicos tem maior peso quando o equilíbrio de poder entre os adversários é mais desigual (quando pende mais acentuadamente a favor do grupo estabelecido). Quando menos isso acontece, mais claramente reconhecíveis se tornam os aspectos não económicos das tensões e conflitos.

A estigmatização, como um aspecto de relação entre estabelecidos e *outsiders*, associa-se muitas vezes a um tipo peculiar de fantasia colectiva criada pelo grupo estabelecido. Ela revela e em simultâneo justifica a aversão (o preconceito) que os seus membros sentem perante os que compõem o grupo *outsider*. Em simultâneo, essas mesmas formas de manifestação negativas expressam a importância, para os estabelecidos, da presença dos *outsiders*, já que é a oposição que permite demarcar as linhas de fronteira, de pertença ao grupo que se considera privilegiado. É de salientar que o estigma social que o grupo dos estabelecidos atribui ao grupo dos *outsiders*

transforma-se, na sua imaginação, num estigma material, isto é, coisificado. Aparece como algo objectivo, dado, existente entre os *outsiders*, devido à sua própria natureza ou à obra dos deuses (Elias, 2000: 35). No entanto, seja qual for o caso, os grupos *outsiders* exercem pressões secretas ou manifestas com o intuito de minimizar os diferenciais de poder responsáveis pela sua situação inferior, ao passo que os grupos estabelecidos fazem o mesmo no sentido de preservar ou aumentar esses diferenciais.

No estudo levado a cabo na pequena comunidade de Winston Parva, Norbert Elias (2000) analisou a maneira como um grupo de pessoas é capaz de monopolizar as oportunidades de poder e utilizá-las para marginalizar e estigmatizar membros de outro grupo muito semelhante. Dessa forma, identificou um grupo de estabelecidos que se encontra num momento em que a situação de superioridade estava consolidada, sem sofrer maiores ameaças.

A própria existência de *outsiders* que não compartilham do mesmo reservatório de memórias comuns nem tampouco das mesmas normas de respeitabilidade do grupo estabelecido age como um factor de irritação. É entendida pelos membros do grupo estabelecido como um ataque à sua imagem e ao seu ideal do nós. A rejeição e estigmatização dos *outsiders* constituem o seu contra-ataque. O grupo estabelecido sente-se forçado a repelir aquilo que vivência como uma ameaça à sua superioridade de poder (em termos da sua coesão e do seu monopólio dos cargos oficiais e das actividades de lazer) e a sua superioridade humana, o seu carisma colectivo, por meio de contra-ataques, de rejeições e humilhações contínuas do outro grupo.

Para o autor supra mencionado, a circulação de comentários depreciativos e as manchas perpetradas sobre a auto-imagem dos *outsiders* podem ser consideradas traços permanentes desse tipo de configuração. Em muitos casos eles se tornam rotineiros e podem durar muito tempo. Nas relações entre estabelecidos e *outsiders* esses, por vezes, sofrem de uma imagem do “nós” maculada. Sendo assim, adoptam comportamentos contrários às normas vigentes na sociedade local. Por vezes, os integrantes do grupo de estabelecidos têm medo do contacto com um grupo que aos olhos do indivíduo e do seu semelhante é anómico. Ocorre porém, que os membros do grupo *outsider* infringem normas que eles estão obrigados a observar (por exemplo não fazer o uso de facas em situações de conflito) e de cuja observância dependem do seu auto-respeito e o respeito dos outros indivíduos.

No estudo de Norbert Elias realizado na pequena cidade da Inglaterra, o grupo de estabelecidos sentia-se exposto a um ataque tríplice contra o seu monopólio das

fontes de poder, contra o seu carisma colectivo e contra as suas normas grupais. Rejeitam o que vivenciam como um ataque, cerrando suas fileiras contra os recém-chegados, excluindo-os e humilhando-os. *Os outsiders* pelo menos quando da sua chegada inicial, dificilmente teriam a intenção de agredir os antigos residentes, mas foram colocados numa infeliz situação, muitas vezes humilhante.

Elias nos faz identificar as relações de poder como algo presente no nosso dia-a-dia. O poder não se resume à luta entre as grandes nações, os excluídos não são apenas os países subdesenvolvidos, portanto, há estabelecidos e *outsiders* em todas as relações humanas e na maior parte das vezes não são os indivíduos que escolhem a posição que irão ocupar.

## 5. Conceito de Identidade segundo Manuel Castells

No que diz respeito aos actores sociais, Castells (2008: 22) entende por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado. Ainda, na óptica do autor, para um determinado indivíduo, ou ainda um actor colectivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na acção social.

Ainda, de acordo com o mesmo autor, do ponto de vista sociológico toda e qualquer identidade é construída. A questão crucial que se coloca, diz respeito a como, a partir de que, por quem, e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória colectiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cariz religioso. No entanto, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projectos culturais enraizados em estrutura social, bem como na sua visão de tempo/espaço. Castells sugere a hipótese de que, em linhas gerais, quem constrói a identidade colectiva, e para quê essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem. O autor propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: *identidade*

*legitimadora*<sup>1</sup>; a *identidade de projecto*<sup>2</sup> e por fim a *identidade de resistência*<sup>3</sup>. Essa última parece mais se aproximar na presente investigação das atitudes e comportamentos de ambos os grupos aqui enfocados. Sendo assim, os migrantes santiaguenses constituem a categoria social que se encontra em “posições subalternas” e estes vão construir resistência às identidades colectivas dos boavistenses que pertencem ao grupo de dominação (talvez pelo facto de terem nascido nessa ilha e de serem a maioria), conseqüentemente, irá gerar casos de conflitos, tensões e disputas entre os dois lados.

Considera-se que o modo de agir dos boavistenses também se aproxima do conceito de identidade de resistência formulado por Castells (tipo de identidade que defende o *status quo*, baseado nas normas que, segundo a visão dos residentes, são pré-existentes à chegada dos migrantes de Santiago, já faziam parte do seu estilo de vida, etc.). É de referir que a adopção da ideia de identidade similar à do tipo de resistência, formulada por Manuel Castells, será melhor compreendida quando se mencionar as abordagens de Elias e de Goffman.

É de referir que o interaccionismo simbólico defende que a sociedade é vista como um processo em que os indivíduos se encontram estritamente interrelacionados, ou seja, que ela é composta de pessoas em constante interacção e que levam a cabo diversas actividades e em situações distintas, o que vai de encontro ao conceito de configuração de Norbert Elias, avançado anteriormente, significando a rede de interdependências formadas pelas relações entre os indivíduos que compõem uma dada organização social.

Ainda, na linha do interaccionismo simbólico, as acções individuais ou colectivas são conseqüências das interpretações que os indivíduos fazem das acções dos outros. Portanto, o ser humano constrói uma linha de conduta baseada nos factos que ele observa e interpreta. Assim, entende-se que essa perspectiva aproxima-se da teoria

---

<sup>1</sup> Introduzidas pelas instituições dominantes da sociedade com o objectivo de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos actores sociais. (Castells, 2008: 24).

<sup>2</sup> Quando os actores sociais, utilizando-se de qualquer tipo material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. (Castells, 2008: 24).

<sup>3</sup> A identidade de resistência é criada por actores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a esses últimos. Esse tipo de construção de identidade leva à formação de comunas ou comunidades, dando origem a formas de resistência colectiva face a uma pressão, que do contrário, não seria suportável, em geral com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a “essencialização” dos limites da resistência (Castells, 2008: 24).

centrada no conceito de representações sociais, a qual se propõe a analisar o modo como os indivíduos buscam compreender o mundo que os rodeiam, ou seja, estuda a maneira como as pessoas pensam, agem e procuram compreender o significado das acções, o sentido das acções e afirmações dos outros, bem como a consistência entre o que é dito e o que é feito, no sentido de agir ou reagir a um dado estímulo exterior, a partir das suas, experiências subjectivamente vividas.

Cabe ainda retomar a abordagem de Goffman (1988). Um dos pressupostos é de que o indivíduo interage consigo e com os outros por meio de um processo comunicativo mediatizado pela capacidade interpretativa do universo simbólico em que se insere. Nesse ponto, entende-se que Goffman converge com Norbet Elias, o qual alega que os indivíduos em determinadas situações, que consideram ser crucial para preservar a sua identidade, sobretudo os estabelecidos, quando agem face aos *outsiders*, buscam preservar a sua identidade como forma de afirmar a sua superioridade. Em cada um dos grupos a intenção de preservar a sua identidade distintiva contém um sentido de confronto.

A abordagem dramática de Goffman sobre o quotidiano remete à interação entre dois ou mais indivíduos em situação de co-presença física, ou seja, busca examinar a interação face a face entre os indivíduos. O modo como se dá a interação varia conforme o tipo de situação em que os actores sociais se encontram e, na maior parte das vezes subordina-se à quantidade de informação em cada situação específica.

A análise dos dois grupos em questão, em Capítulo posterior a este, apontará que situações muito próximas à da abordagem teórica supracitada são constatadas, pois o tipo de interação observado entre desses grupos varia conforme condicionantes tais como o lugar em que ocorre a interação, bem como a interpretação das atitudes dos elementos constitutivos dos grupos enfocados.

Para finalizar, entende-se que a teoria de configuração, centrada no par estabelecidos/ *outsiders*, de Norbert Elias, permite uma aproximação da abordagem de Erving Goffman, especialmente quando esse último apresenta o seu conceito de estigma. Neste sentido, os estabelecidos, na abordagem do primeiro autor supracitado, correspondem aos criticamente denominados normais na abordagem do último, cujas contrapartes, de modo frequente, são estigmatizadas. Na abordagem de cada um desses autores, os estabelecidos ou os auto-denominados normais se consideram seres socialmente superiores, por se encontrarem em situação de maior poder e prestígio social. Por esse motivo, são também assim considerados pelos participantes dos seus

círculos sociais, tidos como “boas pessoas”, cumpridoras de normas e regras que entendem ser inerentes, naturais na convivência social, enquanto *outsiders*-estigmatizados são vistos como anómicos. Em ambas as teorias aponta-se que os *outsiders*-estigmatizados face a situações de interação com os estabelecidos – normais adoptam em determinados momentos, comportamentos cujo objectivo é afrontar estes últimos.

No presente capítulo tratou-se dos conceitos que se consideram ser os mais relevantes para esta Dissertação. São eles: interação social, representação social, estigma, configuração estabelecidos e *outsiders*. No próximo capítulo tratar-se-á do “Enraizamento Histórico da Colonização de Cabo Verde – O Processo da Construção da Identidade Nacional em um Arquipélago”.

## CAPÍTULO II

# ENRAIZAMENTO HISTÓRICO DA COLONIZAÇÃO DE CABO VERDE - O PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL EM UM ARQUIPÉLAGO

O estudo da interação social entre os autóctones da Boa Vista e os migrantes santiagoenses na ilha da Boa Vista constitui um dos objectivos primordiais da pesquisa em questão. A interação negativa (casos de tensões, conflitos e disputas) entre os santiagoenses e os boavistenses e também entre os santiagoenses e o pessoal das outras ilhas se deve em parte a factores históricos ligados ao processo de colonização do arquipélago, que contribuiu para a construção da sua identidade. Neste sentido, surge a necessidade de incluir o presente capítulo que tem como objectivo traçar, mesmo que de forma resumida o processo de colonização de Cabo Verde e consequentemente a construção da identidade do povo das ilhas.

### 1. Retrospectiva Histórica: Descoberta e Colonização Europeia do Arquipélago

O percurso histórico do arquipélago de Cabo Verde teve o seu início no século XV, mais concretamente nos começos da década de 60 (Almeida, 2003: 15). De acordo com António Carreira (1983: 25), o achamento das ilhas de Cabo Verde, segundo a tese oficial, data de 1460 e ao que tudo indica elas deveriam ser desabitadas. Todavia, admite-se que a uma ou a outra tivessem aportado, em escala accidental, e por razões não esclarecidas, antes da chegada dos portugueses, povos africanos da orla marítima do continente fronteiro, possivelmente Jalofos, Sereres e Lebúu. A este propósito, Germano Almeida (2003: 16) afirma que alguns historiadores colocam a possibilidade de haver habitantes no arquipélago, já na altura da descoberta, ou de, pelo menos terem existido contactos anteriores por parte de outros povos oriundos, da vizinha Costa Africana. Ressalta ainda que existem aqueles que defendem que a descoberta foi protagonizada pelos navegadores quinhentistas.

Segundo Pereira (2005: 33), o documento mais antigo que se conhece sobre Cabo Verde é a Carta Régia de 3 de Dezembro de 1460, pela qual D. Afonso V doa as ilhas então descobertas ao Infante D. Fernando. Incluía essa doação, além dos arquipélagos da Madeira e dos Açores, as cinco primeiras ilhas de Cabo Verde descobertas por Noli, ainda em vida do Infante D. Henrique, ou seja, S. Jacobo

(Santiago), São Filipe (Fogo), a Ilha das Maias (Maio), São Cristóvão (Boa Vista) e a Ilha Lhana (Sal).

O arquipélago de Cabo Verde, situado no Oceano Atlântico, a 445 km da Costa Ocidental Africana, possui uma superfície de aproximadamente 4.033 km<sup>2</sup>, com um clima caracterizado pelo contraste de duas estações perfeitamente marcadas: a das “águas”, a mais quente, de Agosto a Novembro, de chuvas; e a das “brisas” de Dezembro a Junho, mais fresca e seca. As chuvas, quando abundantes e bem distribuídas, asseguram a agricultura, base da subsistência de toda a economia; a escassez delas originou no passado crises de miséria e de fome (Amaral, 1964, *in* Semedo, 2006: 56). Cabo Verde possui cerca de 499.746<sup>4</sup> habitantes e é composto por dez ilhas, sendo nove habitadas. As nove ilhas povoadas estão divididas em duas grandes regiões (Barlavento e Sotavento) e estas por sua vez estão subdivididas em Concelhos. As quatro ilhas de Sotavento, situadas mais ao sul engloba Maio, Santiago, Fogo e Brava, sendo que a segunda e a terceira (Santiago e Fogo), foram as ilhas pioneiras a serem povoadas e onde predominou o sistema de morgadio. Segundo se desprende da Carta de Privilégios de 12 de Junho de 1466, que o Rei Afonso V concebeu aos moradores de Santiago, o início do povoamento da mesma teria acontecido entre 1461 e 1462 (Pereira, 2005: 33).

Santiago, a maior das dez ilhas, com quase a metade da população do arquipélago, é a mais importante, do ponto de vista agrícola e demográfico e é também onde se localiza a capital do país, a Cidade da Praia. Fogo, uma das ilhas de maior concentração relativa de famílias brancas, foi provavelmente a segunda ilha a ser povoada. Brava, a menor das ilhas povoadas, foi a única onde, até ao século XIX, a população de origem europeia se manteve maioritária. Foi nessa ilha que a preservação da pureza racial europeia encontrou melhores condições de realização. Nas ilhas de Sotavento, as sociedades locais se estruturavam de forma mais rígida e estratificada e foi onde predominou por mais tempo a patronagem, centrada na figura do grande proprietário de terras (Anjos, 2002: 32).

Quanto ao grupo das ilhas de Barlavento, situadas mais a norte (Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boa Vista), essas são de povoamento recente. Dessas, as primeiras a serem habitadas por algumas famílias brancas e seus escravos, foram Boa

---

<sup>4</sup> Fonte: [www.ine.cv](http://www.ine.cv) (12-11-2008).

Vista, São Nicolau, Santo Antão e São Vicente. Quanto à Ilha de Santa Luzia, essa pertence ao grupo das ilhas de Barlavento, no entanto, é desabitada.

De acordo com Pereira (2005: 33), as ilhas de Cabo Verde mostraram-se desde o início desfavoráveis à ocupação humana. Ademais, não eram o cenário daquilo que os portugueses buscavam: as especiarias, os metais preciosos, o comércio vantajoso para os seus próprios fins. Quer dizer, não existiam riquezas que pudessem estimular a ida de colonos, nem culturas tidas por essenciais. Só com os privilégios outorgados através da Carta de 1466 se tornou possível o povoamento, apesar da distância, da ausência de culturas e riquezas. De realçar que a tarefa de ocupação do espaço cabo-verdiano se iria revelar como algo complexo e difícil. Desprovida de qualquer espécie vegetal utilizável para a alimentação, houve a necessidade de introduzir, de imediato, as espécies agrícolas necessárias à subsistência, tendo sido, posteriormente, introduzidas outras originárias dos três continentes frequentados pelos portugueses.

Efectivamente, quando chegaram os portugueses, apenas encontraram tamarindos, urzelas e dragoeiros e, além destes, uma vegetação bravia que cobria a superfície das ilhas (Pereira, 2005: 35). De acordo com Silva (1996: 17), entre a descoberta e o povoamento, situam-se momentos de transição difíceis, quase insuperáveis que indiciam a fraca atractividade do espaço insular recém descoberto.

Na óptica de Daniel Pereira (2005: 35), a situação geo-estratégica do arquipélago determinou desde logo a obrigatoriedade do seu povoamento, de modo a que efectivamente, pudesse servir de base de apoio logístico à navegação. Devido à sua posição geográfica, as ilhas de Cabo Verde foram chamadas a desempenhar, desde o início da progressão dos portugueses em direcção à ponta meridional da África, o papel de placa giratória no quadro de abastecimento dos navios em água e víveres. Como ponto marítimo de passagem obrigatória, Cabo Verde viria a revelar-se de uma importância capital no prosseguimento das viagens mais para o sul (Pereira, 2005: 36).

Pelo facto de ocupar uma situação privilegiada na encruzilhada entre os três continentes, África, Europa e América, Cabo Verde foi um entreposto importante para os portugueses no tráfico negreiro. Os escravos eram capturados e levados para o arquipélago de onde serviam mais tarde para trabalhar nas produções de cana-de açúcar, café e algodão no Brasil e nas Antilhas. Em Cabo Verde foi erigida a primeira cidade construída por europeus nas colónias, a Cidade de Ribeira Grande. Ficou activa por mais de três séculos, antes que a capital fosse transferida para a Cidade da Praia, actualmente Capital de Cabo Verde.

No início do século XIX, intensificou-se a migração interna das famílias livres (mestiços e negros alforriados). Essas, embora sem propriedades, tinham maiores possibilidades de ascensão, transferindo-se para as ilhas de Barlavento (recém povoadas), nomeadamente Santo Antão, São Vicente e Boa Vista, onde podiam receber, em arrendamento e sesmaria, algumas parcelas de terra. O povoamento inicial destas ilhas deu-se basicamente por famílias vindas da Madeira e do interior de Portugal, que em Cabo Verde, tinham condições de adquirir alguns escravos e pequenas propriedades.

O país tornou-se soberano nos anos 70, na sequência da Revolução que foi o 25 de Abril de 1974 em Portugal. Os ventos da história acabaram finalmente soprando para Cabo Verde que a 5 de Julho de 1975, após mais de uma década de luta armada nas selvas da Guiné Bissau, ascenderia à independência através de uma Assembleia constituinte dias antes eleita por sufrágio directo e universal (Almeida 2003: 70). Era o coroar da luta de libertação que vinha sendo travada desde 1956, data da fundação do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

O PAIGC concebeu a República de Cabo Verde como um Estado de Democracia Revolucionária, baseada na unidade nacional e na participação popular, tendo a Assembleia como Órgão Supremo do Poder do Estado e com a função de controlar a aplicação da política económica, social e cultural do partido que se assumiu como força dirigente da sociedade e do estado (Almeida, 2003: 70). Desse modo o período pós-independência foi governado por um regime de partido que esteve no poder até 1991, ano em que o país optou pelo regime multipartidário nas eleições multipartidárias, realizadas em Janeiro do mesmo ano e disputadas apenas entre o PAICV (Partido Africano para a Independência de Cabo Verde) e o MPD (Movimento para a Democracia), movimento que acabou por congregar uma larga franja de descontentes do regime anterior, e que obteve a vitória por maioria absoluta.

## **2. Construção da Identidade Cabo-verdiana**

Cada ilha do arquipélago possui as suas peculiaridades. Se os condicionalismos geológicos e históricos são diferentes, as ilhas, ao longo dos séculos de povoamento, ganharam características que por vezes chegam quase a individualizá-las. A sua posição no mar, a sua superfície arável, as possibilidades industriais, a abundância ou escassez de água, o povoamento mais ou menos antigo, o grau diverso de casamentos entre os indivíduos procedentes de contingentes populacionais diversos e a emigração deram a cada ilha uma fisionomia própria (Casimiro, 1935; *apud* Semedo, 2006: 56). Há

também a questão da insularidade: em situação insular, o espaço físico condiciona em parte a economia e o relativo isolamento, as características das comunidades locais, diferenciando-as em relação a outras das quais permanecem distantes. A insularidade é vista como um factor de extrema importância na estruturação da identidade cabo-verdiana.

Todos esses motivos contribuem para explicar as divergências detectadas de atitudes, hábitos e comportamentos entre os boavistenses e os santiaguenses, que por vezes dão lugar a situações de conflitos, tensões e disputas. Procurando avançar um pouco mais nesta compreensão, aborda-se no presente estudo, a análise das visões dos actores sociais acerca dessas diferenças.

As ilhas, com uma história de escravatura, sendo rota marítima e um lugar de pilhagem de piratas, desenvolveram entre os cabo-verdianos uma dupla identidade, digamos centrípeta e centrífuga, que funciona de uma forma extremamente dinâmica. O amor à terra, a identidade centrípeta, é contrabalançado pelo gosto de viajar ou pela necessidade trágica de emigrar, a identidade dita centrífuga.

No processo de formação da população cabo-verdiana, a miscigenação aparece como factor fundamental. As grandes descobertas do século XV e o povoamento das ilhas fizeram com que os europeus, particularmente os portugueses, tivessem contactos com grupos étnicos de características antagónicas, que rapidamente deram origem a numerosos tipos mistos. Especialmente no caso das ilhas de Cabo Verde, que eram desertas até a era das grandes navegações europeias, o povoamento pôs em contacto dois elementos raciais e culturais diferentes: o branco e o negro. As relações havidas entre homens brancos e mulheres negras, a orografia das ilhas e a mobilidade dos primeiros comerciantes deram origem à população crioula, com uma língua e uma cultura próprias (Mariano, 1959; *apud* Semedo, 2006: 63). De acordo com Anjos (2006: 9), Cabo Verde pode ser visto como um caso típico de invenção de uma identidade nacional mestiça. Os costumes patriarcais das famílias povoadoras, o influxo da religião que, segundo a imagem difundida pelo catolicismo colonizador, irmanava senhores e escravos, a cooperação mútua face aos frequentes ataques dos navios armados de piratas, facilitaram extraordinariamente a sua interacção entre brancos e negros. De facto, tal como afirmou João Lopes em 1936 (Semedo, 2006: 63), a história económica e social de Cabo Verde – o regime latifundiário aplicado em Santiago e o regime minifundiário, aplicado nas outras ilhas – terá contribuído para a formação das características específicas da miscigenação em cada ilha de Cabo Verde.

O patriarcalismo de Santiago, com a predominância do sistema de morgadios servidos por grandes propriedades, originou um tipo de civilização semelhante às zonas brasileiras de economia escravocrata, à sombra das casas -grandes com engenhos. No entanto, havia ali menor ligação entre os brancos e os escravos. Isso, na óptica de João Lopes (1936, *apud* Semedo, 2006: 63), terá contribuído para estabelecer entre os indivíduos negros moradores de Santiago, maior fidelidade às suas origens africanas e sobrevivência mais viva dos elementos sociais e folclóricos característicos do sistema de escravidão.

Diverso é o caso do grupo das ilhas de Barlavento, onde se estabeleceu uma economia agrícola, formada por pequenas hortas pertencentes a gente modesta, com recursos para aquisição de pouca mão-de-obra escrava. Nessas ilhas a miscigenação foi mais intensa. Os mulatos (descendentes da união entre senhores e escravos) viriam a constituir, mais adiante no processo da história, o recurso necessário de mão-de-obra para a lavoura (Semedo, 2006: 63).

A identidade cabo-verdiana adveio da sua mista realidade, a africana e a europeia, com características múltiplas e divergentes. Ao lado dos costumes e hábitos branco-europeus, encontram-se lembranças de formas sociais, costumes e processos negro-africanos. Assim, a base da alimentação do povo das ilhas é uma mistura de pratos de origem africana com pratos portugueses. A música é uma criação influenciada por diversos sons e ritmos, tais como os da morna, do batuque, do finançom e da canção portuguesa.

O autor Aurélio Gonçalves (1998, *apud* Semedo 2006: 71) resumiu, como factores essenciais na modelação da alma cabo-verdiana, a insularidade, a paisagem, a estíagem e os tipos de actividade praticadas em Cabo Verde. O espírito dos cabo-verdianos, a identidade e a especificidade da sua cultura, em suma, a criouldade, é visível na sua língua cabo-verdiana, na manifestação da cultura popular (literatura oral, música, festas tradicionais) e nas suas formas cultas de literatura. Elemento fundamental para a construção da identidade nacional cabo-verdiana é a língua crioula, que é definida como língua materna e de comunicação de todos os cabo-verdianos. O crioulo é resultante de um longo processo de gestação, de reestruturação e de autonomização, num contexto escravagista que remonta a muitos séculos (1462-1836), de colonização de vários decénios (1836-1975) e da independência nacional política desde 1975 (Veiga, 2000, *apud* Semedo, 2006: 72).

O crioulo, pouco a pouco, ganhou raízes e tornou-se um dos elementos representativos da cultura e da identidade: é o crioulo que molda essa espessura histórico-cultural de séculos que se denomina cabo-verdianidade. A linguagem constitui mais do que um meio de comunicação. É, essencialmente, um elemento estruturante fundamental do próprio acto de pensar, de ler e de perceber o mundo, ao ponto de a concepção do mundo de um dado indivíduo estar profundamente associada a sua língua.

Duas grandes variantes perfilam no panorama linguístico cabo-verdiano: um crioulo de Barlavento e um crioulo de Sotavento. Essas são apenas duas grandes variantes de um mesmo idioma. A partir delas, existem tantos crioulos, quantas unidades insulares, à excepção da Ilha de Santa Luzia que é inabitada. Portanto, são nove variações do crioulo. Essa distinção se fez a partir de aspectos geográficos, históricos, antropológicos, económicos e principalmente linguísticos (diferenças fonológicas, sintácticas, e em menor escala, semânticas, léxicas e morfológicas). Mais uma vez se constata que cada ilha possui as suas peculiaridades, quanto a formas de pensar, agir e de se exprimir. Isto explica em boa parte as divergências que por vezes surgem entre os originários das diferentes ilhas do arquipélago.

O processo histórico da construção da identidade nacional foi desenvolvido de modo progressivo. Sua incorporação extensiva a diversas ilhas se intensificou no país, quando uma elite letrada instalou uma tipografia e produziu uma imprensa não oficial, com o intuito de divulgar as ideias de uma identidade nacional crioula. Segundo Semedo (2006: 194), no processo de construção da identidade nacional cabo-verdiana pode-se identificar períodos com características sociais e políticas distintas, que levaram a definir três etapas diferentes: o sentimento nativista (1856-1932), a consciência regionalista (1932-1958) e a afirmação nacionalista (1958-1975).

O nativismo foi o conceito atribuído pelos letrados africanos do século XIX para exprimir o sentimento colectivo de serem portadores dos valores culturais das suas origens, como a sua identificação e o ponto de encontro das suas aspirações a uma futura autonomia. Surgiu como consequência da hostilidade com que os africanos vinham sendo tratados pelos colonizadores (Mário Andrade, 1997; *apud* Semedo, 2006: 199).

Ainda importa mencionar, no que se refere ao nativismo cabo-verdiano, o estado de abandono das ilhas pelos sucessivos governos da metrópole, as crises esporádicas de falta de alimento, dando lugar à miséria e à fome, e o tratamento divergente dado aos filhos das ilhas, ou crioulos, com base em leis discriminatórias. A valorização

geográfica e humana das ilhas e da sua cultura constituiu importante aspecto do sentimento nativista manifesto de modo antagónico, pela maneira de estar e de sentir “as duas pátrias”.

Relativamente à segunda etapa, que se refere à consciência regionalista (1932-1958), esta se deu devido à conjugação de vários factores que levaram a elite cabo-verdiana dos primórdios da década de trinta a se posicionar criticamente acerca da crise social em que se vivia então, bem como da orientação que estava a ser dada à Colónia, procurando intervir para a transformação dessas condições. A memória colectiva guardava feridas que foram originadas por atitudes seculares de abandono, de incompreensão e de dominação. Essa situação se agravou devido à conjuntura internacional de recessão económica de 1929-1934, com fortes impactos nas ilhas, e pelas crises ligadas aos períodos sucessivos de seca, o que mobilizou a elite intelectual no sentido de defender a sua terra e afirmar a sua identidade regional.

Portanto, as condições internas das ilhas (os problemas causados pelas estiagens e pela fome, pela decadência do Porto Grande e pelo contrato com as roças de S. Tomé) intensificadas pela herança nativista de combate e pela necessidade de sintonizar Cabo Verde com o mundo, levaram a elite intelectual a “fincar os pés no chão”. Isto é, passaram a pensar sobre a terra em que os pés pisavam e, com a ajuda de outras latitudes, a posicionar-se, literária e politicamente, perante o regime político estabelecido.

Sendo assim, enquanto o nativismo constituía a defesa do brio de populações portuguesas não nascidas em Portugal, que não prescindiam do direito de o ser, o regionalismo era uma condição de unidade e de ordem, e ao mesmo tempo, uma exigência dos interesses de uma só Nação Portuguesa. Isto é, defendiam o seu brio de pertença a um espaço geográfico restrito e específico dentro da Nação Portuguesa. O regionalismo é uma atitude que resulta da percepção das desigualdades regionais e se revela na contestação, na luta pela autonomia (Bezzi, 2002, *apud* Semedo, 2006: 315).

Finalmente, a terceira etapa, que diz respeito à afirmação nacionalista (1958-1975), associa-se à geração de Amílcar Cabral. Sendo assim, na óptica de Anthony D. Smith (1997, *apud* Semedo 2006: 337), o nacionalismo significa o despertar da nação e dos seus membros para a sua verdadeira “pessoa colectiva”, de modo que homens e mulheres obedeçam tão somente à “voz interior” dessa comunidade nacional. O nacionalismo é, nessa visão do processo da construção da identidade nacional, um ponto alto da trajectória ascendente da maioria do povo cabo-verdiano.

A elite nacionalista cabo-verdiana, através de sua passagem pela Casa dos Estudantes do Império nas décadas de quarenta e cinquenta, assumiu uma forte posição política, chegando a romper com os métodos de intervenção até então seguidos pelos regionalistas da Claridade. É de realçar que o Movimento Claridoso surgiu na década de 1930 e marcou o início do modernismo em Cabo Verde. Foi um movimento intelectual que tentava demonstrar a predominância de uma cultura nacional, a cabo-verdiana, e tinha entre os seus maiores representantes, Baltasar Lopes, Manuel Lopes, António Aurélio Gonçalves, Teixeira de Sousa e Gabriel Mariano. Para os escritores, o movimento foi precursor do surgimento de uma literatura cabo-verdiana autónoma. A “Geração da Claridade” reunia um conjunto de escritores que seguiram as pegadas dos neo-realistas portugueses, assumindo, nas ilhas, a causa do povo cabo-verdiano, lutando contra o colonialismo e empurrando os portugueses para a Europa. Muitos cabo-verdianos pegaram na pena e desenharam caligrafias que hoje constituem partes do mosaico cultural cabo-verdiano que integra a literatura neo-realista do arquipélago, fundamentada na oposição dos colonizadores aos colonizados. A elite adoptava um discurso que considerava adequado com essa posição. Denunciando o estado de abandono das ilhas e a experiência triste da emigração para S. Tomé<sup>5</sup>, assumiu uma nova maneira de combate com a arma da escrita, num discurso de revolta e de reivindicação da emancipação da tutela colonial. Passando das palavras à intervenção directa, foi essa mesma elite nacionalista que suscitou a luta armada de libertação nacional, sob a orientação de Amílcar Cabral.

A sociedade cabo-verdiana possui uma história, no decorrer da qual se originou uma identidade específica, que pode ser historicamente detectada em determinados momentos de crise, cujos pontos altos foram: a divulgação da venda das colónias, nos finais de oitocentos; a decadência do Porto Grande e o estabelecimento do Estado Novo, no ano de 1930; e a fundação do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), no interior da conjuntura política interna crítica do regime de Salazar e da onda nacionalista do processo de independência das colónias inglesas e francesas, em 1950.

---

<sup>5</sup> Trata-se de uma emigração forçada para São Tomé e Príncipe que resultou da fome de 1947. Nesta altura o governo colonial adoptou uma decisão política de deslocamento maciço de pessoas em regime de escravatura para trabalharem nas roças de São Tomé e Príncipe.

### 3. O Bairrismo e o Particularismo dos Cabo-verdianos

Cedo se fez em Cabo Verde (no século XVII) a distinção entre os “filhos da terra” e os “reinóis”; entre “Nós” (os nativos das ilhas, os crioulos, os portugueses de cá) e “Eles” (os vindos do Reino, os metropolitanos, os portugueses de lá, com manifestação valorativa dos primeiros sobre os últimos. Esta divergência (“crioulos” *versus* “reinóis”), tendo como correspondente cultural a oposição entre cultura local, popular, e cultura nacional, erudita, se manteve e se aprofundou nos séculos seguintes, continuando o território de nascimento e a cultura de origem a ser a linha separadora entre “Nós” e “Eles”. E foi este sentimento da diferença que estimulou a formação da identidade do grupo dos crioulos e o levou à valorização e à defesa dos seus interesses face ao Outro, o português metropolitano.

Tal como afirma Fernandes (2006: 167) em termos políticos, o lusitanismo dos crioulos ter-se-á revelado potencialmente perigoso não só pelo facto de ter dificultado uma auto-referencialidade crioula forte o suficiente para se contrapor à auto-referencialidade lusitana, mas também, essencialmente, por ter originado algumas fissuras no tecido social cabo-verdiano cujos efeitos perduram até hoje. De acordo com o autor supracitado, desde o início do chamado terceiro império, a expectativa em torno do portuguesismo/nacionalismo levou os cabo-verdianos a empreender ou consentir discursos de carácter bairrista e particularista. Em tempos notou-se que nos intelectuais cabo-verdianos abrangidos pelo colonialismo, nomeadamente os Claridosos, existiu um grande esforço no sentido de aproximar Cabo Verde à Europa e afastá-lo da África.

Na perspectiva de Baltasar Lopes em obra de 1937, a tentativa de tornar invisíveis os traços de uma herança africana ganhou importância nas ilhas de Barlavento (donde é originária uma boa parte dos Claridosos), que foram consideradas zonas livres do *ethos* africano, onde “quase que não existe o pitoresco”, visto que “as próprias festas e danças de São João, que alguns senhores sérios taxaram de reminiscência ‘selvagem’, não passam possivelmente de adaptação de motivos europeus” (Fernandes 2002: 90). Por outro lado, a ilha de Santiago foi destacada como o lugar de maior predominância do legado africano, tendo sido por isso referida, como “comportamento estanque” e seus habitantes, os *badius*, como complexados, que não se beneficiaram “das consequências da miscigenação e da inter-penetração de culturas que marcaram a acção do colonizador português” (João Lopes, 1936, *apud* Fernandes 2002: 91).

Sendo assim, resultou não apenas o encobrimento das supostas heranças africanas da cultura cabo-verdiana, mas também a procura de bases culturais que

legitimassem a pretensão de fazer coincidir culturalmente colonizador e colonizado. Seu desenvolvimento terá implicado uma dupla estratégia: a primeira, de diferenciação horizontal, isto é, entre indivíduos e grupos homogeneizados pela sua condição sócio-política, opôs assimilados e *badius* no plano interno, cabo-verdianos e africanos no universo colonial português. A segunda estratégia prende-se à diferenciação vertical, que é uma tentativa de procura de pontos comuns entre grupos política e socialmente diferenciados nomeadamente, entre a elite arquipelágica e os portugueses metropolitanos.

De acordo com Anjos (2002: 157), a definição do lugar de Cabo Verde no universo colonial é o problema que os intelectuais se colocam desde o princípio do século, sendo que a divisão desse império colonial português em africano e europeu está no início da divisão do próprio mundo intelectual. As tomadas de posição no que concerne à identidade nacional se correlacionam intimamente à trajectória intelectual, iniciando no local de origem. Sendo assim, o autor alega que não é por acaso que as duas grandes referências intelectuais cabo-verdianas se situam em linhas diametralmente opostas, o que corresponde à oposição historicamente firmada entre Santiago e o conjunto das outras ilhas: de um lado, Baltasar Lopes, cuja origem está profundamente ligada ao pólo metropolitano de Barlavento (Mindelo), a capital cultural que se aproxima à europeidade. Por outro lado, Amílcar Cabral de origem santiaguense e que carrega no perfil físico os traços dessa africanidade da maior ilha do arquipélago. Enquanto o primeiro afirma a especificidade mestiça de Cabo Verde, o segundo funda na africanidade o nacionalismo político cabo-verdiano.

Todos estes acontecimentos irão dar lugar ao particularismo da sociedade crioula, afastando as ilhas dos povos africanos e criando as bases para as construções bairristas, no âmbito de uma luta interna para provar quem se encontra mais perto da nação lusitana ou representar as qualidades regionais cabo-verdianas.

As manifestações bairristas em Cabo Verde tiveram a sua origem nas duas principais cidades do arquipélago (Praia e Mindelo), tendo acontecido no último decénio do século XIX. Era uma altura em que a Ilha de São Vicente atravessava uma situação de crise económica. Na essência dessa situação de crise e de fragilização social de São Vicente, iniciada desde 1890, surge na imprensa são vicentina a reivindicação de mudança da capital da província da Praia para o Mindelo, desencadeando-se pela primeira vez na história do país, uma disputa de índole nitidamente bairrista entre os habitantes de Santiago e São Vicente. A referida transferência foi determinada pelo

decreto de 11 de Junho de 1838, no entanto, por razões operacionais, nunca chegou a efectivar-se.

Na óptica de Fernandes (2000: 171), fica a impressão de que a primeira onda bairrista tenha sido construída graças a um desvio temporário em relação a um problema não só conjuntural, mas sobretudo estrutural, e que se interrelacionava com a forma como a província vinha sendo administrada. O problema polarizou-se em torno da Praia e Mindelo, deixando de lado as questões essenciais que tinham a ver com as medidas políticas, ou a ausência delas, do poder central. Portanto, por algum tempo, a oposição entre filhos da terra e agentes metropolitanos foi substituída pela oposição entre Praia e Mindelo, *badius* e *sampadjudos*. Mais ainda, no arquipélago, as manifestações bairristas e particularistas surgiram em contextos de rivalidades, em que o que estava em jogo era a melhoria das condições sociais de existência dos indivíduos e dos grupos envolvidos, além da disputa pela potenciação do seu protagonismo político e do seu espaço de enunciação. Nesta disputa em torno da capitalidade, surgiram alguns pormenores que mostram que a questão fazia parte de uma luta simbólica. Houve quem defendesse que a proximidade de São Vicente à Europa tenha sido apresentada como uma das suas vantagens na disputa com a Praia. Sendo assim, a preocupação em aproximar Cabo Verde à metrópole reforça a tese de que as construções bairristas e particularistas da sociedade cabo-verdiana estavam directamente ligadas à necessidade de defesa do portuguesismo de Cabo Verde num estado de disputas sócio-políticas e etnicamente orientadas. A convicção era de que seu “carácter português” poderia ajudá-los a se afirmarem como preciosos auxiliares de Portugal “na valorização do seu vasto império colonial africano”. Segundo essa tese, essa convicção teria levado os ilhéus a realçar as “qualidades étnicas dos naturais de Cabo Verde” em relação aos continentais.

Neste Capítulo, abordou-se brevemente o processo de colonização de Cabo Verde e as linhas gerais da construção da identidade nacional no arquipélago. Pode-se afirmar que são vários os factores que se articularam historicamente na construção da identidade nacional cabo-verdiana, até hoje em formação e transformação, haja vista, cada ilha possui as suas peculiaridades, dando lugar a diversas formas de pensar, agir e até de se exprimir.

É de salientar, que hoje a construção da identidade nacional cabo-verdiana se tornou um processo complexo, graças aos efeitos da globalização. Esses efeitos têm provocado mudanças aceleradas em termos sócio-económicos e políticos. Consequentemente, dá-se lugar ao enfraquecimento das instituições nacionais, do

Estado Nação como referencial de uma identidade nacional. Isso ocorre de forma especialmente relevante no caso do arquipélago de Cabo Verde, onde há muito tempo faz parte desse problema o fenómeno do “êxodo” e seus efeitos sobre a família, por exemplo.

De seguida, apresenta-se o Capítulo 3 que trata da caracterização da Ilha da Boa Vista, onde foi realizada a presente pesquisa.

## CAPÍTULO III

### CARACTERIZAÇÃO DA ILHA DA BOA VISTA

Neste capítulo tentar-se-á caracterizar a Ilha da Boa Vista, ou seja, apresentar um panorama geral da ilha. Falar um pouco da sua história, da sua descoberta, do seu povoamento, das suas peculiaridades e por fim, determinar alguns factores de diferenciação entre a Ilha da Boa Vista e a Ilha de Santiago (ilha de onde provêm os migrantes).

Boa Vista, como diz o nome, significa uma boa visão. Dizem que essa palavra foi utilizada aquando do descobrimento dessa ilha. Ela constitui uma das ilhas de Cabo Verde e sua capital é a Vila de “Sal-Rei”. Tem cerca de 620 km<sup>2</sup> aproximadamente, e cerca de 5.785 habitantes<sup>6</sup>. A sua densidade populacional é das mais baixas do arquipélago. O ponto mais elevado dessa ilha se chama Pico da Estância, com cerca de 387 metros de altura. A Ilha da Boa Vista possui as seguintes coordenadas do globo terrestre: Latitude 15° 58’ N e 16° 13’ N; Longitude 22° 40’ W e 22° 58’ W. Com as suas 17 milhas no maior comprimento e cerca de 20 milhas na maior largura, lá ainda está, a dormir na infantil ilusão, qual filho mais próximo dos quentes regaços da Mãe (Lima, 1997: 23). É a terceira maior ilha do arquipélago de Cabo Verde e das mais áridas e baixas, mas não menos rica na diversidade da paisagem e na morabeza da sua gente, que atrai cada vez mais pessoas oriundas de diversos pontos do mundo.

Figura 1

Mapa do Arquipélago de Cabo Verde



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha\\_da\\_Boa\\_Vista](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_da_Boa_Vista)

<sup>6</sup>Fonte: [www.ine.cv](http://www.ine.cv), (02/102008).

Integrada no grupo de ilhas do Barlavento cabo-verdiano, 50 km a Sul da Ilha do Sal, a 18 léguas de Santiago e a 500 km do *Cap Vert* do Senegal, a Ilha da Boa Vista é, como a demais lhas, de origem vulcânica, das mais antigas do arquipélago e é a que está mais próxima do Continente Africano; formou-se de produtos vulcânicos originados em crateras outrora existentes nos arredores dos actuais Monte Caçador, com 355m de altitude e Pico Forcado com 369 metros (Lima, 1997: 24). Segundo Almeida (2003: 94), não obstante a sua proximidade com o continente africano, de todas é capaz de ser aquela em que a influência da cultura africana é menos visível e acentuada. Sem dúvida, por efeito do seu inicial processo de povoamento.

De forma octogonal, a Ilha de Boa Vista é de natureza plana, cortada com uma cadeia de montes, a Serra do Norte no sentido Noroeste/Sudeste, separando assim as duas zonas: a oriental, onde se localizam as povoações de João Galego, Fundo das Figueiras e Cabeça dos Tarafes, e a ocidental, onde se encontram a Vila de “Sal-Rei” e as povoações do Rabil, Estância de Baixo, Bufareira e Povoação Velha. Na parte ocidental é igualmente cortada por bancos de areia, na direcção Norte/Sul (Lima, 1997: 24). A ilha constitui uma linha com dunas de areia branca com 55 km de extensão e mar cristalino (cor de turquesa).

Figura 2

Praia de Santa Mónica



Autor: Mário Costa, 2008

Embora os primeiros navegadores a tenham baptizado de São Cristóvão, o seu nome actual resulta de ser o primeiro pedaço de terra firme que os navegantes do Renascimento avistaram na sua perigosa aventura atlântica. Descoberta a 3 de Maio de 1460 e povoada entre os finais do séc. XVI e inícios do sec. XVIII (Lima, 2002: 19), a ilha é de grande beleza natural, com belas praias de mar e com vastas dunas de areia. A sua paisagem costeira é de dunas altas flutuantes de areia branca, embelezada ocasionalmente por oásis de tamareiras e lagoas.

**Figura 3**  
**Deserto de Viana**



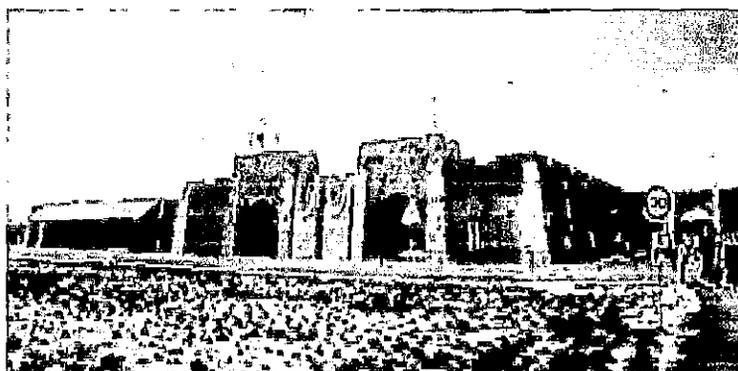
Fonte: Leonildo Carvalho, Abril de 2009

O interior da ilha alterna desertos de areia (semelhantes ao Sahara) com planícies rochosas (ao Norte). A orla marítima é envolvida por um anel de recifes de corais e rochas com forte campo magnético, o que contribui para o desnorte de muitas embarcações.

Muitos afirmam que a morna cabo-verdiana terá nascida na Boa Vista, na época da escravatura e do algodão. Ainda hoje, as *toca tinas* ao fim da tarde e à noite fazem parte das actividades dos seus habitantes e dos seus visitantes.

Graças à sua situação geográfica privilegiada e às suas condições naturais, a ilha passa actualmente por uma grande transformação ao nível sócio-económico, com influências no sector do turismo, com infra-estruturas modernas, nomeadamente a construção do aeroporto internacional, hotéis e estradas.

**Figura 4**  
**Aeroporto Internacional da Boa Vista**



Fonte: [www.google.com](http://www.google.com) (2008)

## 1. Achamento/ Descoberta

A descoberta da Ilha da Boa Vista e de todo o Arquipélago de Cabo Verde está intimamente relacionada com a expansão ultramarina do Reino de Portugal (Kasper, 1985: 35).

Como relata Lima (1997: 36), as caravelas do Infante andavam perdidas no meio do Atlântico, um dia chegariam à Ilha de *Sam Cristovam* a 3 de Maio como havia feito referência, no entanto, para uns seria 3 de Maio de 1456 e para outros seria a 3 de Maio de 1460. A partir de um certo percurso da sua história, a Ilha passou a chamar-se de Boa Vista. Segundo o autor acima referido, o nome Boa Vista foi posto por Cadamosto por ser a primeira ilha que viu *n'aquella parte em 1446*. Diz ainda, que outras fontes consultadas rezam que marinheiros, que posteriormente por ali passaram, subiram ao monte mais alto e, tendo avistado as Ilhas do Maio, Santiago e provavelmente a do Fogo, num dia claro e lindo, teriam exclamado: - *que bonna vista!* Ou então, que os marinheiros das caravelas já esgotados de tanto marear, finalmente o marujinho sobe ao topo do mastro e, de lá grita, para o espanto do resto da desconsolada tripulação - *bonna vista! bonna vista!* Lima (1997: 42) faz ainda referência à versão de Sena Barcelos, esse alega que o nome Boa Vista seria posto por um mandatário que Rodrigo Afonso, que veio a ser o primeiro capitão-donatário da ilha, enviara em 1489 para *Sam Cristovam*, com o intuito de estudar as suas viabilidades económicas, nomeadamente no que concerne à criação do gado. (...) *e que elle realmente admirado de ver deante de si quasi todas as ilhas, que formam o archipelago, lhe apropriasse aquelle nome como o mais adequado.*

Segundo relatos dos seus pretensos achadores, a ilha era regularmente visitada por águas bondosas dos céus e por isso, era verde, povoada unicamente por lindos e graciosos pássaros, de entre os quais, o majestoso fragata e o magnifico pombo (Lima, 1997: 41). A ilha ficou longos anos desabitada ou então transformada em campo de pastagem do gado que ali fora espalhado.

## 2. Povoamento

Enquanto as Ilhas de Santiago e do Fogo foram povoadas a partir de 1462, o povoamento da Boa Vista inicia-se nos finais do século XVI, com escravos idos de Santiago e da Costa Ocidental Africana, e com europeus idos de Santiago (Lima, 2002: 27).

Conforme relata Josef Kasper (1987: 37), até ao princípio do século XVII, na Ilha da Boa Vista apenas existiam pastores e alguns caçadores que eram responsáveis pela manutenção do gado. A ilha teria sido povoada por escravos – pastores que, com um ou outro colono, seriam para ali enviados para cuidarem do gado.

De facto, tal como defende Lima (2007: 366), a maior parte dos elementos humanos que contribuíram para o povoamento da Ilha da Boa Vista é proveniente da Ilha de Santiago. Sabe-se também que do ponto de vista político-administrativo, os princípios e as políticas de povoamento da Ilha das Dunas surgiram e foram conduzidos a partir de Santiago, mais concretamente da capitania da metade Norte ou dos Alcatrazes. Ressalta-se que a maioria dos elementos humanos africanos (na qualidade de escravos) era enviada da referida ilha às outras, onde esses se encontravam já ladinizados<sup>7</sup>. No dizer de Carreira, conforme relata Lima (1997: 47), os primeiros ocupantes da ilha foram *os desafortunados que ficavam isolados do resto do mundo, sem possibilidades de se evadirem*.

Inicialmente, não seriam muitos os escravos, pois pastorear cabras não exige grande quantidade de mão-de-obra: levas de escravos seriam enviadas para Boa Vista sucessivamente, ao sabor da prosperidade do gado nessa ilha. Esse facto, que na óptica de Lima (1997: 48) explica em boa parte o lento crescimento populacional na Ilha da Boa Vista até à chegada dos ingleses, estes com a exploração do sal.

Sendo assim, a génese e o desenvolvimento da sociedade local boavistense assentam-se, fundamentalmente, sobre os elementos humanos africanos que participaram do seu povoamento a partir dos finais do século XV, com o início da ocupação da ilha para fins da pastorícia. Juntamente com os escravos surgiram os elementos humanos europeus que também eram detentores de culturas ancestrais, elas mesmas já muito diversas e misturadas ao longo da história. Como nas demais ilhas, a sociedade local boavistense não foi uma criação de povos autóctones. Com efeito, se trata de uma formação heterogénea, cujos elementos étnicos primordiais vieram de fora, de diferentes regiões, no quadro de um encontro forçado, pois na sua origem, quando ali chegaram, já traziam marcas do sistema escravocrata: o elemento europeu, o branco como proprietário de escravos, e o elemento africano, o negro como escravo. De realçar que o branco, de uma maneira geral, ali não teria habitado por quatro razões essenciais: primeira, da ilha fazia-se sempre um retrato desencorajador por ser seca, de não possuir

---

<sup>7</sup> Processo que implicava o baptismo e a aprendizagem da catequese e de rudimentos da língua portuguesa.

água ou se a possuísse era saloba e de ser despida de arvoredos, embora fosse rica em pastagens. Por isso a única oportunidade económica aos olhos dos donatários era a criação do gado, cuja exploração por um lado era barata, por não exigir como foi referido anteriormente, muita mão de obra e, por outro, não exigia muita competência e era muito rendosa; segunda, enquanto a ilha afigurava-se conseqüentemente pouco atraente em termos económicos, Santiago e Fogo eram os principais pólos de atenção, pelas suas potencialidades agrícolas. A essas duas ilhas, portanto, o colono dava as suas preferências; entre 1475 e 1575 o branco, umas vezes como explorador directo, outras como serviçal, estava mais voltado para o comércio de escravos que na altura era o que mais rendia; finalmente o número de brancos em Cabo Verde era muito reduzido em relação ao número de negros. A este respeito, diz Carreira (1983, *apud* Lima, 1997: 48) que no cômputo geral do arquipélago, a relação era de 1 branco para 100 negros.

A sociedade local boavistense emergiu nos finais do século XV e surgiu da necessidade forçada de os brancos, os negros e os mulatos estabelecerem relações coloniais que impunham minimamente o entendimento, em que pese suas culturas. Sena Barcelos<sup>8</sup> diz:

*(...), portanto, que foi em 1490 que em S. Christovam se construíram as primeiras choupanas e se deu o começo ao povoamento com pretos mandados de Santiago (Lima, 1987: 49).*

No ano de 1731, a população de origem negra era maioritária, já distribuída em mestiços livres, forros e escravos. Isto é, neste ano já existiam as categorias dos mestiços livres, dos escravos alforriados e dos escravos. Por volta de 1844 a maioria dos escravos situava-se na Vila de “Sal-Rei” devido, essencialmente, à exploração do sal e da urzela, que exigia maior quantidade de mão-de-obra, e à exploração dos produtos comerciáveis que se fazia através do seu porto. Posteriormente, vinha a povoação do Rabil, em que os escravos eram mais usados na agricultura e na pastorícia. Na Boa Vista os escravos também eram obrigados a vaguear pelos campos da ilha, a pastorear o gado bravo. Habitavam em funcos, alimentavam-se e vestiam-se mal.

Na Boa Vista, também existia a categoria dos mestiços descendentes de brancos europeus e de negros africanos. Os brancos solteiros que emigravam para as colónias portuguesas, e os que não se faziam acompanhar de suas esposas nem sempre constituíam famílias nucleares na Boa Vista. Frequentemente se relacionavam com as

---

<sup>8</sup> SENNA, Manuel Roiz Lucas de. Dissertação sobre as Ilhas de Cabo Verde (1818). Anotações e Comentários de António Carreira (1986; *apud* Lima, 1997).

mulheres, em sua maioria negras, na base de uma poligamia não de jure, mas de facto. Apenas em alguns casos constituíam famílias nucleares, do tipo europeu. Mais comumente, os mestiços eram classificados pelo sistema jurídico colonial como filhos ilegítimos.

Devido ao crescimento económico da Ilha da Boa Vista e com a vinda em quantidade significativa dos colonos de morada, deu-se início a uma estratificação social bem definida em sua hierarquia. Na base, se encontrava a maioria de negros e mestiços e, no topo, uma minoria de brancos, com funções, papéis e estatutos legalizados e positivamente considerados. Esse crescimento populacional, inicialmente, deu-se à base da comercialização dos produtos de gado e explica a evolução demográfica da ilha, que ocorreu relativamente rápido, com participação de negros e brancos.

O desenho social da Boa Vista terá sido formado, pela cor da pele (branca, negra e mestiça); e pela posse de meios de produção: a classificação dos brancos em posições de superioridade, os quais, possuíam os meios de produção: a classificação intermediária dos mestiços que gozavam de algum tipo de privilégio concedido pelo pai colono e em posição inferior, a dos negros, na sua maioria escravos, desprovidos de qualquer bem.

Somente na etapa da urzela e de outros produtos da exportação é que aparecem, além dos detentores de propriedades e dos escravos, os forros, cuja única propriedade era a sua força de trabalho, além de que não possuíam quaisquer direitos; ainda que se tornassem livres ou alforriados, ficavam na dependência dos seus antigos donos.

### **3. Formação da Sociedade Local**

Para Lima (1997: 209), a sociedade boavistense é de origem escravagista, pois a ilha foi povoada por uma maioria de escravos afro-negros, que para lá foi desterrada para pastorear gado, plantar e colectar algodão, bem como por uma minoria de brancos, donos de todos os meios de exploração económica ali implantados e que, conseqüentemente, dirigia todo o sistema económico da ilha. Sendo assim, todo o sistema de relações de trabalho e sociais baseou-se na mão-de-obra escrava, na base de mentalidades e de praxes escravocratas europeias. Portanto, a Ilha da Boa Vista possui um passado histórico influenciado por africanos, europeus, americanos e pessoas de outras nacionalidades. De uma população maioritariamente de origem negra, a Ilha da

Boa Vista deverá ser uma das últimas ilhas a possuírem escravos, isso por causa da exploração do sal (Lima, 1997: 209).

Na óptica de Lima (2007: 363) a formação das sociedades das ilhas de Cabo Verde varia de ilha para ilha, devido à sua diversificada composição étnico-cultural, aliada aos condicionalismos do ambiente físico peculiares de cada uma delas e ao facto de elas serem separadas por mar, dando origem a uma estrutura social heterogénea no arquipélago. Por isso, é corrente a afirmação de que o arquipélago de Cabo Verde é um mosaico de paisagens humanas, representando quadros e cenas, actividades e costumes típicos. Sendo assim, os habitantes de cada ilha desenvolveram os seus próprios dialectos, usos, costumes e individualidades.

Sendo a Ilha de Santiago a primeira a ser povoada, foi aí que se estabeleceram as relações sociais de produção colonial, que se difundiram, conforme as políticas de povoamento do arquipélago de Cabo Verde, para as demais ilhas. Consequentemente, pode-se deduzir que as relações sociais e a estruturação das classes sociais, resultantes dos modos de produção ensaiados na Ilha de Santiago, serviram de modelo, com as devidas adaptações, à formação da sociedade local boavistense, visto que, quando negros, brancos e mestiços saíram daquela ilha para o povoamento da Boa Vista e das outras, já eram portadores de um certo padrão cultural referencial. Ademais, as origens da formação e da estratificação social na Ilha das Dunas estão extremamente ligadas à cor da pele e à posse dos meios de produção.

Também na óptica de Lima (2002: 27), a partir dos estudos históricos sobre a Ilha da Boa Vista, pode-se constatar que os escravos e os homens livres para aí transportados contribuíram para a génese de uma nova sociedade, com uma identidade cultural própria no contexto de Cabo Verde. Com efeito, criou-se e acumulou-se na Ilha da Boa Vista, ao longo da sua história, um importante acervo cultural, devido à simbiose entre os traços culturais para aí levados pelos grupos étnicos em presença; às relações comerciais internacionais, à base dos produtos da terra (produtos de actividades extractivas que as ilhas de Cabo Verde ofereciam à exploração económica), que a geomorfologia proporcionava; e aos contactos entre os seus habitantes e os povos estrangeiros que aí aportavam, tendo dessa dialéctica resultado o património histórico-cultural da ilha.

Até finais do século XVI e início do XVII, enviados de Santiago habitavam a ilha: escravos, pastores, caçadores. Os colonos, certamente, ali aportavam pontualmente, ou seja, nas épocas das grandes matanças do gado, ou então quando das

transacções comerciais ligadas aos produtos do gado e ao algodão. De acordo com dados fornecidos por Lima (1997: 218), até 1580 o número de escravos rondava os 50. Mas já em 1650 viviam na Boa Vista 150 almas, entre escravos, colonos brancos e mestiços. Provavelmente, em 1667 a ilha já contava com os serviços religiosos de um padre que terá rezado a sua primeira missa no então Porto dos Portugueses (actualmente conhecido como Porto de Curralinho).

É de referir que entre os brancos existiam alguns degredados de Portugal. Segundo Carreira (1983, *apud* Lima, 2002: 218), esses degredados, em número de 2.500 até o último quartel do século XIX, eram distribuídos pelas ilhas, evitando-se, assim a sua concentração em Santiago, o que representaria um perigo para o Governo. De um modo geral, os degredados desempenharam um papel muito importante no ensino de certos ofícios aos escravos mais hábeis e aos ladinos, o que contribuiu para a formação de uma estrutura sócio-profissional que, de acordo com Carreira (1983: 27), veio a consolidar-se mais tarde, em todas as ilhas.

Segundo Kaesper (1987: 41), em 1774, Boa Vista contava com 1440 habitantes e por volta do fim do século XVIII a tendência era para subir, pelo que em 1800 a ilha contava com 2200 habitantes. Normalmente, a cor da pele era o mais importante índice social distintivo dos senhores e donos absolutos. Pelo que, observava-se a seguinte divisão: *as classes dominantes*, constituídas pelos sucessores dos capitães e dos proprietários feudais. Aqui incluíam-se os brancos da terra e alguns mulatos; *as classes médias*, que eram constituídas por todas as pessoas que tinham sido libertadas da escravatura. Aqui, estavam incluídos todos os rendeiros, pequenos comerciantes e alguns funcionários: o povo livre em geral. As suas possibilidades económicas eram modestas em comparação com as classes dominantes; *as classes inferiores ou escravos*, não tinham direitos e apenas obrigações. Os proprietários podiam fazer deles o que quisessem (Kaesper, 1987: 44).

Ressalte-se que no ano de 1784 a ilha encontrava-se dividida administrativamente em freguesias (divisão de origem religiosa): a região oeste – freguesia de São Roque, (hoje Santa Isabel) a região leste – freguesia de São João Baptista (Kaesper, 1987: 41).

#### 4. História

Devido às suas características geológicas e climáticas, a ilha da Boa Vista (tal como aconteceu com o Sal), após ter sido descoberta, caiu no esquecimento durante 150

anos seguintes, sendo utilizada apenas como pastagem para cabras. Isto porque Cristóvão Colombo ancorou na ilha em 1498 e fez uma descrição terrificante das dificuldades com que deparou.

Por volta de 1620, alguns marinheiros ingleses, constatando a boa qualidade do sal desta ilha, estabeleceram-se em Povoação Velha para explorar economicamente esse recurso natural. Também os pequenos proprietários e o povo possuíam, como elemento complementar da sua economia, o sal das pequeninas marinhas e as chamadas “bestas” para o carreto do sal até ao cais de carga (Carreira, 1983: 32). No entanto, os ataques constantes de piratas impediram o desenvolvimento económico regular da ilha, até que, em 1820, na sequência de um saque devastador, a população mudou-se para o Porto Inglês (actual “Sal-Rei”) e construiu um forte no ilhéu defronte. De acordo com D’Oliveira (2003: 30), esse farol (Farol da Calheta do Velho, situado no ilhéu de Sal-Rei) é o mais antigo da Ilha da Boa Vista, erguido em 1868 e modernizado mais tarde, em 1948. A edificação deste farol justificar-se-ia por uma grande movimentação administrativa, política e comercial na ilha (embora em decadência, na altura), provocada em parte pelo negócio do sal, urzela, gado e algodão.

Segundo Almeida (2003: 92), em tempos admitiu-se a hipótese de a sede do governo da província passar definitivamente para a Boa Vista, ilha de todo salubre e com uma vila, a de “Sal-Rei”, “com maior e mais bem ordenado prédio da província pertencente aos Machado e irmãos” e outros bons edifícios que mostram ser a vila “habitadas por pessoas de consideração, tanto em cabedais como em dignidade”, ao contrário da Praia que era tosca: só cabanas e propensa a toda a espécie de moléstias.

Sem dúvida a localidade da Boa Vista que definitivamente viria a ficar como referência para todos os forasteiros foi a povoação de “Sal-Rei”, ainda que ela tivesse um inconveniente insuperável: não tinha água (Almeida, 2003: 92). A água era obtida com muito sacrifício e era conseguida fora do povoado. No entanto, esse inconveniente foi ultrapassado. Hoje a vila é abastecida através de um dessalinizador. Essa importância de “Sal-Rei” não vem de sempre. Quando se iniciou o povoamento da Boa Vista, isso por volta de 1620, por intermédio de um grupo de ingleses que se dedicava à exportação do sal na zona leste da Ilha, o lugar mais importante era a povoação de Estância ou também conhecida por Povoação Velha, por eles fundada e servida pelo porto do Curralinho, também chamado de Porto Português. A Estância é por isso mesmo tida como a primeira povoação de características urbanas a aparecer na Boa Vista e é seguro que tenha tido uma importância considerável, pois que por volta de

1640 um barco de piratas achou-a digna de ser atacada e saqueada. Certamente pelo facto de a actividade de extracção do sal ser pouco exigente em matéria de mão-de-obra, a Estância acabou por se manter sempre muito pouco populosa, com um número de habitantes que nunca excedia 400 pessoas (Almeida, 2003: 93). Até que do outro lado da ilha, que era conhecida pelo nome de “Porto Inglês”, o conselheiro Manuel António Martins começou a explorar uma zona de salinas ainda virgens que produziu um sal de tão excelente qualidade, tão superior a tudo que até então se vira na ilha, que ninguém contestou quando se lhe atribuiu a designação de “Sal Rei”.

De início, ““Sal-Rei”” identificava apenas o sal que se recolhia nesta parte da Ilha. Foi depois, à medida que uma povoação entre as salinas e o porto se desenvolvia, com este crescendo em importância na exportação desse sal superior, que “Sal – Rei” passou também a designar o lugar. E não demorou muito para a vila mudar definitivamente o nome de “Porto do Inglês” para o de Porto de “Sal-Rei”.

Nos primórdios do século XX, Sal – Rei já era considerada uma povoação desenvolvida, embora com apenas cerca de mil habitantes. O seu porto tinha um considerável movimento de navios estrangeiros que preenchiam as necessidades de exportação e importação das mais diversas mercadorias, não só para a própria Boa Vista como também para resto do arquipélago (Almeida, 2003: 94).

A importação para o consumo da Ilha era feita especialmente da Inglaterra e da América. Só a partir de 1842 que os navios portugueses começaram a procurar a ilhas para comerciar. Nesse tempo Boa Vista tinha uma pauta de importação diversificada. Para além de alimentos chegavam também combustíveis, vestuário e até materiais de construção, com excepção do cal e objectos em cerâmica. Por sua vez, exportava cal, cerâmica variada, urzela, carne salgada em forma de chacina, peixe seco, peles, lã de carneiro, sabão, azeite de purgueira, algodão, lã vegetal e também grandes quantidades de animais vivos: cavalos, touros, bois capados, vacas maninhas, jumentos e cabras. Quando chovia, a ilha mudava a sua fisionomia; não só verdejava como os seus vales produziam com abundância milho, feijão, abóbora, melão e melancia.

De acordo com Almeida (2003: 101), noutros tempos, talvez muito longínquos, a Boa Vista era completamente coberta de arbustos denominados tarafe e também muraças. Também contava com plantações de algodoeiros que se estendiam por muitos hectares de terreno argiloso. No presente, é que a ilha está quase toda ela coberta de areia, com uma ou outra excepção de alguma moita verde lá mais para o interior.

A Ilha da Boa Vista só viria a ter os seus primeiros residentes pelos anos de 1490, quando foi doada a um certo Rodrigo Afonso. Mesmo assim, sob a forma de manadas de gado bovino e caprino guardadas por escravos. É de realçar que antes disso, pelos anos de 1479, a ilha já era frequentemente procurada e usada como sanatório de doentes de lepra. Isso porque funcionava como abrigo de uma prodigiosa abundância de tartarugas que ali faziam desova. Ora, tanto a carne, como o sangue da tartaruga, um líquido espesso, eram tidos como excelentes remédios para curar a lepra e sabe-se que o próprio Cristóvão Colombo visitou a Boa Vista em 1498, aquando da sua terceira viagem a América, oficialmente para aí obter animais aclimatados aos trópicos e destinados às Antilhas, mas diz-se sobretudo com o objectivo de tentar curar-se da moléstia que já o atacava (Almeida, 2003: 102).

Mercê das suas possibilidades, quer na industria de sal, cal e cerâmica, quer pelo comercio que a frequência dos navios no seu porto procurava, a Boa Vista era uma ilha relativamente procurada e por volta de 1834 a sua população estava estimada em cerca de 3.300 habitantes, número avultado para a época, se tivermos em conta que a sua actual população é de pouco mais de 5.000 pessoas. No entanto, a partir de 1838-1839 grande parte dessa gente viria a ser aplicada para trabalhar na Ilha do Sal na concessão dos areais de Santa Maria. Não obstante esse desfalque, por volta de 1845, a Boa Vista tinha cerca de 7.000 habitantes, ano esse em que a desastrosa febre-amarela reduziu o seu número de tal maneira que em 1860, Boa Vista contava apenas com 2.700 almas (Almeida, 2003: 103).

Almeida (2003: 106) defende que desde sempre existiu uma grande incompreensão acerca do carácter livre do Homem da Boa Vista, o que fez com que ao longo da sua história ele fosse sendo sucessivamente acusado, ora de indolente, ora amigo do ócio. Por outro lado, esse povo foi sempre considerado vivo e inteligente e também com um elevado talento para as artes, especialmente para música e dança.

As principais actividades económicas que caracterizavam a ilha, seja a pecuária, a pesca ou a agricultura, são todas actividades absolutamente sazonais, não sendo por isso nenhuma delas propícia a grandes correrias contra o tempo, pois que todas dependentes de factores aleatórios e fora do controle humano.

Até 1842 ainda o governo da província se deslocava para certas ilhas da sua escolha para fugir ao rigoroso verão da Praia. Boa Vista era uma delas e esta circunstância proporcionou que na Quarta-feira, 24 de Agosto desse ano, no Porto de Sal – Rei, na altura do quartel-general do governo da Província, nascesse o primeiro

número do Boletim Oficial de Cabo Verde (Almeida, 2003: 109). Facto esse aliado à instalação na vila em Junho de 1843 da comissão mista Luso - Britânica destinada à abolição da escravatura nas possessões portuguesas, foi visto como sendo de extrema importância para Sal – Rei na disputa de liderança provincial com a Vila da Praia. E é verdade que o desenvolvimento da ilha continuou crescendo com a instalação de consulados de diversos países e a chegada de muitos comerciantes judeus.

Porém, no ano de 1845 as aspirações hegemónicas da Boa Vista viriam a declinar através de um surto de febre-amarela, que surgiu na ilha com tal violência que chegou a matar a própria filha do Presidente da Comissão Mista para a Abolição da Escravatura, Miss Júlia Maria de Pettingal (Almeida, 2003: 109). Sendo assim, a ilha começou a ser abandonada. O Governador-geral, sua família e toda a sua comitiva e também a impressora do Boletim Oficial deslocaram-se para a Brava. O Comandante Militar e o Director da Alfândega partiram para o Sal que passou a exercer as funções de Alfândega Grande.

Apenas em Julho de 1847 se daria por desaparecida a febre-amarela e conseqüente regresso dos diversos serviços que se tinham refugiados para o Sal. Entre 1853 e 1854 praticamente não choveu e por isso as colheitas foram escassas ou mesmo nulas. E em consequência disso a fome instalou-se com grande violência nas camadas mais baixas (Almeida, 2003: 111).

Ao longo dos séculos, depósitos metálicos existentes nos montes da ilha descompassavam as agulhas das bússolas dos navios, conduzindo assim as embarcações descuidadas ao naufrágio nas suas costas Leste e Norte (Almeida, 2003: 111). Os naufrágios sucessivos resultavam da conjugação de circunstâncias peculiares: ventos tempestuosos ligados a correntes muito fortes; recifes rochosos pouco profundos, prolongando a costa plana, envolta, muitas vezes, em neblina, com fraca visibilidade.

Na Ilha da Boa Vista os naufrágios e as conseqüentes *moias*<sup>9</sup> marcaram particularmente os traços sócio-culturais da sua população. As histórias, poesias e cantigas (particularmente mornas) relatam os acontecimentos e momentos mais marcantes e por vezes cómicos do envolvimento da população nos naufrágios (D'Oliveira 2005: 24).

De acordo com D'Oliveira (2005: 127), os naufrágios foram de grande importância na vida dos boavistenses, pois aconteceram em alturas em que havia muita

---

<sup>9</sup> *Moia* é um termo utilizado para designar os salvados de barcos encalhados.

falta de trabalho e carência alimentar. De realçar, o naufrágio de um cargueiro espanhol “Cabo de Santa Maria” em 1968. Durante cerca de um ano a população da Boa Vista encontrou trabalho no resgate da carga do Cabo de Santa Maria. Ainda, segundo o autor, as histórias contadas sobre este naufrágio chegam para escrever um grosso e belo romance. Actualmente, o velho casco do barco jaz na costa da Boa Esperança, praia muitas vezes referida pelo nome do barco. Nas imediações, podem ser vistos restos de máquinas, motores e manilhas que serviram de suporte para o resgate do seu conteúdo, que durou muito tempo posteriormente ao encalhe. Segundo declarações de um antigo funcionário das alfândegas da Praia, que fiscalizou as operações de descarga do navio, havia também grande quantidade de cocaína, destinada a fins farmacêuticos. Havia também várias viaturas e muitas foram parar em São Vicente, outras ficaram na Praia e mais tarde espalharam-se um pouco pelas outras ilhas (D’Oliveira, 2005: 127).

Mas a grande vantagem desses naufrágios, na óptica de Almeida (2003: 112), era darem origem às celebres *moias*, que durante certo tempo funcionavam como fontes de abastecimento da ilha, e às vezes mesmo como meio de alguma fortuna, não obstante os rigores das autoridades, de tal forma que, ainda de brincadeira, até se dizia que quando tardavam a acontecer os encalhes de navios, os habitantes amarravam lanternas no dorso de um burro, faziam-no deslocar-se ao longo da costa, provocando assim equívocos nas manobras, fazendo-as aproximar-se dos perigosíssimos baixios da costa e consequentes naufrágios. Para Manuel D’Oliveira (2005: 30), a história do burro não deve passar, porém, de mais uma lenda, visto que os faróis apareceram na Boa Vista só no séc. XX, no Morro Negro.

Praticamente até aos anos 50-60 do século XX ainda a influência de certos traços materiais da cultura inglesa se faziam sentir, se não directamente nas pessoas, pelo menos na vivência da população em geral, traduzidos não só no hábito do lanche e da ceia, normalmente em forma de chá preto da Índia, como também a existência na ilha de um certo culto da maçonaria e ainda na presença de determinadas peças de mobiliário, como por exemplo, as cadeiras de lona e de baloiço (Almeida, 2003: 112).

Mercê do percurso da sua história e das influências que o seu povo foi sofrendo ao longo dos tempos, a Boa Vista até bem pouco tempo era considerada uma das ilhas mais pobres de Cabo Verde. No entanto, há cerca de 16 anos com o surto do investimento turístico na ilha, a situação tende a alterar. Segundo Almeida (2003: 113), diz-se no presente que o seu futuro é turismo. Numa imensa ilha com pouco mais de 5.000 mil habitantes, certamente que não se passarão muitos anos para o total

desaparecimento da sua identidade, especialmente desse prazer de usar o tempo numa aceção muito própria em que o hoje e o amanhã, o agora e o daqui a bocadinho significam a mesmíssima coisa porque todas as horas do dia estão por nossa conta.

## 5. A Emigração e o Surgimento de um Novo Grupo Social

De acordo com Carreira (1983: 35), “a emigração é a deslocação, em corrente, dos habitantes de um país para o exterior com o intuito de permanência ou demora e exercícios das suas faculdades produtivas no local de destino”. Muitas vezes, o indivíduo ou grupos de indivíduos, vivendo numa situação de penúria, fome ou pobreza, procura noutra país de acolhimento os meios indispensáveis à urgente satisfação dessas necessidades; ou então, embora não sofrendo qualquer uma dessas privações, procura uma vida melhor, conforto ou fortuna. Outras vezes ainda, é motivado a deixar a sua terra natal devido ao espírito de aventura.

As principais causas da emigração do povo das ilhas são a seca, as fomes cíclicas e persistentes que assolaram o arquipélago com um cortejo de famintos e de mortos (Carreira, 1977, *apud* Lima, 2007: 382). Sendo assim, o cabo-verdiano cedo foi obrigado a procurar noutras paragens a sua possibilidade de sobrevivência. Alguns cabo-verdianos emigravam espontaneamente (por iniciativa particular, livre de peias ou incidentes) e outros eram forçados a irem (aqui se pode citar o caso da emigração para o arquipélago de São Tomé e Príncipe, por volta de 1863, quando os emigrantes foram obrigados a irem trabalhar nas roças de café e cacau). No período de 1951/70, foram transportadas para as plantações do sul 30 pessoas do Sal e da Boa Vista (Kaesper, 1987: 62). Segundo Lima (2007: 382), foi mais ou menos nessa altura que os boavistenses também começaram a emigrar. Foi no século XIX, quando alguns trabalhadores, afligidos pela fome, devido a períodos de estiagens, foram forçados a aceitar os contratos para as culturas do café e do cacau de São Tomé e Angola. Aliás, mesmo internamente, o boavistense foi obrigado a emigrar da sua ilha para outras em momentos de crise ou fome. De acordo com Kaesper (1987: 61), em ligação com a prolongada seca de 1895/1903 que culminou com a crise de 1901 a 1905, emigraram por exemplo, a 12 de Março de 1903, 27 pessoas (homens e mulheres) da Boa Vista no barco “Portugal” que se dirigia para os E.U.A. via Brava.

No entanto, em termos de auto-percepção como grupo, só, a partir de meados do século XIX ao século XX que emerge uma camada social forte de emigrantes<sup>10</sup> com um certo poder de intervenção e de influência na sociedade local boavistense. Posteriormente, a emigração viria a contribuir de forma significativa para uma mudança radical no panorama sócio-económico e cultural da Boa Vista quanto ao estatuto não só de pessoa emigrada, mas também de todos os seus familiares próximos. Do anonimato, o emigrante e os seus familiares passaram a ser objecto de referência social; de ignorados, transformaram-se em motivo de concorrência para compatriotas e outras relações interpessoais e familiares. Essa recente formação grupal viria a destronar a antiga dominação dos proprietários de gado, de terrenos, de fazendas agrícolas e de casas comerciais.

É de salientar a questão da escolaridade da população, pois a Ilha da Boa Vista ganhou muito com a emigração nesse aspecto. Embora tivesse apenas o ensino primário, muitas famílias passaram a mandar os seus filhos para as ilhas de São Vicente e Santiago com o intuito de frequentarem os referidos liceus. Quanto à cultura, a ilha perdeu um pouco das suas peculiaridades culturais quando os emigrantes começaram a espalhar na ilha seus costumes e modos de expressão cultural aos povos, os grupos musicais tradicionais foram sendo substituídos pelas músicas e danças estrangeiras, de acordo com a moda da época e/ou do país de acolhimento: valsa, mazurca, samba, entre outros. No entanto, muitas outras músicas e danças resistiram até hoje, como a morna e o landu, primeiro por estarem enraizadas na textura cultural boavistense e segundo, por serem músicas e danças do amor e do casamento e, conseqüentemente, integrarem o sistema social desse povo.

O envio regular de dinheiro efectuado pelos emigrantes aos seus familiares que se encontravam na Boa Vista desempenhava um papel importante no que diz respeito à balança de pagamentos da ilha. Sem essas transferências permanentes de divisas, a viva actividade de construção civil, antigamente, seria impensável. É de notar, que nas povoações da Boa Vista as construções feitas pelos emigrantes são normalmente, casas familiares com varandas, por vezes com segundo andar, rebocadas e pintadas, com portal, interiores de tipo europeu e com aparelhagem estereofónica e televisão (Kaesper, 1987: 64). Deste modo, surge uma nova camada social forte, formada na base da

---

<sup>10</sup> Emigrantes que vinham de férias e depois de uma certa temporada na terra regressavam para a labuta no estrangeiro.

emigração, constituída pelos emigrantes e seus familiares, que passou a ser a camada dominante da sociedade local boavistense.

Em síntese, interessa salientar que a qualidade de vida da população da Ilha da Boa Vista, foi frequentemente condicionada por vários factores negativos de ordem geoclimatológica, como por exemplo, o clima típico da situação geográfica da ilha, situada na zona subtropical do Atlântico Norte, o qual é árido e desértico. A pluviosidade é fraca, alternando os períodos de algumas chuvas com períodos de secas constantes e prolongados. Mais ainda, o solo de Boa Vista é pobre, pois apenas em torno de 5% é fértil, o que não lhe permitiu ao longo da sua história manter uma agricultura sustentada. Em consequência dessas condições deu-se a escassez de alimentos, por vezes seguida de períodos de fome catastrófica que, seguidamente, maltratou o povo boavistense do século XVI ao século XX. Esses períodos de fome contribuíram para a diminuição da população da ilha, às vezes por altas taxas de mortalidade, outras por emigração forçada para as outras ilhas ou para o continente africano.

## **6. Factores de Diferenciação entre as Ilhas da Boa Vista e de Santiago**

Na óptica de Lima (1997: 209), nas duas ilhas produziram-se relações sociais e variantes culturais distintas, por razões que se prendem com os modos diversificados de exploração económica nelas impostos. Portanto, as Ilhas de Santiago e da Boa Vista tiveram modos de povoamento e formas de exploração económicas diferentes, o que contribuiu para modos de vida social diferenciados nas duas ilhas.

Lima (1997: 211) apontou um conjunto de factores que irão determinar a diferenciação entre aquelas duas ilhas: inicialmente ele destaca a configuração do relevo, verticalmente diferente nas duas ilhas: Santiago, predominantemente montanhoso e de vales profundos; Boa Vista extremamente plana, com campos que se perdem no horizonte. Sendo assim, na óptica do autor supracitado, geomorfologias diferentes geram sociografias diferenciadas. Essas condições geográfico-naturais e o tipo próprio de recursos naturais da Ilha das Dunas, com grandes campos de pastagens, separados das hortas (terras agrícolas), salinas naturais, urzela, peixe e outros aliados ao excelente porto de “Sal-Rei”, ditaram no seu todo, uma relação de produção diferente da de Santiago: enquanto nesta predominavam os regimes de morgadios e de latifúndios. Na Boa Vista, as relações de produção assentavam-se, basicamente, na criação do gado, no apanho do algodão e da urzela, na exploração do Sal e no comércio desses produtos.

Há que considerar, também, que a geomorfologia da Ilha de Santiago, por um lado, e os sistemas de morgadio e de latifúndio nela implantados, por outro, imporiam formas diferentes de exploração dos produtos da terra, o que produzia um relacionamento colono -escravo mais rígido, portanto, diferente do que se verificou entre o colono e o seu escravo na Boa Vista, onde as relações entre os dois grupos eram menos demarcantes. Isto, devido à geomorfologia da ilha, impedia a fuga de escravos, permitia uma vida mais liberta ao escravo; por isso, os colonos deixavam-no viver livremente pela ilha.

Um outro aspecto de diferenciação poderá ser identificado no retrato da pastorícia e das moradas constituídas em cada uma das duas ilhas. Em Santiago o gado foi criado nas fazendas, enquanto na Boa Vista foi lançado ao acaso e pastoreado livremente pelos escravos; de outro lado, institui-se em Santiago a casa-grande, ou o pequeno mundo do morgado, e a casa-de-morada, instituições essas que não chegaram a se verificar na Boa Vista, onde das casotas, currais e herdades do gado saltou-se para os aglomerados com casas e sobrados de morada e armazéns comerciais. Cada uma dessas formas de moradia terá imposto um tipo específico de relações económico-sociais quer entre os colonos, e os seus escravos, quer ainda entre os escravos.

Um quarto factor é o da organização económica do escravo face ao colono. Enquanto que em Santiago a vida económica e social do escravo se realizava no interior da fazenda do morgado, na Boa Vista o escravo organizava-se económica e socialmente de forma mais livre, pelos campos, quintas, salinas, entre outros lugares. Esses espaços económicos propiciaram o surgimento, entre os escravos da Boa Vista, das profissões de pastores, colectores de algodão, caçadores do gado, domésticos, salineiros, urzeleiros e outras, cuja coincidência nos espaços de Santiago nem sempre foi perfeita. Sendo assim, os mecanismos de apropriação da terra eram mais favoráveis ao escravo da Boa Vista, o que lhes dava, paulatinamente e pela força das condições geomorfológicas, melhores possibilidades de uma vida económica mais independente, solidária e folgazã (Lima, 1997: 213).

O quinto factor é a chegada de estrangeiros que, com a exploração do sal, estabeleceram com os escravos da Boa Vista um vínculo menos rígido e mais aberto do que o vínculo entre o colono e o escravo dos morgadios de Santiago. Portanto, na Boa Vista, as relações entre os nativos, constituídos maioritariamente por negros, e os estrangeiros eram consideradas boas. A esse respeito, relacionando a Ilha da Boa Vista com as do Barlavento, Carreira (1983: 44) cita de um anónimo o seguinte:

*nesta ilha há gente mais civilizada do que nas outras de Barlavento, pela comunicação que tem com as gentes que a ela vão em navios comprar cabras e bestas.*

Um outro motivo é que um povo agricultor (agricultura era predominantemente em Santiago) desenvolve ritmos de estações e ritmos de trabalho diferentes daqueles próprios de povos de outras actividades, como a pastorícia, o apanho do sal, da urzela, etc., actividades essas predominantes na Boa Vista. Esses ritmos e tempos diferentes produzem, por sua vez, relações sociais diversificadas, as formas de sociabilidade se tornam diversas: um pescador terá, certamente, uma visão de mundo diferente daquela de um agricultor (Lima, 1997: 214).

Como sétimo factor destaca-se a emigração, que contribuiu para a diferenciação entre as duas ilhas, tendo em conta os níveis diferentes da sua participação no desenvolvimento económico nas duas ilhas. Em Santiago, os emigrantes faziam investimentos de peso (compras de propriedades, transportes terrestres, na restauração, e outras áreas económicas). Na Boa Vista, para além das ajudas aos familiares e amigos, os emigrantes investiam na compra de moradia própria, na moto pessoal, no cavalo de luxo, portanto, em recursos de pouco interesse económico. Consequentemente, com a emigração terá surgido em Santiago, uma nova classe de burgueses, acentuando mais a estratificação social. Na Boa Vista tal não aconteceu, contrariamente, houve um nivelamento na sua estratificação social, devido à ajuda que esses emigrantes davam aos parentes e amigos, devido ao grau de solidariedade que predominava naquela ilha (Lima: 1997: 14).

O oitavo factor refere-se ao aspecto político-governamental, cujos aparelhos ideológicos e repressivos fizeram-se sentir em níveis divergentes nas duas ilhas. De acordo com Lima (1997: 215), os motivos de resistência por parte dos escravos da Boa Vista eram menos fortes do que os da Ilha de Santiago; e também, os aparelhos repressivos, como o próprio Governo, através da sua máquina administrativa, o Exército, a Polícia e a Milícia, os Tribunais e as Prisões, tudo isso, pela sua repressão física teria deixado marcas mais profundas no santiaguense do que no boavistense, por este viver longe do poder central. Desde modo, não é de se estranhar que o espírito de revolta e de resistência tenha sido mais forte em Santiago do que na Boa Vista. Pode-se comprovar esse facto, com as frequentes revoltas dos escravos e das populações, com maior incidência em Santiago. Deste modo, o autor conclui que o sistema político-

administrativo implantado na Boa Vista e em Santiago terá contribuído para a produção de relações sociais diversificadas entre elas.

Um importante factor a se ter em conta, e que de certa forma alia-se aos princípios que serviriam de suporte à política administrativa colonial, é a ordem do povoamento das duas ilhas: quando a Ilha da Boa Vista foi povoada, mais de 150 anos depois do povoamento de Santiago, esta já se encontrava numa fase avançada da formação e estruturação sociais. Sendo assim, é de salientar, que as ilhas receberiam levas de escravos em épocas diferentes, portanto, já com níveis de aculturação também diferentes, o que condicionaria comportamentos económicos, culturais e sociais diversificados, de ilha para ilha.

Por fim, à diferenciação social em apreço estarão ligadas as crises e fomes que marcaram de formas diversas as duas ilhas, tendo atingido mais indelével e profundamente a de Santiago, em boa parte por ser de morgadios e latifúndios, portanto, essencialmente agrícola. E toda a economia de base essencialmente agrícola, quando há escassez de chuvas, não resiste e, neste caso há sempre fome. Por seu lado, na Ilha das Dunas, as fomes e as crises não deixaram marcas muito profundas, devido sobretudo à exploração do sal pelos ingleses, ao conseqüente contacto com os marinheiros e comerciantes estrangeiros e ainda graças à *potona*<sup>11</sup> e ao *péxe q'lete*<sup>12</sup>.

No próximo Capítulo, proceder-se-á à análise dos dados empíricos recolhidos em campo, intitulado: “Relação entre boavistenses e santiaguenses, um choque cultural”?

---

<sup>11</sup> Raiz de uma erva que predominava na Ilha, principalmente após as chuvas.

<sup>12</sup> Peixe com Leite.

## **CAPÍTULO IV**

### **RELAÇÃO ENTRE BOAVISTENSES E SANTIAGUENSES: UM CHOQUE CULTURAL?**

Conforme já referido, a presente investigação tem como objectivo caracterizar e analisar a interação social da população nativa da Ilha da Boa Vista com a população migrante de Santiago na Ilha da Boa Vista, busca também analisar a atitude dos nativos em relação aos migrantes santiaguenses, bem como em relação à sociedade local boavistense. Para a elaboração deste capítulo, se utilizou como técnica de recolha de dados a entrevista semi-directiva ou semi-estruturada e a observação participante. Sendo assim, enfoca-se aqui a análise dos dados recolhidos em campo, quer através das entrevistas, quer por meio de observação participante. Inicialmente, porém, optou-se por fazer a caracterização da população migrante da Ilha de Santiago, residente na Ilha da Boa Vista.

#### **1. Caracterização da População Migrante Proveniente da Ilha de Santiago**

A população da Ilha de Santiago residente na Boa Vista é constituída maioritariamente por jovens e adultos, oriundos principalmente do interior de Santiago. No entanto, é de salientar, que o número de crianças santiaguenses tem vindo a aumentar nos últimos 5 anos. No concernente aos idosos, segundo foi constatado, esses são em número reduzido.

Os motivos da deslocação dos santiaguenses à Ilha das Dunas são o desemprego, a pobreza e a reunificação familiar. Relativamente ao tipo de trabalho que a grande maioria dos migrantes santiaguenses (homens) exercem na Boa Vista, verifica-se que uma boa parte dedica-se à pesca, uma parte está na construção civil (como pedreiros ou serventes) e alguns estão na recolha do lixo. Quanto às migrantes (mulheres), essas encontram-se em ocupações como peixeiras, vendedeiras ambulantes, empregadas domésticas e na área de hotelaria e restauração (como cozinheiras, ajudantes de cozinha, empregadas de limpeza, empregadas de bar).

É de salientar que de um modo geral os migrantes vivem em condições precárias, na sua maioria na Zona das Barracas. Esse é um aglomerado populacional que surgiu de forma espontânea e clandestina, na segunda metade dos anos 90, devido ao defice de habitação que caracteriza a situação da Ilha da Boa Vista. A Barraca, como é denominada, constitui hoje um dos bairros mais populosos da ilha da Boa Vista. Os

habitantes desse bairro vivem em situação extremamente precária. Estes espaços são para eles a única possibilidade de alojamento.

Figura 5

Zona das Barracas



Autor: Luís Baessa, 2009

Neste local estão implantadas cerca de 1.000 casas de blocos e 50 barracas de papelão, sem as mínimas condições dignas de habitabilidade. Há inexistência de infraestrutura de base, não há instalações públicas de rede eléctrica nem de água e esgoto. O bairro é todo ele cercado de lixo e a situação agrava-se na época das chuvas (a zona fica cheia de poças de água e com um cheiro nauseante).

O bairro não tem escolas, não tem jardins infantis, nem quaisquer serviços de saúde. No entanto, há uma série de serviços informais, como por exemplo, bares (em grande quantidade, em cada esquina, encontra-se mais do que um), mercearias, cabeleireiros, carpintarias, tendas de roupas, pequenas casas de cultos religiosos, pensões e restaurantes improvisados. Há o fornecimento de luz eléctrica, que funciona como “Electra Privada”: um residente com um gerador próprio fornece luz eléctrica a várias casas.

A Zona das Barracas é apontada como um gueto, um mundo organizado à margem da legalidade, com marcas fortes da droga, da prostituição, do alcoolismo e de outros tipos de criminalidade. Há quem defende, que além do risco para a saúde pública, a Barraca representa um grande risco pra a segurança pública e privada. Por isso, pode estragar a “boa” imagem da Boa Vista, assim como arruinar as suas potencialidades turísticas. Sabe-se que há registos de muitas queixas de casos de crimes e actos de violência que ocorrem naquela zona.

Mesmo com os seus problemas e ameaças, os moradores das barracas são importantes para a sociedade local da Boa Vista. Estes levam a mão-de-obra para a construção civil, para a limpeza das vias públicas, para a segurança, trabalham nas cozinhas dos hotéis e dos restaurantes, outros são rabadantes<sup>13</sup>, que levam principalmente géneros alimentícios. Entretanto, pelo facto de habitarem nesse bairro degradado, recai sobre eles o estigma da marginalidade, conotando-os negativamente e tornando esse espaço segregado sujeito a um isolamento social. Essa situação propicia-lhes sofrerem discriminação sócio-racial por parte dos habitantes das outras zonas da Ilha da Boa Vista.

Em suma, a maioria dos vindouros de Santiago pertence a uma camada baixa da sociedade local, possui baixo nível de escolaridade, com fracos recursos financeiros. São indivíduos oriundos principalmente do interior da ilha de Santiago, em maior proporção do Concelho de Santa Cruz, ou então, de alguns bairros extremamente carentes da Cidade da Praia. Muitas vezes, deslocam-se sozinhos, mas numa fase posterior, acabam por levar toda a família. Todos os migrantes se dirigem à Ilha das Dunas com um único propósito: o de procurar uma vida melhor.

## 2. Atitude dos Boavistenses face à migração dos Santiaguenses à Ilha da Boa Vista

Face à migração inter-insular dos migrantes santiaguenses para a ilha turística da Boa Vista, a maioria dos interlocutores considera que há vantagens e desvantagens. Alegam que muitos migrantes vêm à procura do seu “ganha-pão” e têm contribuído de forma positiva para o enaltecimento daquela ilha.<sup>14</sup>

*... as ta ben espia sis dia de trabodje y as ten contribuide de forma positiva pa desenvolvimente de nos ilha, embora ten kes ke ta fazé kozas marfode, ma ten txeu ke ta trabadja pa desenvolvimente. Ten kes ke ta konsegi integra drete na sosiedade, má ten kes ke ka ta konsegi integra devidamente. Sendo asin ta trazé txeu desvantajens, pur ezenple, géras y pekenus furtus ke ta konprovóde mo é es<sup>15</sup> (Raquel, 48 anos, Professora do Ensino Primário - Nativa).*



<sup>13</sup> Vendedores retalhistas que constituem uma faixa do sector do mercado informal. Na sua imensa maioria são mulheres solteiras e jovens, cuja média de idade ronda à volta dos trinta anos de idade (Monteiro, 2001: 67).

<sup>14</sup> Todas as citações em crioulo são, doravante traduzidos para o português em notas de rodapé.

<sup>15</sup> ...vêm à procura do seu dia de trabalho, têm contribuído de uma forma positiva no desenvolvimento da nossa ilha, embora existem aqueles que fazem coisas erradas, mas há muitos que trabalham para o desenvolvimento. Há aqueles que conseguiram se integrar bem na sociedade, mas existem aqueles que não conseguiram-se integrar devidamente. Sendo assim trazem muitas desvantagens. Por exemplo, guerras e pequenos furtos, que está comprovado que são eles que os executam (Raquel, 48 anos, Professora do Ensino Primário - Nativa).

*N ta utxa kes trazé txeu mãu d'obra y también productus agríkolos ke oje en dia ka ta falta na nos téra, es e ke trazé<sup>16</sup> (Jader, 30 anos, Economista – Nativo).*

*... as trazé txeu koza mariode, txeu koza muda pa pior, pamode antes nos era poke, nu ta vivia trankuile, má agora ta ezisti txeu koza mariode kés trazé ma es, infelizmente é presu ke nu ta ta paga<sup>17</sup> (Lucas, 47 anos, Funcionário Público – Nativo).*

*...as trazé dezvoltimente, ma tanbe txeu problemas<sup>18</sup> (Sara, 41 anos, Varredeira de Rua – Nativa).*

*...parte positiva é ke txeu ta ben spia enprege, anh? Bu ta oia de fakte pamode as ten txeu enpenhe na sis trabodje, as ten responsabilidade, alguns e karpinteirus, otes e pedreiru, otes peskadores y nes aspekte populasãu de Bubista ten side benefisiada. Parte negativa é ke txeu ta ben ke iluzãu, as ta meté na xatises, na droga, otes en pirasas, furtus y otes kozas mas do tipo, portante, kes dois parte ta varia<sup>19</sup> (Benamin, 43 anos, Funcionário Público – Nativo).*

Os autóctones da Ilha das Dunas são da opinião de que com a chegada dos vindouros à ilha, principalmente dos migrantes oriundos da Ilha de Santiago, ocorreram muitas alterações no seu modo de vida. Alegam que esses migrantes têm contribuído e muito para o desenvolvimento da Boa Vista, mas por outro lado eles arrastaram consigo muitos males sociais, entre os quais, a insegurança, a criminalidade e os roubos.

*...aumenta sen dúvida, sen dúvida, un aumento de 200%<sup>20</sup> (Lucas, 47 anos, Funcionário Público – Nativo).*

*... teve alterasoins drástikas, un alterasãu di 180°, kes karakteristikas ke nu tinha dja ka ten mas, sosege, paz, trankuilidade, seguransa, dja ka ten más, pamode? Pessoas ke ben de fora, nãu só badius, má també pesoal de Africa, senegalezes, gineenses, etc<sup>21</sup> (Mateus, 31 anos, Condutor - Nativo).*

*Isto é evidente, é claramente uma situação inequívoca, nós temos tido agora problemas com a sociedade, problemas de brigas, de mudanças de comportamento, problemas de crimes. Crimes nos seus diferentes domínios, mas também problemas outros da sociedade, que foram trazidos para cá*

<sup>16</sup> ... acho que trouxeram muita mão-de-obra e também produtos agrícolas que hoje não faltam na nossa terra, foram eles que trouxeram (Jader, 30 anos, Economista – Nativo).

<sup>17</sup> ...trouxeram muita coisa má, muita coisa mudou para pior, porque antes nós éramos poucos, vivíamos tranquilos, mas agora existem muitas coisas más que eles trouxeram com eles, infelizmente é o preço que estamos a pagar (Lucas, 47 anos, Funcionário Público – Nativo).

<sup>18</sup> ... trouxeram o desenvolvimento, mas também muitos problemas (Sara, 41 anos, Varredeira de Rua – Nativa).

<sup>19</sup> A parte positiva é que muitos vêm e procuram emprego. Vê-se de facto que têm muito empenho no seu trabalho, têm responsabilidades, alguns são carpinteiros, outros são pedreiros, outros pescadores e neste aspecto a população da Boa Vista tem sido beneficiada. A parte negativa é que muitos vêm com ilusão, metem-se em chatices, na droga, outros em piraças, furtos e outras coisas mais do tipo, portanto, essas duas partes variam, tem a parte positiva e tem a parte negativa (Benamin, 43 anos, Funcionário Público – Nativo).

<sup>20</sup> ... aumentou sem dúvida, sem dúvida, um aumento de 200% (Lucas, 47 anos, Funcionário Público – Nativo).

<sup>21</sup> Houve mudanças drásticas, uma alteração de 180° graus, aquelas características que tínhamos já não temos mais, sossego, paz, tranquilidade, segurança, já não temos mais, porquê? Pessoas que vieram de fora, não só badius, mas o pessoal de África, senegaleses, guineenses, etc. (Mateus, 31 anos, Condutor – Nativo).

*precisamente, pela estadia ou pela vinda, pela chegada dessas pessoas. É verdade que quase que não tinha criminalidade aqui na Boa Vista, há uns 10 anos atrás. Mas de 10 anos para frente nós temos assistido amiúde a esses acontecimentos, que infelizmente para a nossa sociedade, infelizmente aqui para a ilha, infelizmente para Cabo Verde. Mas é uma situação que enfim a priori teremos dificuldade em aceitá-las, porque nós não estávamos habituados a isso, mas agora, temos que ver é a forma de colmatá-las mediante um bom relacionamento e a compreensão dessas pessoas e fazer acabar com esses actos e essas formas de estarem na sociedade (Ruben, 50 anos, Consultor – Nativo).*

*Na inisiu konde as ben pa Bubista, tude tava ta koré drete, ma agora de à uns tenpe pa li, ben mute mas txeu jente y agora kozas ten mudode<sup>22</sup> (Joana, 54 anos, Professora do Pré-Primário – Nativa).*

*...Kriminalidade y inseguransa aumenta konsideravelmente, N eskesé de flobe ke un dia un badiu ben asalta nha estabelesimentu, al ben y al abri porta (un badiu ke nunka tinha antrode li). Al forsa grades, al parti vidres, al fazé mais ou menos un prejuíze de 400 y tal kontus<sup>23</sup> (Lina, 43 anos, Proprietária de Bar -Restaurante – Nativa).*

Segundo a opinião dos nativos, muitos dos seus hábitos foram alterados, como por exemplo, o facto de saírem de casa e deixarem as portas todas trancadas, acto que antes era impensável. Caso contrário correm o risco de quando regressarem à casa, encontrá-la assaltada. Outra mudança tem a ver com o facto de as pessoas, principalmente, as mulheres terem medo de sair à rua sozinhas.

*... pessoas agora ten medu de larga sis kaza, ás vezes bu ta sai, ma bu ten ke feka só ta bai ta ben, pamode dja bu ka ta pudé larga bu kaza, pamode óra ke bu pasa txeu tenpe lonje de bu kaza, bu ta koré riske de ten bu kaza asaltode<sup>24</sup> (Raquel, 48 anos, Professora do Ensino Primário – Nativa).*

*... altera sin, primere koza é ke oje en dia dja nu ka ta podé anda nos só na rua, segunde agora bo ten ke fetxa porta na kadeóde, koza ke N ka podia seker imajinaba na vida y até ora ke bu ta durmi bu ta feka desconfiode<sup>25</sup> (Soraya, 26 anos, Empregada Comercial - Nativa).*

*...li na vila ten es kestãu, agora óra ke pessoas sai as ka ta txa porta aberte<sup>26</sup> (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório - Nativo).*

<sup>22</sup> No início quando vieram para Boa Vista, tudo estava a correr bem, mas agora, de há uns tempos para cá, vieram muito mais gente e agora as coisas têm mudado (Joana, 54 anos, Professora do Pré-Primário – Nativa).

<sup>23</sup> ...a criminalidade e a insegurança aumentaram consideravelmente, esqueci-me de te dizer que uma vez um *badiu* assaltou o meu estabelecimento. Veio cá, abriu a porta, forçou as grades, partiu os vidros, fez mais ou menos um prejuízo de 400 e tal contos (Lina, 43 anos, Proprietária de Bar -Restaurante – Nativa).

<sup>24</sup> ... as pessoas agora têm medo de deixarem as suas casas, se saíres tens que voltar de vez em quando para dares uma olhadela, porque se passares muito tempo fora de casa, corres o risco de ter a tua casa assaltada (Raquel, 48 anos, Professora do Ensino Primário -- Nativa).

<sup>25</sup> ... houve sim alterações, a primeira coisa é que hoje em dia já não podemos andar sozinhos na rua, segundo, agora tens que fechar a porta a cadeado, coisa que eu não podia sequer na vida imaginar e até quando dormes ficas desconfiado (Soraya, 26 anos, Empregada Comercial - Nativa).

<sup>26</sup> ...aqui na Vila agora há essa questão, as pessoas quando saem já não deixam a porta aberta (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório - Nativo).

*...sou do tempo em que as pessoas deixavam as chaves na porta ou mesmo a porta traseira atada com uma linha apenas para que os animais não entrassem ou comessem os restos de comida. Mas o que é certo, é que de há uns anos para trás, já não se deixam as chaves na porta e as linhas do portão foram substituídas por fechaduras. Aumentou consideravelmente a insegurança, o roubo e a criminalidade em geral, por coincidência ou não, desde que os badius e os africanos do continente começaram a chegar à ilha<sup>27</sup> (Antónia - Nativa).*

*Antes nu ta andaba à vontade, desde ke badiu txega li na Bubista, un pesoa ka ta feka á vontade, un pesoa ta sai de kaza, ma senpre ke medu, sima mi ke ta mura na kel zona la, ás vezes nen N ka ta sai de kaza só ke mede, mede de anda mi só<sup>28</sup> (Ruth, 30 anos, Empregada de Limpeza - Nativa).*

No entanto, há nativos que defendem que não é por causa das pessoas que vêm de fora que há insegurança, roubo e criminalidade na ilha, referem que muita gente da Boa Vista também contribui para esse quadro negativo. Referem também, que isso tudo é consequência do desenvolvimento.

*...problema ka é entrada de badius o mandjakus, é desenvolvimento, ka é pamode as ben y as trazé es tipos de kozas, ma pamode kes ben? Pamode nos e ke kria kondisoins, nu dá-s trabodje y as ben, as ben y depôs tude ise ben kontesé, pamode desenvolvimento<sup>29</sup> (Mateus, 31 anos, Condutor – Nativo).*

*...pur kauza dès nãu, jentes da li tanbé ta fazé kozas mariode<sup>30</sup> (Sara, 41 anos, Varredeira de Rua – Nativa).*

*... N ka ta fla pamode e só pur kausa dès, ma kel pakatez dja ka ta ezisti, ka ker dizer ki só es, ma komu es e ki maioria<sup>31</sup> (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório – Nativo).*

*... por ezenple, na Bubista, se bu repara ben, kel deskulpa ke tude de mal ke ta kutesé na ilha, ken ta fazé é pesoas de fora. Keli é tude mintira, ten txeu gente dali de Bubista ki é pior di ke pesoas ke ta ben de fora, pa mi é asin<sup>32</sup> (Mateus, 31 anos, Condutor - Nativo).*

<sup>27</sup> Trecho extraído de uma discussão intitulada “Revolta na Boa Vista” que surgiu no blog: kufrontalidade.blogspot com (25/02/2009).

<sup>28</sup> Antes andávamos à vontade, desde que os *badius* chegaram à Boa Vista, uma pessoa não fica à vontade, uma pessoa sai de casa, mas sempre com medo, medo de andar sozinha (Ruth, 30 anos, Empregada de Limpeza - Nativa).

<sup>29</sup> ...o problema não é com a entrada dos *badius* ou mandjacos, é o desenvolvimento, não é só porque eles vieram e trouxeram essas coisas. Mas por que vieram? Porque nós criamos as condições, demos trabalhos a eles. Vieram e depois todas essas coisas vieram a acontecer, isso tudo por causa do desenvolvimento (Mateus, 31 anos, Condutor – Nativo).

<sup>30</sup> ...por causa deles não, mesmo as pessoas de cá fazem coisas erradas (Sara, 41 anos, Varredeira de Rua – Nativa).

<sup>31</sup> ... não digo que seja por causa deles, mas a pacatez já não existe, não quer dizer que sejam apenas eles, mas como são a maioria (Eliseu, 53 anos, Funcionário da Função Pública – Nativo).

<sup>32</sup> ... por exemplo, na Boa Vista, se reparares bem naquela desculpa de que tudo de mal que acontece na ilha, quem faz são as pessoas de fora. Isto é tudo mentira, existe muita gente daqui da Boa Vista que são piores do que as pessoas que vêm de fora, para mim é assim (Mateus, 31 anos, Condutor – Nativos).

Uma outra consequência desse fenómeno migratório, na óptica dos nativos, tem a ver com o facto de só se verem pessoas estranhas pelas ruas da Boa Vista, e para eles isso implica viver de maneira completamente diferente.

*Oje en dia bu podé fla ma pesoal de fora é más do ke pesoal dali. Agora bu ta anda na rua bu ka ta konxé ningen, é un koza estronhe prinsipalmente pa ken ki é dali de Bubista. Bubista é un ilha grande, é terseira ilha en grandeza de Cabo Verde, má tude jente konxia tude jente. Agora bu ta konxé poke jente. Bubista agora ka ten só jente dali<sup>33</sup> (Mateus, 31 anos, Condutor – Nativo).*

*Antes Boa Vista era uma ilha com pouca gente, onde todo o mundo conhecia todo o mundo, todos eram amigos de todos, a população vivia estável, não havia necessidade de trancar as portas e as janelas, não havia perigos na rua, nem sequer barracas, etc<sup>34</sup> (Antónia – Nativa).*

Por causa disso, segundo depoimentos de nativos, eles criam sempre uma barreira face à interação com os estranhos, porque desde crianças foram acostumados a se relacionarem apenas com conhecidos e de repente se encontram perante pessoas com hábitos e costumes tão diferentes.

*...bu ta nuta pamode ten txeu dêš ke ten vontade de relaciona má pesoas de Bubista, má pesoas de Bubista ta kria senpre un bareira, kon razãu nun serte ponte e sen razãu na ote ponte. As ten razãu pamode nos e kriode asin, nos kultura foi asin. Konde N era kriansa N ta só relacionaba ke pesoas konhesidas, de repente bu ta uia un pesoa ke bu ka ta konxé, ke ten ote kultura, ote maneira de enkara vida. Ten sertas koizas ke pa mi é inademesível pa el é normal, é koizas ke tude jente ta ta sinti li<sup>35</sup> (Mateus, 31 anos, Condutor, - Nativo).*

Há quem defenda que os nativos se viram obrigados a mudarem a eleição dos espaços de lazer. Segundo a opinião de um informante, que tinha o hábito de fazer piqueniques com os amigos em determinadas praias da ilha, já não pode fazê-lo, alegando que os *badius* agora estão em todo o lado e que os boavistenses se sentem incomodados perante a presença de estranhos.

---

<sup>33</sup> ...hoje em dia podes dizer que o pessoal de fora é mais do que o pessoal daqui (em número, quantidade). Agora andas pelas ruas e não conheces ninguém, é algo estranho, principalmente para quem nasceu cá na Boa Vista. Boa Vista é uma ilha grande, em Cabo Verde é a terceira ilha em tamanho, mas as pessoas conheciam-se umas às outras. Agora conheces muito pouca gente, na Boa Vista, pois grande parte vem de fora (Mateus, 31 anos, Condutor – Nativo).

<sup>34</sup> Trecho extraído do site: <http://cabrers.blogspot.com/2008-07-01archive.html> (03-07-2009).

<sup>35</sup> ...nota-se que há pessoas com vontade de se relacionar com as pessoas da Boa Vista, mas as pessoas da Boa Vista criam sempre uma barreira, com razão num certo ponto e sem razão noutra ponto. Têm razão porque criamos assim, a nossa cultura foi assim. Quando era criança só me relacionava com pessoas conhecidas, de repente vêš uma pessoa que não conheces, que tem outra cultura, outra maneira de encarar a vida. Há certas coisas que para ti que é inadmissível para ele é normal, são coisas que toda a gente sente por aqui (Mateus, 31 anos, Condutor - Nativo).

Alguns interlocutores são da opinião de que o comportamento dos migrantes santiaguenses influencia o comportamento de muita gente da Ilha da Boa Vista que apresenta alguma alteração comportamental por eles avaliada.

*...desde ke badiu ben pra li, jentes de Bubista komesa ta utiliza armas, pamode badiu ta anda e só armode, pur ise ke nativus komesa tanbe ta utiliza armas*<sup>36</sup> (Lina, 43 anos, Proprietária de Bar-Restaurante - Nativa).

*Eu acho que o comportamento da malta de Santiago também tem interferência no comportamento de muita gente daqui da ilha que tem tido alguma alteração comportamental, cultural e tradicionalmente, influenciada pelo pessoal de Santiago* (Ruben, 50 anos, Consultor- Nativo).

*... depôs de entrada de badius na téra, komesa ta kontese txeu kozas, pessoas dali komesa ta konvivé ma és, alguns komesa ta ten relasoins ma es, kes badias também ma nos. Por isso N ta utxa ma txeu koza muda, ábites y kustumes ta mudode*<sup>37</sup> (Jader, 30 anos, Economista – Nativo).

Por outro lado, alguns nativos são da opinião de que os migrantes santiaguenses ensinaram algo de bom e útil aos nativos, que é o espírito de sacrifício, de sobrevivência, de luta e de iniciativa, qualidades que raramente se encontravam entre os nativos.

*... é kel espírte de inisiativa, de sakrifisiu, koza ke ka ta ezisti nes téra, N ta utxa ma é da kes aspete positive kes trazé*<sup>38</sup> (Mateus, 31 anos, Condutor -Nativo).

*... badius y afrikamus, únika koza kes ten de mal é kel kestãu de furtos, de reste es é uns pesos trabadjadors. Se oje nu ta kemé peixe é grasa a badiu, pamode jentes dali dja ka kré piska. Depôs es e ke ta ta trabadja na kostrusãu sivil, as ta trabadja txeu, as ta para pamode as ten ke durmi de note, kazu kontráriu as ta trabadjaba 24 sobre 24 horas, nes aspekte N ka ten mal de fla*<sup>39</sup> (Joana, 54 anos, Professora do Pré- Primário – Nativa).

A maioria dos nativos alega que existem vários problemas sociais na Ilha da Boa Vista e que se devem em parte, à presença dos migrantes internos (principalmente os *badius*) e dos imigrantes da Costa Ocidental Africana.

<sup>36</sup> ... desde que os *badius* vieram para cá, as pessoas começaram a utilizar armas, isto porque os *badius* andam todos armados, por isso os nativos também começaram a utilizar armas (Lina, 43 anos, Proprietária de Bar-Restaurante - Nativa).

<sup>37</sup> ...depois da entrada dos *badius* na terra, começaram a acontecer muitas coisas, as pessoas começaram a conviver com eles, alguns começaram a ter relações com eles, as *badias* também conosco. Eu acho que muita coisa mudou, os nossos hábitos e costumes estão alterados (Jader, 30 anos, Economista – Nativo).

<sup>38</sup> ... é o espírito de iniciativa, o espírito de sacrifício, coisa que não existia nesta terra, eu acho que é um dos aspectos positivos que trouxeram (Mateus, 31 anos, Condutor – Nativo).

<sup>39</sup> ... *badius* e africanos, a única coisa que têm de mal é a questão dos furtos, de resto são pessoas trabalhadoras. Se hoje estamos a comer peixe é graças aos *badius*, porque as pessoas daqui já não querem pescar. Depois são eles que trabalham na construção civil, eles trabalham muito, só param porque têm de dormir à noite, caso contrário, trabalhariam 24 sobre 24 horas, neste aspecto não tenho mal a dizer (Joana, 54 anos, Professora do Pré- Primário – Nativa).

*Oje en dia na Bubista ten un grande mistura, ta ezisti pessoas de pratikamente de tude ilha de Cabo Verde, nu ten jente de Praia, de Fogo, Sal, Santo Antão, São Nicolau, purtante, ten un grande mistura. Só ke pessoas de zona de Barlavento, kel poke ke N ten konvívde má es, N ka ten mal de fla dès. Mi també N ka ten mal de fla de badiu, só ke kes koza mariode ke ten konteside, senpre bu ta enkontra un badiu na metu, senpre é badiu y pessoas de zona de Barlavento kuaze ke ka ta mité nes kozas. Kuante a pessoas de Kosta de África, és també as ten sis defeite, ten txeu ke ka ten bon konportamente. Na kazu de kriasãu de gadu, oje kuaze ke ka ta ezisti, pur kauza de badius y afrikanus també. É txiga y panha. Un bez nu tava na un paseiu y nu enkontra un grupe de afrikanus ke tava ta ben ku un soke xeie de animais kas tinha roubode. As ta panha, as ta mata y as ta anbarka pa Praia. Portante nu ten ke sta preparode pa enfrenta Boa Vista de nova Era<sup>40</sup> (Joana, 54 anos, Professora do Pré-Primário – Nativa).*

*N ka é kontra esternus na Bubista, má é presizu un kontrole, é nesesáriu segi sés konportamentos, pamode as altera orden públka, as ta kontribuí pa algun instabilidade de ponte de vista susial, pur izenple, na altura de festival, as ta asalta kazas, rouba, etc<sup>41</sup> (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório – Nativo).*

*... kes pesoal de Kosta de Africa tanbe ta konporta mariode, má senpre as ta fla badiu é badiu. Badiu e kel ke ta konporta más pior, oje en dia li na Bubista<sup>42</sup> (Jader, 30 anos, Economista – Nativo).*

No entanto admitem que os migrantes santiagueses trouxeram alguma coisa de bom para aquela ilha, nomeadamente, a sua mão-de-obra que tem sido de extrema importância para o desenvolvimento da Ilha das Dunas.

*... má també aumenta mão-de-obra, pamode txeu dès e trabadjador, ise é ké desenvolvimento<sup>43</sup> (Benamin, 43 anos, Funcionário Público – Nativo)*

*Nau, de bon as trazé algun kuza, as trazé sis mão-de-obra, as trazé algun kuza, ma tanbe as trazé koizas negativas. En termos de trabodje, as ta*

<sup>40</sup> Hoje em dia na Boa Vista há uma grande mistura, existem pessoas de praticamente todas as ilhas de Cabo Verde, temos pessoas da Praia, do Fogo, Sal, Santo Antão, São Nicolau, portanto, há uma mistura. Só que as pessoas da zona do Barlavento, o pouco que eu tenho convivido não tenho mal a dizer deles. Eu também não tenho mal a dizer dos *badius*, só que eu vejo as coisas de mal que têm acontecido, sempre há *badius* no meio, sempre é o *badiu*, as pessoas da zona de Barlavento quase que não se metem nessas coisas. No que diz respeito às pessoas da Costa de África, elas também têm os seus defeitos, há muitos que não têm bom comportamento. No caso da criação de gados, hoje quase que não existe, por causa dos *badius* e dos africanos. É chegar e apanhar. Uma vez estávamos num passeio e encontramos um grupo de africanos que vinham com sacos cheios de animais que tinham roubado. Eles apanham, matam, embarcam para a Praia. Portanto, nós temos é que estar preparados para enfrentar essa nova Era na Boa Vista (Joana, 54 anos, Professora do Pré – Primário – Nativa).

<sup>41</sup> Não sou contra os externos na Boa Vista, mas é preciso um controle, é necessário seguir os seus comportamentos, porque alteraram a ordem pública, contribuem para alguma instabilidade do ponto de vista social, por exemplo na altura do festival, assaltam casas, roubam, etc. (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório – Nativo).

<sup>42</sup> ... o pessoal da Costa de África também comporta-se de modo incorrecto, mas, sempre dizem *badiu é badiu*. Os *badius* são os que se comportam pior hoje em dia aqui na Boa Vista (Jader, 30 anos, Economista – Nativo).

<sup>43</sup> ...mas também aumentou a mão-de-obra, porque muitos deles são trabalhadores, isso tudo é desenvolvimento (Benamin, 43 anos, Funcionário Público).

*trabadjá drete, a nível de peska, ou seja, as trazé algum kuza de bon<sup>44</sup>* (Lina, 43 anos, Proprietária de Bar Restaurante – Nativa).

*...poke koza, ma pelu menus, as trazé, parte de mãu-de-obra<sup>45</sup>* (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório - Nativo).

*...badius ta dobe un série de servises ke nativos ka ta dobe, pur ezenple de madrugada konde bu ta regresa de paródia, se bu kizer kemé espargete, bu ta bai e pa Baraka ó Farinasãu, la bu ta ankontra senpre<sup>46</sup>* (Mateus, 31 anos, Condutor – Nativo).

### 3. Imagem dos Autóctones da Boa Vista em relação aos Migrantes de Santiago

Para Elias (2000: 121), a fofoca não constitui um fenómeno independente. O que é digno dele depende das normas e crenças colectivas e das relações comunitárias. Afirma o autor que o uso comum nos inclina a tomar por “fofocas” em especial as informações mais ou menos depreciativas sobre terceiros, transmitidas por duas ou mais pessoas umas às outras. Estruturalmente, porém, a fofoca pejorativa (*blame gossip*) é inseparável da elogiosa (*pride gossip*), que costuma restringir-se ao próprio indivíduo ou aos grupos com que ele se identifica.

Por meio do estudo do significado da fofoca, o sociólogo Elias (2000: 121) mostra que a relação entre grupos passa necessariamente pela questão da imagem que os grupos têm de si mesmos e da importância da preservação dessa imagem, que pode ser resguardada ou afirmada por intermédio da inferiorização de outro grupo. A própria existência de um grupo de *outsiders*, os quais não “partilham do reservatório de lembranças comuns, nem das mesmas normas de respeitabilidade do grupo estabelecido age como um factor de irritação e é encarada pelos membros desse grupo como um ataque à sua imagem e ao seu ideal do nós”. A rejeição e a estigmatização dos *outsiders* constituem o seu contra ataque.

Praticamente em todas as sociedades os diversos grupos estigmatizam outros grupos como sendo de *status* inferior e de menor valor. A sociedade boavistense não foge à regra. Sendo assim, surgem dois grupos antagónicos, o dos nativos que, de acordo com o sociólogo alemão Norbert Elias são denominados “estabelecidos” e o dos *badius*, que são vistos como os “*outsiders*” que são estigmatizados por todos os

<sup>44</sup> Não, de bom eles trouxeram alguma coisa, trouxeram a sua mão-de-obra, eles trouxeram alguma coisa, mas também trouxeram coisas negativas. Em termos de trabalho, eles trabalham bem, a nível da pesca, ou seja, trouxeram alguma coisa de bom (Lina, 43 anos, Proprietária de Bar-Restaurante – Nativa).

<sup>45</sup> ... pouca coisa, mas pelo menos trouxeram parte da mão-de-obra (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório – Nativo).

<sup>46</sup> ... os *badius* te dão uma série de serviços que os nativos não dão, de madrugada quando regressas da paródia, se quiseres comer esparquete, vais é para a Barraca ou Farinação, lá encontras sempre (Mateus, 31 anos, Condutor – Nativo).

atributos associados com a anomia, com a delinquência, a violência, a desintegração da família, entre outros. Os *outsiders* são vistos pelo grupo estabelecido como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros (que desrespeitam as regras e as normas dos estabelecidos). Ainda de acordo com Elias (2000: 45), os estabelecidos tendem a considerar que os *outsiders* ameaçam a sua superioridade. A circulação de fofocas pejorativas e a depreciação da auto-imagem do outro grupo constituem traços frequentemente constantes da sua conduta.

O facto de os membros de cada um dos dois grupos diferirem em sua aparência física, ou de falarem com um sotaque e uma fluência diferentes, a língua em que ambos se expressam, embora a mesma, serve como um sinal de reforço da estigmatização.

As interações entre os actores sociais estão condicionadas pelas impressões que cada qual tem acerca dos outros. Neste sentido as imagens recíprocas dos dois grupos em análise irão contribuir fortemente para delinear a interação e o tipo de relações que se estabelecem entre eles. Os nativos da Ilha da Boa Vista admitem que há *badius* que são boas pessoas, mas que, por outro, lado há *badius* que têm comportamentos condenáveis, como em qualquer lugar do mundo, onde há boas e más pessoas. Dizem que há santiaguenses que sabem lidar e estar com eles, mas por outro lado, existem os outros, que não sabem se comportar e que mancham a imagem dos demais.

Sendo assim, entre os boavistenses há os que têm uma imagem negativa em relação a uma boa parte dos migrantes santiaguenses. Uma outra parcela dos interlocutores admite que embora sejam todos cabo-verdianos, existem muitas diferenças ao nível de atitudes, comportamentos e hábitos; admitem que em determinadas situações eles agem de forma que muitas vezes não converge com a sua maneira de agir. Os nativos chegam mesmo a considerar a existência de um choque cultural.

*...acho que, de facto eles têm uma tradição diferente da nossa, embora sejamos todos cabo-verdianos, mas cada ilha tem a sua especificidade no domínio da cultura, no domínio tradicional e no domínio comportamental (Ruben, 50 anos, Consultor- Nativo).*

*...nãu, nos ma es e ka igual nada, ten diferenca sin, nos tude e kaboverdianu ma ten diferenca sin, diferencas profundas<sup>47</sup> (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório - Nativo).*

*... a diferença é a nível da cultura, têm alguns hábitos, têm algumas situações tradicionais mesmo do pessoal de Santiago que muitas vezes não convergem com a nosa (Ruben, 50 anos, Consultor- Nativo).*

<sup>47</sup> ... não, nós e eles não somos iguais não, temos muitas diferenças, somos todos cabo-verdianos, mas nós somos diferentes, há diferenças profundas (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório – Nativo).

*N ta utxa mode és é pesoas umanas moda nós. Badius, sanpadjudos, nos e tude seres umanus, nós e tude ftdje de Cabo Verde, nós e tude kabuverdianus, ka ten diferensas, só ke kada un ten si manera de ser*<sup>48</sup> (Joana, 54 anos, Professora do Pré- Primário, Nativa).

Por exemplo, em casos de tensões e conflitos, para os nativos é impensável fazer o uso de armas, tudo se resolve com as próprias mãos, isto é, segundo dizem os nativos, resolvem as coisas de forma diferente dos santiaguenses.

*...gente de bubista ta briga e ke soke, es badius e ka moda pesoal de Barlavente, ke ta briga ke soke, bu ta do-me un soke, N ta dobe ote soke, tude ta feka rezolvide. Imajina, faka podé ser mortal pa un pessoa y ise ten konteside. Nós nu ta kustumóde na deskuti, da ke mon, manda nome y depos ta feka drete, ma da ke faka nu ka ta abituode*<sup>49</sup> (Lina, 43 anos, Proprietária de Bar – Restaurante -Nativa).

*...kualker koza as ta uza logo faka. É o ke jente ta ubi pamode ta kontesé la pa Baraka, é agua kente, é azeite kente, nós nu ka ta abituode kes kozas. Antigamente konde ta tinha dezentendimente pesoas ta brigaba e ke mon e nãu ke armas*<sup>50</sup> (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório – Nativo).

*... pur ezenple N pode manda un sanpadjude nome, má se for un badiu al ta aponto-me loge un arma. As ta linpa sis onra é ke sange, ma nós nãu.*<sup>51</sup> (Lina, 43 anos, Proprietária de Bar – Restaurante -Nativa).

Para exemplificar as referidas divergências comportamentais, afirmam também que os santiaguenses deitam o lixo em qualquer lugar e que urinam em qualquer lado.

*...problema ke ta koluka e sés integrasãu, é klaru, as trazé kostumes ke nu ka táva abituode y kustumes ke talvez ta xoka ke kes de nos, ke ta briga mesma, pamode ten koizas que sinseramente, N ten 53 anus y N ka tava abituóde a oia ise, nomeadamente, lixu, fazé xixi na rua etc. Ten uns dias na rua de Rego kontesé un konfuzãu pamode un indivíduo de Santiago fazé xixi frente de un data de jente grande, as txema-l atensãu y el ka feka kontente al até ameasa Ti Jon pamode al ta mata-l*<sup>52</sup> (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório - Nativo).

<sup>48</sup> Eu considero que são pessoas humanas como nós. *Badius, sampadjudos*, nós somos todos filhos de Cabo Verde, nós somos todos cabo-verdianos, não há diferenças, só que cada um tem a sua maneira de ser (Joana, 54 anos, Professora do Pré- Primário).

<sup>49</sup> ...as pessoas da Boa Vista brigam é com socos, eles {*badius*} não são como o pessoal de Barlavente, que briga com as mãos, um dá um soco, o outro dá outro soco e pronto, tudo fica resolvido. Imagina, a faca pode ser mortal para uma pessoa e isso tem acontecido. Nós estamos acostumados a discutir, bater com as mãos, dizer palavrões e pronto fica tudo normal, mas nós não estamos habituados a utilizar facas (Lina, 43 anos, Proprietária de Bar – Restaurante – Nativa).

<sup>50</sup> ...usam a faca por qualquer coisa. É o que se ouve que acontece lá para a Barraca, é água quente, é azeite quente, nós não estamos habituados com essas coisas. Antigamente quando haviam desentendimentos, as pessoas brigavam com as mãos e não com armas (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório – Nativo).

<sup>51</sup> ... por exemplo, posso dizer palavrões a um *sampadjudo*, mas se for a um *badiu* ele apontará logo uma arma para mim. Eles limpam a honra é com sangue, mas nós não (Lina, 43 anos, Proprietária de Bar- Restaurante – Nativa).

<sup>52</sup> ... aqui o problema que se coloca é a integração deles, é claro que trouxeram costumes que nós não estávamos habituados e costumes que talvez choquem com os nossos, que briguem mesmo, porque há coisas que sinceramente, tenho 53 anos e não estava habituado a ver. Nomeadamente o lixo, há pessoas que urinam na rua e há alguns dias, na rua do Rego, houve uma confusão porque um indivíduo de

*...sen dúvida txeu koza muda pa pior, en termes de ljiene, saúde pública...as trazé txeu koza mariode<sup>53</sup> (Lucas, 47 anos, Funcionário Público – Nativo).*

De acordo com Blumer, in Haguette (2007: 39), o processo social de vida em grupo é que cria e mantém as regras na sociedade, contrariando algumas visões dominantes na literatura das ciências sociais que encaram essas formas repetitivas da acção conjunta como a forma natural da vida humana em grupo. Tomando a ideia de Blumer, tenta-se analisar o estado de tensões que existe entre os dois grupos em análise, salientando que antes, a sociedade local boavistense, através do seu processo social de vida em grupo, mais ou menos isolado, definiu um conjunto de regras, normas e valores que, se acreditava, que eram adoptados por todos os seus integrantes. Quando os boavistenses perceberam que entres os migrantes santiaguenses que chegaram havia indivíduos que não aderiram a parte dessas normas ou mesmo a sua íntegra, concluíram que essas atitudes geraram as situações de conflito entre os dois grupos. Sendo assim, na sociedade boavistense, por vezes, o *badiu* é considerado um desviante, isto porque a sociedade definiu a priori um conjunto de regras e normas que toda a população deveria cumprir, no entanto, quando esses externos chegaram na ilha, não aderiram a esse conjunto de normas e regras, por isso são considerados “destoantes”.

É de referir ainda que os nativos consideram que os santiaguenses são pessoas mais reactivas, dizem até que esses têm o “sangue mais quente” do que eles. É o que se percebe nas afirmações a seguir.

*N ta atxa ke es e uns pesoas ke ta senpre pronte pa ranja xatises, klaru ke ten un ou ote ke é diferente, por ezenple nhas vizinhas, es e uns gentes pakatos, má normalmente es e uns pesoas fervidas, as ta sta senpre pronte pa ranja xatises, pa kualker koizinha as ta xatia, as ta manda nome, nos nu ka sta habituode, nu ta ta sofre um xoke mute grande<sup>54</sup> (Eliseu, 43 anos, Empregado de Escritório -Nativo).*

*...ti oje N ka tive problemas ma ninhun dês, nunka, pamode N sabe manera kês é, portante, N ta tenta ivita. N ta tenta konporta ben má és, fala ben má és, pamode N sabe ke normalmente, badiu y sanpajude ka ten*

---

Santiago urinou à frente de muita gente idosa, que lhe chamou atenção e esse não ficou contente e até ameaçou o Ti Jon (morador daquela rua) de morte (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório – Nativo).

<sup>53</sup> ... sem dúvida muita coisa mudou para pior, em termos de higiene, saúde pública... trouxeram muita coisa má (Lucas, 47 anos, Funcionário Público – Nativo).

<sup>54</sup> Acho que são pessoas que estão prontas para arranjam chatices, claro que tem um ou outro que é diferente, por exemplo, esses meus vizinhos são pessoas pacatas, mas normalmente são pessoas fervidas, estão prontas para arranjar chatices a qualquer momento, por qualquer coisinha chateiam-se, dizem palavrões, nós não estamos habituados, nós estamos a sofrer um choque muito grande (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório – Nativo).

*mesmu mentalidade*<sup>55</sup> (Lina, 43 anos, Proprietária de Bar – Restaurante – Nativa).

*... mi N ka ten problemas ma badius, má dja N uia pessoas ta ten problemas má és, N ka sabé e pamode, se é falta de entendimente às vezes, pamode realmente, badiu ten sange kente, bu ta konprendé? Badiu ta refliti menos y ise é verdade. Dja N fala ma txeu dês, y maioria dês ta rekonhesé ise*<sup>56</sup> (Benamin, 43 anos, Funcionário Público – Nativo).

*Se bu fla un sanpajude pamode al ta da pa dodu, nu ta enkara-l de forma normal, ma se bu fla ise a un badiu al ta reaji loge, al ten un temperamente ke ta permiti-l reaji de forma bruska* (Lina, 43 anos, Proprietária de Bar- Restaurante – Nativa).

Muitas vezes os próprios santiaguenses compactuam com essa forma de pensar dos nativos, relativamente às diferenças de hábitos, de comportamentos e de atitudes entre eles.

*...só ki nós badiu nós é un bokadinhu brutu, nu gosta di kes kuzas di malkriason, nu gosta di kes kuzas di porkaria, di bota lixu na rua, nes aspetu és tene razon, pamodi un ta straga imajen di kel otu. É sima situason di baraka, la ta mora só badius, mandjakus y alguns pessoas di São Vicente, la ten txeu porkaria, Kamara ta bá linpa lixu oji, manha ta sta na mesma situasãu. É kes porkaria li ki gentis di li ka gosta, ma nen tudu ta konporta asin, ami N ka gosta di lixu*<sup>57</sup> (Nila, 24 anos, Empregada de Bar, Migrante).

*...má tanbé kuzas ki badiu ta faze li, ka ta da, es ta faze só kuza mariadu, otu ta ben, ka ta trabadja, és ta buska furta u ké di bó, keli ka ta da*<sup>58</sup> (Denga, 25 anos, Peixeira – Migrante).

*...Badiu senpri ta straga ambienti di lugar, ma N ten stadu ta observa y ta da konsedjus, ma nen senpri és ta obi. Ma badiu senpri ta straga ambienti di lugares*<sup>59</sup> (Simão, 41 anos, Marceneiro – Migrante).

*Mi é di Praia má N ta odja txeu gentis dispmezada y N ta flou ma nen és ka divia staba li, és divia fikaba la na Santiago pamodi kuzas ki ta kontisi. Si kes pisoas di li ta fala mal di badiu, ou és é kontra badius, és teni razon,*

<sup>55</sup> ...até hoje não tive problemas com nenhum deles, nunca, porque sei como é a maneira deles, portanto, tento evitar. Tento me comportar bem com eles, falar bem com eles, porque sei que normalmente os *badius* e os *sampadjudos* não têm a mesma mentalidade (Lina, 43 anos, Proprietária de Bar – Restaurante – Nativa).

<sup>56</sup> ... eu não tenho problemas com *badius*, mas já vi pessoas a terem problemas com eles, não sei qual é o motivo, se é falta de entendimento às vezes, porque realmente o *badiu* tem sangue quente, compreendes? O *badiu* reflecte menos e isso é verdade. Eu já falei com muitos deles e a maioria reconhece isso. (Benamin, 43 anos, Funcionário Público – Nativo).

<sup>57</sup> ...só que nós os *badius* somo um bocadinho brutos, gostamos daquelas coisas de má-criação, gostamos daquelas coisas de porcaria, deitar o lixo na rua etc. Neste aspecto, eles têm razão, porque um estraga a imagem dos outros. É como a situação das Barracas, lá só moram *badius*, mandjacos e algumas pessoas de São Vicente, ali há muita porcaria, a Câmara vai lá limpa o lixo hoje, amanhã estará tudo na mesma situação. São essas porcarias que o pessoal de cá não gosta, mas nem todos comportam-se dessa forma, eu não gosto do lixo (Nila, 24 anos, Empregada de Bar – Migrante).

<sup>58</sup> ...mas também as coisas que os *badius* fazem cá, não dá, eles só fazem coisas erradas, alguns não trabalham e procuram furtar o que é teu, isso não dá (Denga, 25 anos, Peixeira – Migrante).

<sup>59</sup> O *badiu* sempre perturba o ambiente dos lugares, mas tenho estado a observar e a dar conselhos, mas nem sempre ouvem. Mas os *badius* sempre perturbam o ambiente dos lugares (Simão, 41 anos, Marceneiro – Migrante).

*pamodi ten txeu gentis dretu, mas tanbé txeu ké ka dretu*<sup>60</sup> (Filo, 39 anos, Comerciante – Migrante).

*Es ta ranja briga, es ta porta mal y dipos es ta fla ma jentis di li é rasista, mi N ka ten mal di fla di ningén di Boa Vista. Gentis di Boa Vista é ki ta nagósia ku mi*<sup>61</sup> (Cesaltina, 36 anos, Comerciante – Migrante).

*N sabi ma pesoas di Praia txeu bez ta porta mal, ma ka senpri*<sup>62</sup> (Joaquim, 26 anos, Polícia Marítima – Migrante).

Essa diferença comportamental e de atitudes é observada entre as crianças, pois, segundo relatos, nas escolas as crianças nativas não se misturam com as crianças santiaguenses, visto que as primeiras admitem que essas são brutas e que estão sempre a lhes provocar.

*Es e brutes, realmente kês menines da li ta tenta asosia má es, ma depôs as ta kaba pa afasta. Ka é nada impossível un kriansa nativa pisa un kriansa santiaguense y el agredi-l logu ke un bafatada, antes ke kel kriansa nativa pedi-l deskulpa, pur ise é kês ta afasta des pamode es e mute agresive*<sup>63</sup> (Raquel, 48 anos, Professora do Ensino Primário- Nativa).

A entrevistada diz ainda:

*Na prinsipiú as ta mistura má depôs as ta kaba pa separa, pamode és e mute agresivas devido à edukasau kes ta resebi na kaza, kes konflites kes ta prezensia na kaza, pamode badius ta ezalta pa pekenas koizas. Às vezes as ta asisti geras entre sis mae y sis pai, às vezes entre vizinhos, por ise kes ta asosia na inisiu, má depôs as ta afasta, pamode pa kalker koizinha as ta parti pa agresãu*<sup>64</sup> (Raquel, 48 anos, Professora do Ensino Primário – Nativa).

*... nãu, na nha Jardim N ka ta admitti separasãu entre kriansas, pa mi tude kriansa e igual y N ta faze-s entende ke es e tude igual, as ta relaciona normal, só ke de vez en kuonde ta parse un o ote ke ta fla kel*

<sup>60</sup> Eu sou da Praia, mas eu vejo muita gente a ser desprezada e digo que essa gente nem deveria estar cá, deveriam ficar em Santiago, por causa do que tem acontecido cá. Se as pessoas de cá falam mal dos *badius*, ou são contra eles, têm razão porque há muito boa gente, mas por outro lado, muitos não são boas pessoas (Filo, 39 anos, Comerciante – Migrante).

<sup>61</sup> Eles arranjam confusões, portam-se mal e depois dizem que as pessoas de cá são racistas, eu não tenho mal a dizer de ninguém da Boa Vista. As pessoas da Boa Vista são os que negoceiam comigo (Cesaltina, 36 anos, Comerciante – Migrante).

<sup>62</sup> Eu sei que as pessoas da Praia muitas vezes portam-se mal, mas nem sempre (Joaquim, 26 anos, Polícia Marítima – Migrante).

<sup>63</sup> Eles são brutos, realmente os meninos de cá tentam aproximar-se deles mas depois acabam por se afastar. Não é nada impossível, uma criança nativa pisar uma criança santiaguense e esta a agredir com uma bofetada antes que a outra lhe peça desculpas, por isso é que se afastam, porque elas são muito agressivas (Raquel, 48 anos, Professora do Ensino Primário – Nativa).

<sup>64</sup> No início eles se misturam, mas depois acabam por se separar, porque são muito agressivas devido à educação que recebem em casa, os conflitos que presenciam em casa, porque os *badius* se exaltam por pequenas coisas. Às vezes assistem às guerras entre a mãe e o pai, às vezes entre vizinhos, por isso, associam no início, mas depois afastam-se, porque por qualquer coisinha partem logo para a agressão (Raquel, 48 anos, Professora do Ensino Primário – Nativa).

*“badiu la”, ma loge N ta korigi-s. Anton N ta fla-l “badiu nãu, el é igual a nos, el é igual a bó”<sup>65</sup> (Joana, 54 anos, Professora do Pré-Primário – Nativa).*

Portanto, as crianças santiaguenses são muitas vezes vítimas de segregação e marginalização por parte dos colegas, devido a diferenças culturais, sociais e por vezes económicas. Em consequência poderão surgir distúrbios psicológicos profundos, causando traumas ou atitudes depressivas que poderão conduzir a reacções de violência e também poderão dar lugar ao insucesso escolar dessas crianças.

A estigmatização, muitas vezes, associa-se a um tipo específico de fantasia colectiva criada pelo grupo estabelecido. O relacionamento entre os migrantes santiaguenses e os boavistenses mostra o preconceito de um grupo estabelecido, em defesa do seu *status* e poder contra o que é sentido como uma agressão dos *outsiders*. Por vezes os nativos perguntam: *por que eles não vão para a terra deles?* Ou afirmam: *por mim iam todos para a terra deles*, E ainda: *nós estávamos bem aqui sem eles, eles vieram cá e trouxeram todos os seus maus costumes e maus hábitos*.

Do ponto de vista dos *outsiders*, o resultado da estigmatização, além da interiorização do preconceito, que traz reflexos negativos para a auto-imagem do grupo, pode gerar, por sua vez, um preconceito contra os estabelecidos. Mas, na medida em que sentem que não possuem poder para tão-somente pela linguagem estigmatizar o outro grupo, podem, e em alguns casos é o que ocorre, transformar a estigmatização em actos de violência. Como refere Elias (2000: 177), “enquanto os quadros sociais são relativamente fracos, seu preconceito contra os estabelecidos não tem contundência, eles não conseguem traduzi-los em actos de discriminação”. Eventualmente, poder-se-á manifestar sob a forma de delinquência, do vandalismo ou de outras transgressões da ordem estabelecida, particularmente entre jovens. Esses são os únicos meios de que dispõem os grupos tratados com frieza, excluídos e agredidos em sua auto-estima, para conseguirem alguma coisa dos grupos estabelecidos. Desse modo, os migrantes santiaguenses, por vezes adoptam comportamentos agressivos e que os afastam das normas estabelecidas pela sociedade local boavistense. No entanto, é uma forma de eles conseguirem um certo tipo de respeito por parte dos nativos da Ilha da Boa Vista. Sendo assim, em determinadas situações, nota-se um certo temor por parte dos boavistenses

---

<sup>65</sup> Não, eu no meu jardim não admito essa separação entre crianças, todas as crianças para mim são iguais e faço-lhes entender que elas são todas iguais, relacionam-se normal, só que de vez enquanto aparece um que diz aquele *badiu* aí, mas logo o corrijo.” Digo aquele *badiu* não, ele é igual a nós é igual a ti” (Joana, 54 anos, Professora do Pré-Primário).

para com os santiaguenses. Muitas vezes, os primeiros tentam não entrar em choque com os santiaguenses por medo da reacção destes, já que os consideram poudores de um temperamento diferente do deles, isto é, são mais reactivos.

#### **4 Percepção e Experiência de Discriminação por parte dos Santiaguenses / Imagem dos Migrantes Santiaguenses em relação aos Boavistenses**

Nesta secção se trata da questão do preconceito, da discriminação e do sentimento de racismo por parte da população migrante da Ilha de Santiago e da imagem que esses migrantes têm em relação aos boavistenses.

A discriminação é escandalosa porque ela se constitui numa negação dos direitos, os direitos inscritos na Constituição e em princípios substanciais ao exercício da cidadania. A questão da discriminação se impõe a partir do momento em que passa a admitir que as diferenças são fundadas num estatuto hereditário (Castel, 2008: 12).

Grande parte dos migrantes santiaguenses é da opinião de que existe discriminação e preconceito por parte dos nativos da Boa Vista em relação a eles. Neste caso, usando as palavras de Castel (2008: 13), trata-se de discriminação negativa. Para o autor, os traços específicos de pertença étnica são vistos como suporte para um tratamento diferencial e desigual e não para um tratamento igualitário dos indivíduos. A diferença aqui é sublinhada e funciona como um estigma: por exemplo a cor da pele deflagra a suspeição e a rejeição. É nesse sentido que se pode falar em discriminação negativa. Não se trata de um pleonasma. Existem formas de discriminação positivas que consistem em fazer mais por aqueles que têm menos. Por exemplo, a Câmara Municipal da Boa Vista concede terrenos aos migrantes santiaguenses que não possuem condições financeiras para adquiri-los através da compra.

A discriminação negativa não consiste em dar mais àqueles que têm menos; ela, ao contrário, marca seu portador com um defeito indelével. Ser discriminado negativamente significa ser associado a um destino embaçado numa característica que não se escolhe, mas que os outros no-la devolvem como uma espécie de estigma. A discriminação negativa é a instrumentalização da alteridade, constituída em factor de exclusão. A discriminação coloca a concepção de cidadania democrática em risco, mediante ausência de reconhecimento da alteridade.

Grande parte dos santiaguenses admite que se sente discriminada e desprezada por parte dos boavistenses; que esses são todos racistas e que não gostam que santiaguenses vivam na terra deles.

*...desdi Praia ki N ta obi pesoas ta fla ma gentes di Boa Vista ta trata Badius y mandjakus mal, dipos ki N txiga li N odja ma é verdade<sup>66</sup> (Joaquim, 26 anos, Polícia Marítima - Migrante).*

O entrevistado diz ainda:

*...nau, ka é só na Baraka, é na tudu lugar, N ta vive na vila, ma N ta obi txeu gentis ta fala mal di badiu, ka é só badius ki ta vivi na Baraka<sup>67</sup> (Joaquim, 26 anos, Polícia Marítima – Migrante).*

*...é verdade, si un faze kel otu ka faze, tudu ta paga, pamodi nós é tudu badiu<sup>68</sup> (Ludy, 30 anos, Doméstica – Migrante).*

*...ás vezes na konbersa, és ta flou asi “anh dja bu ben, dja bu enrikisi na nós tra”, kes kozinhas li<sup>69</sup> (Saturnina, 39 anos, Comerciante – Migrante).*

Para os migrantes a maior prova de discriminação ocorre ao nível habitacional. Admitem que, para além da escassez de moradias que existe na ilha, às vezes os boavistenses têm posse de casas para arrendarem, mas não o fazem a eles, só pelo facto de serem *badius*.

*...es ta ten kazas pa renda y es ka ta renda-nu. N sta ta prokura kaza desdi dia un y N ka sta konsigi, es ta renda so brankus, so italianos, badiu nen pensar<sup>70</sup> (Nila, 24 anos, Empregada de Bar – Migrante).*

*... nu ta ten senpri difikuldadi na kaza pa mora<sup>71</sup> (Francisco, 32 anos, Pescador – Migrante).*

*...kuaze kes ka ta aluga badiu kaza. N teni un kolega ké guarda fiskal, é estevi durante txéu tenpu ta djobi kaza, pamodi és ka ta aluga badiu kaza<sup>72</sup> (Joaquim, 26 anos, Polícia Marítima – Migrante).*

*Difikuldadi nunka ka ta kaba, alánu la dentu di agú, pamodi txuba ki kai, nu sta dentu di agú<sup>73</sup> (António, 41 anos, Pedreiro – Migrante).*

<sup>66</sup> ...desde a Praia que oiço dizer que as pessoas da Boa Vista tratam mal os *badius* e os mandjacos, depois de cá chegar comprovei que era verdade (Joaquim, 26 anos, Polícia Marítima – Migrante).

<sup>67</sup> ... não, não é só na Barraca, são em todos os sítios, eu vivo cá na vila e oiço muita gente a dizer mal dos *badius*, não é só dos *badius* que vivem nas Barracas (Joaquim, 26 anos, Polícia Marítima – Migrante).

<sup>68</sup> ... é verdade, se um aprontar e o outro não, todos pagam, porque nós somos todos *badius* (Ludy, 30 anos, Doméstica – Migrante).

<sup>69</sup> ... às vezes no decorrer de conversas eles te dizem assim: “vieste para a nossa terra e já enriqueceste”, essas coisinhas (Saturnina, 39 anos, Comerciante – Migrante).

<sup>70</sup> ... há pessoas que têm casas para arrendarem e não nos arrendam, ando à procura de casa desde o dia primeiro e não consigo, eles arrendam só aos brancos, só aos italianos, aos *badius*, nem pensar (Nila, 24 anos, Empregada de Bar – Migrante).

<sup>71</sup> ... nós sempre temos dificuldades em encontrar casa para morarmos (Francisco, 32 anos, Pescador – Migrante).

<sup>72</sup> ... quase que não alugam casas aos *badius*. Tenho um colega que é guarda-fiscal, ele esteve muito tempo à procura de casa, porque não alugam casas aos *badius* (Joaquim, 26 anos, Polícia Marítima – Migrante).

<sup>73</sup> As dificuldades nunca acabam, estamos aí a boiar dentro de água, devido às chuvas que caíram, estamos dentro de água (António, 41 anos, Pedreiro – Migrante).

Consequentemente, estes são obrigados a construir moradias alternativas na Zona das Barracas, dando lugar a construções clandestinas e contribuindo ainda mais para o distanciamento entre os dois grupos. No sentido de corroborar esse argumento, é de referir que a maioria dos autóctones da Ilha das Dunas nunca frequentou aquela Zona.

*Eu gostaria que deixassem de ver a Barraca como sendo um lugar do mal. Agora tudo o que acontece de mal na Boa Vista, culpam a Barraca. Todos os assaltos, roubos, brigas, são as pessoas da Barraca que comentem. Tudú kuza é badiu. O badiu tem sangue quente, mas nem todos andam a roubar. Gostaria que nos vissem de igual para igual e sem preconceitos<sup>74</sup> (José Andrade, Trabalhador de Construção Civil).*

*Eu não quero sair daqui. Já construí a minha casa, e agora quero que me dêem condições para continuar a viver aqui. Agora é só trazer luz, água e saneamento. Quanto ao resto vamos desenrascando<sup>75</sup> (Joaquina Marques – Rabidante).*

*A Câmara e o governo precisam levar a Barraca a sério. Há pessoas a viverem aqui há mais de 10 anos e que não têm uma casa, um pedaço de chão para construir. Eles devem fazer casas e dar ou alugar a preços baixos para essas pessoas. Para os que vão continuar na Barraca, deve-se colocar luz nas suas casas, na rua, pôr água e fazer a recolha do lixo todos os dias<sup>76</sup> (Laura Lopes, Doméstica).*

Os migrantes admitem que vivem na Boa Vista por uma questão de necessidade, por causa do emprego que aí têm. Alguns vivem na Boa Vista há mais de dois anos e não têm um amigo sequer, nativo daquela ilha. Defendem que numa situação de interação, após os boavistenses perceberem que esses são *badius*, o tratamento é logo diferente, isto é, há logo um distanciamento.

*... és é ka nada acolhedor. Genti di li só és odja ma bó é badiu, és ta tratou loguo di manera differenti<sup>77</sup> (Joaquim, 26 anos, Polícia Marítima – Migrante).*

No entanto, há quem defenda que esse tratamento estende a todos os grupos que vêm de fora, que não é extensivo apenas aos *badius*.

*... normalmente tudu kenha ki ta ben di fora ki ka é di Boa Vista ten senpre diferença di tratamentu, ou italianu, ou gineense ou badiu, basta ka*

<sup>74</sup> Excerto retirado do Jornal A Semana, Edição 867 de 21 de Novembro de 2008.

<sup>75</sup> Excerto retirado do Jornal A Semana, Edição 867 de 21 de Novembro de 2008.

<sup>76</sup> Excerto retirado do Jornal A Semana, Edição 867 de 21 de Novembro de 2008.

<sup>77</sup> ... não são nada acolhedoras. As pessoas daqui quando notam que és *badiu*, o tratamento é logo diferente (Joaquim, 26 anos, Polícia Marítima – Migrante).

*ser di Boa Vista, bu ta odja senpre diferença*<sup>78</sup> (Saturnina, 39 anos, Comerciante -Migrante).

Sendo assim, verifica-se que as pessoas da Boa Vista não dão muita abertura em suas barreiras sociais, não só aos santiaguenses, mas também aos demais ditos externos. Mesmo assim, alguns migrantes santiaguenses alegam que os boavistenses tratam os outros vindouros melhor do que eles, nomeadamente as pessoas das outras ilhas e os mandjacos.

*...odja, li na Boa Vista és ta kustuma fla ma mandjakus é midjor di ki badiu. Txeu algen ta fla ma se pe-s trata ku badiu é midjor es trata ku mandjakus, ma és ka ta splika. Talvez, pamodi es ka ta toka na nada ké ka di sés, ma badiu nau, sés txiga li y es odja kel objetu la, si ka teni ningen ta odja, tendensia é meti kel objetu na bolsu y es ta fuji ku el. Mas mandjaku ka ta faze kela. N sabi pamodi N ta trabadja ku mandjakus, ku sampadjudus y en termus di edukason es é más suavi ki badiu*<sup>79</sup> (Simão, 41 anos, Marceneiro – Migrante).

*...es ta trata gentis di kes otu ilhas midjor ki badiu, pamodi és ta fla més é tudu sampadjudu, és ta trata dretu só kes badius kes ta konxi dretu, kes la é respeitadu. Mandjakus es é partikular, es ta frequenta otus ambientis es é di igreja, es é mansus, es é respeitadus y es ta respeita pesos*<sup>80</sup> (Francisco, 32 anos, Pescador – Migrante).

*Es ta trata mandjaku midjor di ki badius, pamodi só mandjakus kés ta poi komu guarda na sés obras, também és ta resebi menos*<sup>81</sup> (António, 41 anos, Pedreiro – Migrante).

*Konparande badiu y mandjaku, N ta fla, mandjaku é amedjor du ki badiu*<sup>82</sup> (Soraya, 26 anos, Empregada Comercial – Nativa).

*Mandjakus é amedjor du ki badiu, mandjakus é tude drete, enkuante ke ta ezisti badius ki é drete, má també ten otes ki é mariode*<sup>83</sup> (Ruth, 30 anos, Empregada de Limpeza, Nativa).

<sup>78</sup> ...normalmente todo aquele que vêm de fora, que não é da Boa Vista, é sempre tratado de maneira diferente, seja italiano, guineense ou *badiu*, basta não ser da Boa Vista, denota-se sempre essa diferença (Saturnina, 39 anos, Comerciante -Migrante).

<sup>79</sup> ...olha na Boa Vista costuma-se dizer que os mandjacos são melhores do que os *badius*. Muita gente diz, e eu já as ouvi que se é para tratarem com *badius* é melhor tratarem com mandjacos, entendes, mas não explicam. Talvez porque eles não tocam em nada que não seja deles, mas o *badiu* não, se chegarem cá e virem aquele objecto e não avistarem ninguém, a tendência é pegarem naquele objecto meter no bolso e fugir com ele. Mas os mandjacos não fazem isso, eu sei porque trabalho com *badius*, com mandjacos e com *sampadjudos*. Em termos de educação são mais suaves que os *badius* (Simão, 41 anos, Marceneiro – Migrante).

<sup>80</sup> ... eles tratam as pessoas das outras ilhas melhor do que os *badius*, porque dizem que são todos *sampadjudos*, tratam bem apenas os *badius* que conhecem melhor, esses são respeitados. Quanto aos mandjacos, esses são particulares, eles frequentam outros ambientes, são da igreja, são pacatos e respeitam as outras pessoas (Francisco, 32 anos, Pescador – Migrante).

<sup>81</sup> Eles tratam os mandjacos melhor do que os *badius*, porque só colocam os mandjacos como guarda nas suas obras, também eles recebem menos (António, 41 anos, Pedreiro – Migrante).

<sup>82</sup> Comparando *badius* e mandjacos, digo que esses são melhores (Soraya, 26 anos, Empregada Comercial – Nativa).

<sup>83</sup> Os mandjacos são melhores do que os *badius*, são todas boas pessoas, enquanto que existem *badius* que são boas pessoas, mas também há outros que não são (Ruth, 30 anos, Empregada de Limpeza – Nativa).

Por outro lado, uma das interlocutoras é da opinião de que os nativos da Boa Vista tratam os *badius* melhor do que os emigrantes da Costa de África. No entanto, relativamente aos outros externos (nomeadamente italianos, migrantes das outras ilhas), os boavistenses tratam-nos melhor do que tratam os *badius*.

*Es ta trata italianus midjor di ki badius, mas es ta trata mandjakus mal, N ta atxa me-s ta trata mandjakus pior di ki di nós badiu. Kes gentis, italianus, inglezes, espanhóis, portugezes ses bá djobi kaza es ta atxa logu. Es é prokuradu na rua pe-s bá mora na ses kaza*<sup>84</sup> (Nila, 24 anos, Empregada de Bar – Migrante).

Dos migrantes entrevistados há um grupo que alega que as outras pessoas dizem que os nativos são racistas mas eles nunca passaram por nenhuma situação de discriminação. Há outro grupo que considera que os autóctones da Boa Vista são boas pessoas, são simpáticas, acolhedoras, educadas e que os seus patrícios são os que se comportam mal, por isso é que acham que são discriminados. Por fim, há um grupo que defende que os boavistenses são muito racistas.

Portanto, há interlocutores que admitem a possibilidade de racismo e discriminação, embora sem nunca terem passado por tal situação.

*... a meu ver N ka ten ki fala mal, má ten ken ke ta dezé ke ten diskriminasáu, má au meu ver, mi N ka pasa pa es faze, pamode N ta kultiva nha boa edukasáu kazeira*<sup>85</sup> (Sabino, 38 anos, Policia de Ordem Pública, Migrante).

*...as ta fla ma gentis di li é rasistas má mi ku tudu es é só “fixe”, N ta da dretu ku sanpadjudus di lí*<sup>86</sup> (João, 27 anos, Comerciante -Migrante).

*...txeu algen ta kexa ma algen di Boa Vista ta trata algen di Praia mal, ma ta disprezá-s, ma nes aspetu N ka ten mal ki fla, pamodi des ki N sta li, sta ben faze sinku anu, tudu algen di li é nha anigu*<sup>87</sup> (Simão, 41 anos, Marceneiro – Migrante).

*...N ka sabi si é rasismu ou pamodi li é sés ilha, N ka sabi splika. Ma N ta atxa ma djés muda txéu, antigamente nen és ka ta daba nós bom dia, N ta*

<sup>84</sup> Eles tratam os italianos melhor do que os *badius*, mas tratam mal aos mandjacos, acho que tratam os mandjacos pior do que nós os *badius*. Aquela gente, italianos, ingleses, espanhóis, portugueses se forem procurar casa encontram logo. Eles são procurados na rua para irem morar em casa deles (Nila, 24 anos, Empregada de Bar – Migrante).

<sup>85</sup> ...ao meu ver, não tenho mal a dizer, mas há pessoas que dizem que há discriminação, mas eu nunca passei por essa situação, porque eu sempre cultivo a minha boa educação caseira (Sabino, 38 anos, Policia de Ordem Pública, Migrante).

<sup>86</sup> ...dizem que as pessoas de cá são racistas, mas eu me relaciono bem com as pessoas de cá, dou-me bem com os *sampadjudos* de cá (João, 27 anos, Comerciante – Migrante).

<sup>87</sup> ...muita gente queixa-se que as pessoas da Boa Vista tratam mal as pessoas da Praia, que desprezam-nas mas eu não tenho mal a dizer, neste aspecto não tenho nada a dizer, porque desde que estou cá, vai fazer cinco anos, todas as pessoas da Boa Vista são minhas amigas (Simão, 41 anos, Marceneiro – migrante).

*observaba kel kuza li, N ta kustumaba kunprimenta txeu gentis y es ka ta respondia, ta xatiaba mi. Dipôs N dexa di kunprimentá-s*<sup>88</sup> (Francisco, 32 anos, Pescador – Migrante).

Por outro lado, há migrantes santiaguenses que acham que não há discriminação por parte dos boavistenses, afirmando que os *badius* é que não se comportam bem na Boa Vista e depois reclamam que as pessoas da ilha não gostam deles, que os *badius* têm má fama, que eles estragam o ambiente dos lugares, mas é com uma certa razão porque muitas vezes eles têm comportamentos que não são aceitáveis. Sendo assim, contribuem para uma má imagem da sua pessoa e das outras também.

*... gentis di li é ka rasista, dipendi di manera ki bu ta konporta, es ta ranja briga, es ta porta mal y dipos es ta fla ma gentis di li é rasistas, ami N ka ten mal di da di ninguém di Boa Vista*<sup>89</sup> (Cesaltina, 36 anos, Comerciante - Migrante).

*... dja N teni dozi anu li y N ka pode fala mal di pesoas di Boa Vista, pamodi tudu kenha kiN txoma kudi-m*<sup>90</sup> (Filo, 39 anos, Comerciante - Migrante).

Essa entrevistada diz ainda:

*N ta da dretu ku algen di li, tudu trakuilu, tudu na amor, karinhu, tudu algen óras ki ta odja-m ta txoma-m, tudu algen dja sabe nha nomi*<sup>91</sup> (Filo, 39 anos, Comerciante, Migrante).

*N gosta txeu di vive li na Boa Vista, li é un lugar kalmu, trunkuilu, gentis so dretu, es ta trata-m ku amizadi, undi kiN bai mi é ben tratadu*<sup>92</sup> (Simão, 41 anos, Marceneiro - Migrante).

*Mi má gentis di Boa Vista nu ta da dretu, nu ta da dretinhu, mutu ben, na Setembro ta faze onzi anus ki N sta li, ma nu ta da drete*<sup>93</sup> (Maria Clara, 31 anos, Doméstica – Migrante).

*N ka teni mal di fla di ningén di Boa Vista. N ta vive li ten serka di três anu, mas até oji N ka teni mal di fla di ningén di li*<sup>94</sup> (João, 27 anos, Vendedor – Migrante).

<sup>88</sup> Não sei se é racismo ou porque é a ilha deles, não sei explicar. Mas acho que eles já mudaram muito, antigamente nem sequer nos davam bom dia, eu observava isto. Costumava cumprimentar muita gente e eles não respondiam, chateava-me muito. Depois deixei de os cumprimentar (Francisco, 32 anos, Pescador – Migrante).

<sup>89</sup> ... as pessoas daqui não são racistas, depende da maneira como te comportares, eles [*badius*] arranjam brigas, portam-se mal e depois dizem que as pessoas são racistas. Eu não tenho mal a dizer de ninguém da Boa Vista (Cesaltina, 36 anos, Comerciante – Migrante).

<sup>90</sup> ... vivo cá há doze anos e não posso falar mal das pessoas da Boa Vista, porque a todos a quem eu chamei me socorreram (Filo, 39 anos, Comerciante – Migrante).

<sup>91</sup> Dou-me bem com as pessoas daqui, tranquilamente, com amor e carinho, todas as pessoas quando me vêem chamam, todas as pessoas já sabem o meu nome (Filo, 39 anos, Comerciante, Migrante).

<sup>92</sup> Gosto muito de viver cá na Boa Vista, aqui é um lugar calmo, tranquilo, são boas pessoas, tratam-me com amizade, aonde for sou bem tratado (Simão, 41 anos, Marceneiro – Migrante).

<sup>93</sup> Dou-me bem com as pessoas da Boa Vista, direitinho, muito bem, em Setembro vai fazer onze anos que estou cá, mas a gente se dá muito bem (Maria Clara, 31 anos, Doméstica – Migrante).

<sup>94</sup> Não tenho mal a dizer de ninguém da Boa Vista. Vivo cá há cerca de três anos, mas até hoje não tenho mal a dizer de ninguém de cá (João, 27 anos, Vendedor – Migrante).

*N teni bons relasoins ku pesoas di li, purtantu, nunka es fla mal di mi y nen mi des, N teni senpri bons relasionamentus*<sup>95</sup> (Simão, 38 anos, Policia de Ordem Pública - Migrante).

Os migrantes que consideram que os boavistenses são racistas alegam o facto de enfrentarem enormes dificuldades na Ilha das Dunas, nomeadamente a questão da habitação e da integração. Dizem que estão na Boa Vista só por questões laborais.

*...N gosta di li só pamodi trabadju, má pamodi otus kuzas nãu, pamodi kês pesoas di li és é tudu rasistas*<sup>96</sup> (Nila, 24 anos, Empregada de Bar - Migrante).

*...ten txeu rasismu, N ta nota diferensas klaras, má N ka ta liga, N ta vive nha vida trankuulu, ka interesa si pesoas ka gosta di mi, di manera ki N ta vive na Praia N ta vive na Boa Vista*<sup>97</sup> (Rosa, 50 anos, Comerciante - Migrante).

A interlocutora diz ainda:

*... es ta despreza sin, és ta kustuma fla ma gentis di Boa Vista é amigu di badius, mas realmente é ka e*<sup>98</sup> (Rosa, 50 anos, Comerciante - Migrante).

*N ka gosta di vive li, N sta li só pamodi di trabadju ki ten li na Boa Vista, gentis di li ka ta trata-nu ben, es ka ta pasa-nu karton, es ka ta kurti-nu*<sup>99</sup> (António, 41 anos, Pedreiro - Migrante).

*Li ten txeu sanpadjudus ké rasistas ki ka gosta di mandjakus nen di badius*<sup>100</sup> (João, 27 anos, Vendedor - Migrante).

Esses problemas foram alvo até mesmo nos meios de comunicação social. No Jornal Expresso das Ilhas, edição 346, a notícia manchete foi “*Badius* são Maltratados e Discriminados na Boa Vista”. A fonte da informação da notícia foi um dos servidores públicos de Santa Cruz.<sup>101</sup> Este considerou que os cidadãos da Ilha de Santiago são alvos de discriminação na Boa Vista e acusou a autarquia da Ilha das Dunas de ter atitude discriminatória para com os santiaguenses. Aquele servidor público considera ser injusto que conterrâneos seus sejam tratados como estrangeiros dentro da própria

<sup>95</sup> Eu tenho boas relações com as pessoas de cá, portanto, nunca disseram mal de mim e nem eu deles, sempre tenho bons relacionamentos (Simão, 38 anos, Policia de Ordem Pública - Migrante).

<sup>96</sup> ...gosto de cá só por causa do trabalho, mas por causa de outras coisas não, porque as pessoas daqui são todas racistas (Nila, 24 anos, Empregada de Bar - Migrante).

<sup>97</sup> ...há muito racismo, porque se notam diferenças claras, mas eu não ligo, vivo a minha vida, não me interessa se as pessoas não gostam de mim, da maneira como eu vivo na Praia, vivo na Boa Vista (Rosa, 50 anos, Comerciante - Migrante).

<sup>98</sup> ...eles desprezam sim, costuma-se dizer que as pessoas da Boa Vista são amigas dos *badius*, mas realmente não são (Rosa, 50 anos, Comerciante - Migrante).

<sup>99</sup> ... não gosto de viver cá, estou aqui só por causa do trabalho que há cá na Boa Vista, as pessoas daqui não nos tratam bem, elas não nos ligam, não gostam de nós (António, 41 anos, Pedreiro - Migrante).

<sup>100</sup> Cá há muitos *sampadjudos* que são racistas que não gostam dos mandjacos e que não gostam dos *badius* também (João, 24 anos, Vendedor - Migrante).

<sup>101</sup> Importa lembrar que a maioria dos migrantes Santiaguenses provém do Concelho de Santa Cruz.

terra. Defende ainda que são tratados como se fossem pessoas inferiores, que não são tratados como cabo-verdianos. Alega que há discriminação por parte da Câmara da Boa Vista e que o governo não tem mostrado vontade política, o suficiente para negociar com aquela Câmara uma política de inclusão social dos trabalhadores das outras ilhas. Diz que todos os cabo-verdianos que trabalham na Boa Vista, particularmente os da Ilha de Santiago, são maltratados e vivem em situação infra – humana. Acusa, considerando que o governo deveria chamar atenção da autarquia da Boa Vista para uma política de melhor inserção social, sobretudo em termos habitacionais, especialmente para os trabalhadores da construção civil.

No entanto, confrontado com essas duras críticas, um dos servidores públicos, desta feita da Boa Vista reagiu considerando que na Ilha das Dunas as pessoas de outras origens são bem tratadas e que há um esforço para a sua completa integração social. Citou o exemplo das construções clandestinas, que não foram demolidas, tal como aconteceu nas outras ilhas. Referiu ainda a atribuição de lotes de terrenos por parte da Câmara, devidamente integrados nos planos urbanísticos, projectos de arquitectura e apoio à auto-construção.

O servidor público da Boa Vista adiantou que a Câmara está a envidar esforços no sentido de requalificar a Zona das Barracas. Afirmou também que tem vindo a realizar acções pontuais no sentido de minimizar os problemas enfrentados pela população daquela Zona, nomeadamente a construção de um chafariz e o saneamento regular do local {colocação de contentores e recolha regular de lixos}, entre outras medidas.

Relativamente à notícia supracitada, surgiram no jornal *online* Expresso das Ilhas<sup>102</sup> as seguintes reacções por parte de alguns santiaguenses:

*Ao confirmar-se esta afirmação de um dos servidores públicos de Santa Cruz, segundo o qual os santiaguenses (chamados de badius, como se não tivessem ilha de origem) residentes na Ilha da Boa Vista são "maltratados" e "discriminados", não resta outra alternativa aos santiaguenses residentes na Ilha de Santiago fazer o mesmo em relação aos boavistenses (Juvenal Tavares).*

*Já ouvi falar da discriminação patética que algumas pessoas na Boa Vista têm feito contra os badius e é preciso que o estado de Cabo Verde tome medidas drásticas para eliminar este preconceito patológico de algumas pessoas da Boa Vista sob pena de haver retaliação fulminante por parte das pessoas de Santiago. O servidor público de Santa Cruz tem toda a razão em denunciar essa vergonhosa situação de xenofobia doentia e primitiva que há muito tempo já deveria ter-se desaparecido do planeta. É preciso que se desloque uma delegação de Santa Cruz para constatar esse fenómeno*

<sup>102</sup> [www.expressodasilhas.sapo.cv](http://www.expressodasilhas.sapo.cv) (03-03-2009).

*primitivo, doentio e anti constitucional in loco, conversando com os santiaguenses que se encontram a trabalhar na Boa Vista (Euclides Brito).*

*Será que os santiaguenses dão tanta dor de cabeça à população daquela ilha? Concordo com o ponto de vista do senhor Euclides. Digamos que essa gente toda vá parar à nossa querida Ilha de Santiago para melhorarem os níveis de vida. Se surgir uma lei rigorosa, os "sampadjudos" vão perder. Os que discriminam, normalmente são os mais ignorantes da face da terra, quem é essa gente? Que tipo de pessoas são? Saiam de Santiago e vão passar fome nas vossas ilhas que nós ficámos em Santiago e viveremos melhor (Ângela Silva).*

*É uma notícia muito triste. As autoridades devem fazer tudo para erradicar a prática de xenofobia no nosso país e ainda principalmente em relação aos cidadãos nacionais. Todos somos cabo-verdianos temos o direito de viver lá onde existem melhores condições. Só a título de exemplo, a Ilha de Santiago é a que recebe mais migração interna, por várias razões. Por isso o meu apelo é que sejamos mais tolerantes com todos aqueles que por uma razão ou outra procure a nossa terra ou nossa ilha para viver, afinal somos cidadãos do mundo. Obrigado (Evandro Neves).*

Face a essas reacções por parte de alguns santiaguenses, surgiram algumas palavras de contestação desta feita, da parte de uma nativa da Ilha da Boa Vista no seu *blog* pessoal (<http://cabrers.blogspot.com> – 03-03-2009). A referida nativa responde da seguinte forma:

*Muita gente criticou a discriminação por parte de alguns boavistenses face aos badius. Alguém chegou ao ponto de levantar a hipótese de fazer o mesmo com os boavistenses residentes na Ilha de Santiago. Mas eu levanto algumas questões! Já perguntaram aos boavistenses porquê que eles não gostam dos badius? Será pelo facto dos badius invadirem a Ilha Fantástica (Ilha da Boa Vista). O que os badius fizeram para merecerem tal acto? Afinal o que se passa na Ilha das Dunas? Essas são algumas perguntas que carecem ser respondidas para que tudo isso possa ser esclarecido. De certo que o comportamento entre o pessoal destas duas ilhas necessita ser trabalhada. É claro que existe excepção para algumas regras. Assim como existem badius bem aceites pela população da Ilha das Dunas, existem aqueles que são mal vistos. Como dizem os indivíduos da Ilha Fantástica, tudo depende do comportamento do recém-chegado. Isto é, há que saber chegar, bater e entrar em casa dos outros.*

*Alguns eventuais motivos dessa discórdia vieram desde a chegada dos primeiros indivíduos de Santiago à Ilha das Dunas. Desde a implementação da primeira barraca na ilha (facto que contribuiu e muito para o desenvolvimento desse sentimento negativo entre as pessoas das duas ilhas). Na altura Boa Vista era uma ilha com pouca gente onde todo o mundo conhecia todo o mundo, todos eram amigos de todos, a população vivia estável, não havia necessidade de trancar as portas e as janelas, não havia perigo nas ruas, nem sequer barracas, etc. Não é por ser da Boa Vista que estou a contar isto, mas sim por estar lá na altura, por viver lá e por presenciar certos comportamentos negativos. A conclusão que se pode chegar é que se calhar o pessoal da Boa Vista não estava preparado para o desenvolvimento. Violência, pobreza, insegurança, roubos etc., são "filhos" do desenvolvimento, logo os boavistenses terão que saber conviver com tudo isto. Há a necessidade de se consciencializar que a ilha está a desenvolver e este arrasta consigo tanto aspectos positivos, como negativos. Prepara população da Boa Vista, porque daqui a alguns anos, Boa Vista será do mundo e não dos boavistense. (Antónia, Nativa).*

Após esse debate, constata-se que a rivalidade entre os santiaguenses e os boavistenses a cada dia que passa tem estado a assumir maiores proporções. Sendo assim, é necessário tomar medidas no sentido de apaziguar esse clima tenso em que os dois grupos em questão têm vivido.

## **5 Tensões e Conflitos entre Boavistenses e Santiaguenses**

A Teoria do Conflito, numa reacção ao estruturalfuncionalismo parsoniano que prevaleceu nos anos 50 e 60, salienta que a sociedade é constituída por grupos em conflito. Defendia que toda actividade social pode gerar conflitos, tais como: pela terra, pelos meios de produção, pela água, pelo alojamento, pela educação, entre outros (Osborne, 1999: 99).

Autores como Dahrendorf (1959) e Simmel (1858-1919), segundo Osborne (1999: 100) determinam que o conflito pode ter funções e efeitos positivos enquanto força motriz da própria vida social. Para o último autor referido, o conflito é um fenómeno universal, que faz parte integrante da vida em sociedade, actuando como uma forma de socialização. Quer isso dizer que as sociedades também se alimentam da sua própria conflituosidade.

Os efeitos do conflito no grupo dependem da forma como se estrutura o grupo e do tipo de conflito. O conflito pode dar contributos fundamentais para o próprio processo de regulação social, uma vez que força o estabelecimento de compromissos assentes em regras e em normas sociais que permitam o funcionamento e a coexistência dos antagonistas. Também por esta razão Simmel, segundo Osborne (1999: 100) realça o carácter positivo do conflito.

Os conflitos são susceptíveis de regulação (através do respeito pelas normas de conduta social, do auto-controle e no caso extremo, do recurso aos tribunais) e não degeneram necessariamente em violência, podendo mesmo funcionar como factor capaz de desencadear processos de transformação e emancipação. O conflito remete para a existência de um antagonismo que se manifesta de forma mais ou menos evidente; traduz uma discordância e tem implícita a existência de tensão entre duas partes. Neste estudo, as partes em conflito correspondem aos migrantes santiaguenses e à população autóctone da Ilha da Boa Vista. De acordo com algumas constatações, na maioria dos casos, os conflitos entre estes dois grupos são de cariz dissimulado. Manifestam-se com base em fofocas, “que são informações mais ou menos depreciativas sobre terceiros, transmitidas por duas ou mais pessoas umas às outras” (Elias, 2000: 121).

*..es é rasistas, má es ka ta fla diretamente mes ka gosta di badius, é so na kosta kes ta fla*<sup>103</sup> (Nila, 24 anos, Empregada de Bar -Migrante).

*...es ta manda boka di tudu nos, es ta manda boka di polisas, di enfermeiros, di juizes, purtantu, é ka pa nu faze nada pamodi es ta kritika tudu*<sup>104</sup> (Saturnina, 39 anos, Comerciante - Migrante).

A interlocutora diz ainda:

*...ka é pa nu faze nada, pur izenplu, un badiu ta rouba un kabra, es ta akuza tudu badiu, un badiu ta ranja un konfuzon, nos tudu ki ta paga, dja nu sta kustumadu ku keli. Ta kontisi un gêra, un pankadaria, un delinkuensia, badiu ke senpri kulpadu*<sup>105</sup> (Saturnina, 39 anos, Comerciante - Migrante).

*Só ki li badiu ten mau fama, tudu kuza di mal ki kontisi badiu ké senpri kulpadu*<sup>106</sup> (João, 27 anos, Vendedor - Migrante).

No entanto, por vezes, surgem casos de conflitos abertos. O caso mais gritante foi o incidente que aconteceu recentemente entre os moradores da Zona das Barracas (onde maioria dos habitantes é de *badius*) e os policiais daquela ilha. É de referir que, desde a noite do motim, a relação entre os boavistenses e os moradores da Barraca ficou cada vez mais distante.

Para dar uma ideia da enorme barreira que existe entre estes dois “mundos”, por medo, a maioria da população boavistense que reside na capital, “Sal-Rei”, nunca entrou na Zona das Barracas (mais de 60%)<sup>107</sup>. Após o confronto com a Polícia, o preconceito, a discriminação e a desconfiança estão ainda mais visíveis entre ambas as partes. Posiciona como que, atrás de um muro, entre fronteiras bem demarcadas, cada “mundo” desconfia do outro, cada um aponta o dedo para o outro.

A Zona das Barracas passou a ser denominada de “barril de pólvoras”, “ninho de cobras”, depois que os seus moradores enfrentaram a polícia usando todo os seus recursos de guerra. Por sua vez, os policiais também fizeram uso das suas armas, dispararam dezenas de tiros para o ar. O confronto foi marcado por troca de tiros, ferimentos a pedradas e garrafadas. Esse motim trouxe à tona, segundo a linha

<sup>103</sup> Eles são racistas, mas não dizem directamente que não gostam dos *badius*, dizem só nas costas (Nila, 24 anos, Empregada de Bar - Migrante).

<sup>104</sup> ...mandam bocas de todos nós, mandam bocas dos polícias, dos enfermeiros, dos juízos, portanto, não é para fazermos nada, porque eles criticam tudo (Saturnina, 39 anos, Comerciante - Migrante).

<sup>105</sup> ...não é para fazer nada, por exemplo, um *badiu* vai e rouba uma cabra, acusam todos os *badius*, um *badiu* arranja uma confusão, quem paga somos todos nós, nós já estamos acostumados com isso. Surge uma guerra, uma pancadaria, uma delinquência, é sempre o *badiu* o culpado (Saturnina, 39 anos, Comerciante - Migrante).

<sup>106</sup> Só que aqui o *badiu* tem má fama, tudo o que acontece de mal o *badiu* é que é sempre o culpado (João, 27 anos, Vendedor - Migrante).

<sup>107</sup> Fonte: Jornal A Semana, Edição de 21 de Novembro de 2008.

interpretativa do referido jornal, a ameaça que essa Zona constitui hoje em dia para a segurança da Ilha da Boa Vista. A população boavistense, que até então nunca tinha vivido um quadro semelhante, prossegue o argumento, foi surpreendida por um confronto em que os adversários não pouparam forças e balas para atingirem uns aos outros. Segundo testemunhas, foram momentos de grande terror, pedras, garrafas e pistolas foram armas usadas pelos moradores da Barraca, ao exigir justiça pelo ferimento de um inquilino do bairro. Este terá sido atingido por uma bala disparada por um agente policial que se encontrava à paisana naquela zona.

Normalmente, os policiais não costumam agir de forma violenta contra os moradores do referido bairro. Não se sabe se é por medo, ou se é pelo facto de a grande maioria dos polícias que trabalham na Boa Vista provirem da Ilha de Santiago. Antes do referido incidente, a população nativa criticava que os polícias nada faziam contra os migrantes santiaguenses. Havia boatos que os migrantes diziam que a policia é “deles”, isto é, que os polícias estão sempre do lado deles, por isso é qu agem, às vezes, da maneira como agem. Isto é, por vezes, os santiaguenses tendem a agir contrariamente às normas estabelecidas pelos nativos, cientes de que não irão sofrer represálias por partes dos policiais.

Recordando Erving Goffman (1988), perante o infeliz incidente que aconteceu na Ilha da Boa Vista, os moradores da Zona das Barracas passaram a ser rotulados de destoantes, por terem adoptado comportamentos desviantes. Na óptica de Goffman (1988: 151), os desvios pressupõem a existência de um comportamento “médio” ou “ideal” que se relaciona com a ordem e a conformidade sociais expectáveis. Nesse sentido, não há desviantes em si mesmos, mas uma relação entre actores que se rotulam mutuamente de forma consciente ou inconsciente. O desviante é classificado e estigmatizado segundo as normas do grupo maioritário. É a própria sociedade e os seus agrupamentos que constroem o desvio, ao estabelecer as regras cuja infracção constitui o desvio e ao aplicá-las aos *outsiders*.

Qualquer indivíduo pode ser etiquetado de “desviante” ou “normal”, conforme o contexto e a situação, pois o desvio é criado pela própria sociedade. Não se trata de uma característica intrínseca ao indivíduo ou ao grupo social, mas de um veredicto social que lhes é atribuído, no âmbito de um determinado ambiente temporal e sócio-espacial.

É de referir que o poder de exclusão e discriminação por parte dos nativos da Ilha da Boa Vista resulta do facto de eles residirem na sua ilha, de se sentirem os donos daquela “terra”, por serem eles que de início ditaram as regras e as normas de conduta

daquele território. Portanto, com a entrada dos vindouros (principalmente os migrantes santiaguenses), a população boavistense sente-se ameaçada ao deparar-se com esses estranhos que não aderiram às normas pré-estabelecidas. Nesse sentido uma importante ou talvez a melhor arma de que dispõem para lutar contra esse facto diz respeito à discriminação e à estigmatização.

Portanto, a relação entre os *badius* e os boavistenses trata-se de uma relação dialéctica, uma relação com base em atritos e divergências, dando lugar à exclusão dos que já estão dentro da sociedade local; à estigmatização e à discriminação desses últimos. No entanto, esses sentimentos tendem a ser ao mesmo tempo incorporados e rejeitados pelos *outsiders*. Por exemplo, muitos admitem que são discriminados pelos nativos, mas que já estão habituados e que não têm nada a fazer. Por outro lado, há aqueles que se sentem estigmatizados, que são considerados inferiores mas que lutam contra essa inferiorização e estigmatização. Essa luta, muitas vezes, é levada a cabo pelo recurso à violência, causando distúrbios na sociedade boavistense. Na óptica de Goffman (1988: 27), o indivíduo estigmatizado, em vez de se retrair pode tentar aproximar-se de contactos mistos com agressividade, mas isso pode provocar nos outros uma série de respostas desagradáveis. Pode-se considerar que a pessoa estigmatizada algumas vezes vacila entre o retraimento e a agressividade, correndo de uma para a outra situação, tornando manifesta, assim, uma modalidade fundamental na qual a interação *face to face* pode tornar-se muito violenta.

Aqui, importa lembrar o conceito de identidade de resistência de Manuel Castells (2008), que é criada por indivíduos que se encontram em posições ou condições estigmatizadas e inferiores pela lógica de dominação. Sendo assim, os migrantes santiaguenses residentes na Ilha das Dunas, se encontrando em posições estigmatizadas, muitas vezes tendem a construir trincheiras de resistências e de sobrevivência com base em princípios diferentes ou opostos àqueles defendidos pelos boavistenses. É justamente por causa dessa resistência que irão gerar situações de conflito, disputas e tensões entre os nativos da Ilha da Boa Vista e os migrantes santiaguenses.

Goffman (1988: 27) sugere que o indivíduo estigmatizado, pelo menos o “visivelmente” estigmatizado, terá motivos especiais para sentir que as situações sociais mistas provocam uma interação angustiada. Assim, deve-se suspeitar que os auto-considerados normais também acham essas situações angustiantes. Para o autor, os auto-proclamados normais sentem que o indivíduo estigmatizado é muito agressivo ou é

muito tímido e que em qualquer um dos casos, está pronto a ler significados não intencionais das suas acções.

## 6 Interação entre Nativos e Migrantes Santiaguenses nos Espaços Públicos

As interações sociais ao nível das relações face-a-face são influenciadas por um conjunto de variáveis de cariz claramente expresso ou tácito, que lhes influenciam a condução dos processos comunicacionais. Os padrões de interação resultantes das relações entre os indivíduos são consequência, por um lado, da aleatoriamente humana, e por outro, da previsibilidade que a vida em sociedade possibilita (Dias, 2004: 45).

Na Ilha da Boa Vista, os migrantes santiaguenses e os boavistenses praticamente frequentam os mesmos locais. No entanto, nesses locais nota-se uma nítida separação entre os dois grupos, excepto na igreja e no mercado de peixe. As peixeiras, por exemplo, na sua quase totalidade santiaguenses, relacionam-se bem com os nativos que lá vão comprar peixe. A única peixeira nativa relaciona-se muito bem com as colegas santiaguenses, que até fala a variante da Ilha de Santiago.

Figura 6

Mercado de Peixe em “Sal-Rei”



Fonte: Autora, Agosto de 2008

Por vezes, surgem casos de conflitos ou tensões, mas entre as próprias migrantes santiaguenses. É de salientar que há um grupo de nativos do sexo masculino, reformados ou não, que todos os dias, religiosamente, se dirigem ao local da venda do peixe para jogar cartas, ouri<sup>108</sup> ou apenas para jogar conversa fora. Sendo assim, constatou-se que nesse local a maioria dos nativos se relaciona muito bem com as peixeiras santiaguenses. Há casos em que a interação é baseada em afinidades e

<sup>108</sup> Jogo Africano, a disputa é apenas entre duas pessoas.

cumplicidades. Consequentemente, chega-se à conclusão de que a interação entre as migrantes santiaguenses e os nativos, de um modo geral, é mais intensa do que a interação entre os migrantes santiaguenses e os nativos, também em um sentido geral. Com relação aos homens santiaguenses e às mulheres nativas existem casos de relações amorosas, mas em menor escala. De modo geral, a interação entre eles é fraca ou débil.

É de referir que existem vários casos de relações amorosas entre as migrantes santiaguenses e os nativos. Aqui convém salientar o papel da mulher, ela surge como que uma mediadora, isto é, como aquela que pode eliminar as barreiras existentes entre os dois grupos. Por exemplo, das relações amorosas entre os elementos dos dois grupos (mulheres santiaguenses e nativos boavistenses), poderão surgir filhos, que farão parte de ambos os grupos e aí, eventualmente as barreiras tendem a encurtar cada vez mais.

Nas Igrejas Católicas e Evangélicas a interação dos boavistenses com os santiaguenses é igualmente intensa, não há separação entre os elementos pertencentes a esses dois grupos, isto é, a tendência é para uma certa convergência, contrariamente ao que acontece nos outros espaços de encontro. Por outro lado, há espaços em que a separação entre os dois grupos em questão é mais notória, como por exemplo, nas praias, nas discotecas, nos bares, nas praças e nos chafarizes.

Figura 7

Grupo de Jovens na Praça de “Sal-Rei”



Fonte: [www.google.com](http://www.google.com) /Foto de 2007

Nas praias há uma nítida separação entre os nativos e os santiaguenses, as crianças e os jovens nativos ocupam um lado da praia, enquanto os jovens e as crianças santiaguenses ocupam um outro lado da praia. Mesmo dentro da água a situação se mantém.

*Ise é verdade, pratikamente na Praia de Diante, badius má sanpajudes de Bubista ta feka totalmente separode, ma mi N ka ta sinti reseiu de mistura ma badius na ninhun lugar.Txeu bez pesoas de Bubista ta utxa kes e superior a badius y es é un de kes kauzas ke ta liva a kel separasãu, as ta inferioriza badius, prinsipalmente pamode es e badiu y es é prete, ma as ka sabe ke*

maioria de boavistenses é descendente de *badius*<sup>109</sup> (Jader, 30 anos, Economista – Nativo).

Figura 8

Jovens na Praia de Diante



Autor: Leonildo Carvalho, Abril de 2009

No entanto, importa ressaltar que essa segregação não se reporta apenas aos dois grupos em questão, mas também às pessoas de outras nacionalidades. Por exemplo, nas praias mais extensas, em que se juntam pessoas de diferentes nacionalidades, os guineenses ocupam uma parte da praia, os italianos outra parte e os cabo-verdianos, divididos entre *badius* e *sampadjudos* ocupam, cada grupo, uma parte da praia.

Figura 9

Jovens e Crianças na Praia (“Sal-Rei”)



Fonte: Autora, Setembro de 2008

Nas discotecas, nos bares e nas esplanadas também é notória a separação entre os dois grupos enfocados. Nesses espaços, os *badius* e os boavistenses também

<sup>109</sup> Isso é verdade, praticamente na Praia de Diante, os *badius* e os *sampadjudos* da Boa Vista ficam totalmente separados, mas eu não tenho receio de misturar com *badius* em nenhum lugar. Muitas vezes, as pessoas da Boa Vista acham que são superiores aos *badius* e essa é uma das causas daquela separação, elas inferiorizam os *badius*, principalmente por serem *badius* e por serem pretos, mas não sabem que a maioria dos boavistenses é descendente dos *badius* (Jader, 30 anos, Economista – Nativo).

permanecem separados uns dos outros, eles não se misturam e dançam separados uns dos outros.

*SANPADJUDAS? Sanpadjudas ka ta badja ku badius<sup>110</sup> (João, 27 anos, Vendedor – Migrante).*

*Na diskoteka txeu mudjer dja nega badja ku mi só pamodi ami é badiu<sup>111</sup> (Joaquim, 26 anos, Polícia Marítima – Migrante).*

*Meninas de Bubista ka ta badja má badius pamode, primeira, é un pesoa kas ka ta kunxé, y depôs pamode sis ábitus, pa sis manera de sta. Nós li nu ten un tipu de ábitu a nível de ijiene, nu ta konsidera un patamar x, és as ten ote, ma nu ka pudé ser juízu y utxa kes é inferior, nãu é sés kultura, kada pesoa ten si kultura, nu ten de nós, és as ten de seus<sup>112</sup> (Mateus, 31 anos, Condutor — Nativo).*

Nos espaços públicos, em raras exceções, há casos em que os santiaguenses se misturam com os nativos, mas isso só ocorre quando se trata de um migrante com bastante tempo a residir na Boa Vista. É se de referir aqui a questão do tempo em que os santiaguenses estão na Ilha das Dunas. Por exemplo, o tratamento que os nativos dão aos migrantes que estão na ilha há mais tempo é diferente do tratamento que dão àqueles mais recentes. Portanto, o factor tempo de residência é de extrema importância para analisar a interação entre os nativos e os santiaguenses.

*...antigamenti és ta akolheba algen dretu, pur izenplu kuandu N ben pa primera béz, N ben ter di nha pai, N ka tinha kaza pa mora, mi ku nha irmon ke ta vive na Portugal nu ta durmia na kaza di nha Candinha, dipôs nu bá mora na kaza di Dona Santa ki nen N ka konxi. Kome nha pai tinha loja, dipôs nu bá mora ku el, anton tudu algén ta djudaba nós, tudu algén ta akolhia nós, mas agora nãu, agora ningen ka ta djuda ningén. Ningen ta konvidou pa entra na sé kaza, mas ka é só na Boa Vista, na Praia tanbe<sup>113</sup> (Rosa, 50 anos, Comerciante – Migrante).*

Um dos interlocutores, ao ser questionado acerca da sua opinião em relação às diferenças comportamentais entre os santiaguenses mais antigos e os mais recentes, respondeu da seguinte maneira:

*... sin, sobretudu pamode ka ta binha pesoas tãu jovens, móda agora. Antigamente ta binha só pesoas ke tinha trinta y tal one pa riba, as ta binha y*

<sup>110</sup> SAMPADJUDAS? As sampadjudas não dançam com os *badius*. (João, 27 anos, Vendedor – Migrante)

<sup>111</sup> Na discoteca, muitas mulheres já negaram dançar comigo, só pelo facto de eu ser *badiu* (Joaquim, 26 anos, Polícia Marítima – Migrante).

<sup>112</sup> As meninas da Boa Vista não dançam com os *badius* porque, em primeiro lugar, são pessoas que elas não conhecem e depois por causa dos seus hábitos, pela sua maneira de estar. Nós aqui temos hábitos diferentes a nível de higiene, nós consideramos estar num patamar x e eles têm outro, mas nós não podemos ser juízos e considerar que eles são inferiores, não, é a cultura deles, cada pessoa tem a sua cultura, nós temos a nossa e eles têm a deles (Mateus, 31 anos, Condutor – Migrante).

<sup>113</sup> ...antigamente acolhiam bem as pessoas, por exemplo, quando eu vim pela primeira vez, vim ao encontro do meu pai, não tinha casa para morar, eu e o meu irmão que agora vive em Portugal dormíamos em casa da Candinha, depois fomos morar em casa da Dona Santa que nem conheço. Como o meu pai tinha loja fomos viver com ele, então toda a gente nos ajudava, toda a gente nos acolhia, mas agora não, agora ninguém ajuda ninguém. Ninguém te convida para entrar em sua casa, mas não é só na Boa Vista, na Praia também é assim (Rosa, 50 anos, Comerciante – Migrante).

*as ta estabelecia relaçoes de amizade ma nos, antes tinha nha Maria, nhô Manel, tinha ote Senhor ke era Antão, es e jentes ke trazé ses menine pra li, é ote gerasão, diferente des li, nu ka pode fazé konparasão seker. Kes di agora ta xeie de dezafore y de outras koizas<sup>114</sup> (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório -Nativo).*

O mesmo entrevistado diz ainda:

*...por ezenplu N tive na tropa y N relaciona ma pesoas de tude ilhas y nunka N tive problemas má pesoas de Santiago, mas era pesoas de outra gerasão, ma busés gerasão é tanbe akel ligeiramente más novo ten ote konportamente, as ta fazé kozas ke nu pudé aseita, ma ke nu ka ta konkorda. Por ezenplu, de manha óra ke N ta bá fazé kaminhada, ta antra na bu kabesa uia amedjers dente de salina ta fazé sis necessidade bu frente? Mi é ke ta feka ta eskiva pa ka espia pa elas. As ta uia mó bu ta bai nakel direção, en vez das txobe pasa, má nãu. Bu ta uia pamode e konportamentos diferentes de kes de nós, abo se bu tiver ke fazé, bu ta fazel de forma eskondida, nau asin<sup>115</sup> (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório – Nativo).*

Por outro lado, uma interlocutora, migrante alega que as pessoas da Boa Vista é que mudaram o seu comportamento em relação às pessoas de fora, que antes eram mais acolhedoras.

*...ten uns algen ké nhas amigus, nu ta fala ma é kada un na sé kaza, antigamente kuzas era diferenti, nós era más unidu, pesoas era más umildi, ma gosi pesoas bira más "kopu letis". Antes bu pudia frekuentaba kaza di otus algén, bu pudia kumeba la. Ten txeu kaza li ki N ta frekuentaba, N ta komeba la y tudu, N tinha bons relaçoes ku sés donus, pur izenplu, kaza di Paula di nha Jacinta, N ta kumeba la, N txiga té di durmi la. N ta kumeba na kaza di Maria di Ascenção. Más gosi sta tudu diferenti, N ka sabe pamodi, mas talvez é pamodi mundo dja muda, agora pesoas dja ka sta nen ta kunprimenta algen<sup>116</sup> (Rosa, 50 anos, Comerciante – Migrante).*

<sup>114</sup> ...sim, sobretudo porque não vinham pessoas tão jovens, como agora. Antigamente vinham apenas pessoas com 30 e tal anos para cima, vinham e estabeleciam relações de amizade conosco, antes havia a dona Maria, o senhor Manuel, havia outro senhor que se chamava Antão, são pessoas que trouxeram os filhos para cá. Mas é outra geração diferente desta, não se pode fazer comparação sequer. Estes que agora estão cá, estão cheios de desaforos e de outras coisas (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório – Nativo).

<sup>115</sup> Por exemplo, eu estive na tropa e relacionei-me com pessoas de todas as ilhas e nunca tive problemas com as pessoas de Santiago, mas eram pessoas de outra geração, mas a vossa geração e também aquela ligeiramente mais nova tem outro comportamento, fazem coisas que podemos aceitar, mas não concordamos. Por exemplo, de manhã, quando vou fazer a minha caminhada, entra na tua cabeça ver mulheres dentro da salina a fazer necessidade à tua frente? Eu é que fico a esquivar para não as ver. Elas vêem que vais naquela direção, em vez de te deixarem passar, mas não. Estás a ver que são comportamentos diferentes dos nossos, tu se tiveres que fazer, fa-los-á de forma escondida (Eliseu, 53 anos, Empregado de Escritório – Migrante).

<sup>116</sup> ...há algumas pessoas que são minhas amigas, falamos, mas é cada um em sua casa, antigamente as coisas eram diferentes, nós éramos mais unidos, as pessoas eram mais humildes, mas agora as pessoas tornaram-se todas finas. Antes podias frequentar as casas dos outros e podias lá comer. Antes frequentava várias casas, onde comia e tudo mais, tinha boas relações com os donos, por exemplo, a casa da Paula da dona Jacinta, comia lá, cheguei mesmo a dormir lá. Comia também em casa da Maria de Ascensão. Mas agora tudo está diferente, não sei porquê, mas talvez é porque o mundo mudou, agora as pessoas já nem se cumprimentam (Rosa, 50 anos, Comerciante – Migrante).

Retomando a questão da interação nos espaços públicos, é de referir que nas praças quase que não há interação entre os dois grupos. Observam-se pequenos grupos de boavistenses que ocupam certos bancos e parte das praças e há outros pequenos grupos de santiaguenses que ocupam outros bancos e outras partes das praças.

Nos chafarizes a interação é fraca ou débil e muitas vezes há casos de tensões, conflitos e disputas entre as nativas e as migrantes santiaguenses na tentativa de apanharem água. As nativas alegam que as migrantes santiaguenses são muito espertas, apanham mais água do que elas só para irem vender na Zona das Barracas.

Figura 10

Nativas e Migrantes no Chafariz de Bom Sossego (“Sal-Rei”)



Fonte: Autora, Agosto de 2008

Em uma das observações feitas no chafariz de Bom Sossego, havia uma nativa a protestar em voz alta, chamando nomes (indirectamente) às *badias*, dizendo que são todas bruxas e feiticeiras, por isso é que ela (nativa) estava doente, dizia. Tudo isso porque lhe roubaram a vez de apanhar água. Esse facto ilustra o tipo de relacionamento entre os dois grupos em questão, o qual é muitas vezes baseado em conflitos e tensões, não só nesse espaço mas também noutros lugares. Por exemplo, num bar em “Sal-Rei”, um migrante relatava que um amigo seu, também natural de Santiago, foi jantar em um restaurante de nativos, com a sua esposa e seu filho, mas o dono do referido restaurante nem sequer olhou para eles, que tiveram que abandonar o restaurante sem jantar.

Portanto, a interação entre os nativos e os migrantes na Ilha da Boa Vista tende a ser diferente conforme o lugar e conforme o tipo de situação. Essa constatação vai ao encontro do que Blumer (1969: 85, *apud* Haguette, 2007: 29) defende: a acção comum ocorre em relação a um determinado lugar e uma determinada situação específica. Logo, a acção é construída através da interpretação da situação e a vida em grupo é constituída de unidades de acção, nas situações em que elas estão inseridas.

A referida constatação vai também ao encontro da visão de Goffman (2005), quando esse apresenta a noção de “definição de situação”, como sendo o processo a partir do qual se atribui um sentido ao contexto vivido. A resposta que cada pessoa dá à seguinte pergunta: O que está acontecendo aqui, agora? Ela é central, portanto, para se compreender o modo como as pessoas orientam as suas acções na vida quotidiana (Gastaldo, 2008: 150). Isto é, as pessoas definem uma situação e a partir disso se orientam para agir da maneira que consideram adequada. Sendo assim, definir a situação é fundamental para a vida quotidiana de qualquer indivíduo que vive em sociedade, no sentido de entender o que está acontecendo e de se alinhar adequadamente, segundo seu entendimento e suas possibilidades, às diferentes situações.

De acordo com Goffman (2005) *apud* Gastaldo (2008: 150), nesta perspectiva pode parecer que a noção de definição da situação seja uma prerrogativa individual, um processo mental. Cada um definiria a situação como melhor lhe aprouvesse. Mas existem diferentes maneiras de definir uma mesma situação e elas estão permeadas por relações de poder. Quem tem poder de definir mais legitimamente o que está acontecendo ou, numa dimensão mais individual ainda, o que alguém “é”? A relação de poder existe na medida em que algumas definições da situação são mais legítimas do que outras e essa legitimidade é a resultante de quem tem o poder de propor e sustentar a definição (Gastaldo, 2008: 150).

Dessa forma, conclui-se o quarto Capítulo que teve por objectivo a análise, o tratamento e a interpretação dos dados recolhidos em campo. A seguir, apresenta-se a derradeira etapa desta pesquisa, que consiste das considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, intitulado “Migração Inter-insular, Interação e Representações Sociais: relação entre os moradores da Ilha da Boa Vista e os migrantes da Ilha de Santiago”, está baseado em entrevistas semi-estruturadas e em observação participante em espaços públicos onde os dois grupos se encontram no seu dia-a-dia. Seus objectivos principais são: a análise e a caracterização da interação dos boavistenses com a população migrante de Santiago, assim como das representações sociais da população autóctone da Ilha da Boa Vista em relação aos migrantes da Ilha de Santiago e vice-versa. Observou-se o tipo de interação entre os nativos da Ilha da Boa Vista e os migrantes da Ilha de Santiago em espaços de convivência (discotecas, bares, praças, chafarizes, praias, igrejas, mercado de peixe), tendo procurado ainda analisar o modo como a população nativa da Boa Vista encara a presença dos santiaguenses na ilha e o modo como esses últimos interagem com a comunidade nativa.

As questões que se colocam em termos da presente investigação são: como é a interação social da população nativa da Ilha da Boa Vista com a população proveniente da Ilha de Santiago? Como é que a população autóctone da Ilha da Boa Vista percebe a presença dos migrantes de Santiago na sua ilha? E quais são as percepções dos migrantes de Santiago quanto aos nativos, quanto à discriminação e às dificuldades de inclusão social que enfrentam na Ilha da Boa Vista?

Como resposta à primeira questão, salienta-se que a interação social da população nativa da Ilha da Boa Vista com os migrantes da Ilha de Santiago tende a ser positiva ou negativa, conforme o espaço de convivência, os tipos de situações e o tempo de residência dos migrantes na Ilha das Dunas. Quanto à forma como os autóctones da Ilha das Dunas encara a presença dos migrantes de Santiago na sua ilha e de modo a responder à segunda questão, é de salientar que a pesquisa desenvolvida indica a existência de uma forte ambiguidade. Alguns boavistenses entrevistados consideram que os últimos estão a contribuir e muito para o desenvolvimento da ilha, principalmente com a sua mão-de-obra. Admitem que os santiaguenses ensinaram aos boavistenses algumas qualidades que esses não tinham, como por exemplo, o espírito de sacrifício, de sobrevivência, de luta e de iniciativa, isto é, encaram esse processo de forma positiva. No entanto, outros interlocutores alegam que os autóctones de Santiago trouxeram consigo muitos problemas sociais, dentre os quais a criminalidade, a insegurança, a violência, os assaltos. Portanto, esse processo é encarado de forma

negativa por parte desses nativos. Por fim, de modo a responder à última pergunta de partida, é de referir que nesse aspecto, também existem algumas divergências no que diz respeito ao ponto de vista dos migrantes santiaguenses. Alguns consideram que os nativos da Boa Vista são racistas e que enfrentam várias dificuldades de inclusão social, sobretudo ao nível habitacional. No entanto, há santiagueses que admitem a existência de discriminação e preconceito, mas que nunca passaram por tais situações. Por outro lado, existem aqueles que defendem que os boavistenses não são nada racistas e que não há nenhum tipo de discriminação por parte dos nativos da Boa Vista para com os migrantes santiaguenses.

Relativamente às hipóteses foram definidas as seguintes: (a) “existem casos de disputas e estigmatização dos migrantes de Santiago no trabalho, por parte dos nativos; (b) existem casos de disputas e estigmatização dos migrantes de Santiago nos espaços de convivência (nos chafarizes, nas praias, parques infantis); (c) a interação positiva entre os nativos da Ilha da Boa Vista e os migrantes de Santiago tende a ser mais intensa nas igrejas; (d) a interação social positiva entre a população nativa da Ilha da Boa Vista e os outros externos (imigrantes da costa ocidental africana, imigrantes italianos e os migrantes das outras ilhas) tende a ser mais intensa do que a interação com os migrantes de Santiago, e por fim, (e) a interação entre os nativos da Boa Vista com a população migrante de Santiago é baseada na percepção negativa destes por parte daqueles, tendendo à estigmatização e exclusão social.

Neste estudo, se constatou que o desenvolvimento da Ilha da Boa Vista (com início na década de 90) ocorreu devido principalmente ao investimento turístico, o qual acarretou a emergência de perturbações e mesmo atritos entre a população nativa da ilha e os grupos e indivíduos “externos”. Os nativos que viviam segundo os seus hábitos, os seus costumes, as suas crenças, as suas tradições de uma forma um tanto isolada, viram-se perante a chegada de uma grande quantidade de pessoas que até certo ponto expressavam ideias, maneiras e crenças diferentes das que eram costumeiras e valorizadas no seu círculo.

Dentro do conjunto desses ditos “externos” situam-se, entre os migrantes em busca de novas oportunidades de vida e trabalho, os advindos da ilha de Santiago (maioritários). No que concerne à origem social desses últimos, é de referir que a maioria é originária das camadas sociais mais baixas da sociedade cabo-verdiana, com baixos níveis de escolaridade, baixa qualificação para o trabalho e vivendo, tanto na ilha de origem como em Boa Vista, em precárias condições habitacionais. Os migrantes

santiaguenses, principalmente os que habitam na Zona das Barracas, muitas vezes são associados pelos boavistenses à violência, à insegurança, ao furto, aos assaltos às moradias e a outros crimes, como assaltos à mão armada. Em suma, esse fluxo de recém-chegados, denominados pelos boavistenses de *badius*, é sentido como uma ameaça aos estilos de vida dos boavistenses, e mesmo como uma ameaça à ordem estabelecida. Sendo assim, algumas pessoas da Boa Vista têm má impressão dos *badius*, dizem que “antes a ilha era diferente . . .”; “era uma ilha calma, segura . . .”; e que “agora já não se pode andar tranquilo na rua”. Essa maneira de ver as coisas por parte de alguns autóctones dificulta a sua interação com os migrantes santiaguenses. Muitas vezes alguns nativos não dão abertura nas barreiras que constroem nas suas relações sociais com os santiaguenses, para que se desenvolvam relações sociais duradouras. Por isso, pode-se afirmar que alguns dos nativos da Ilha da Boa Vista tendem a estigmatizar, e no limite mesmo excluir socialmente, os migrantes santiaguenses residentes naquela ilha.

Os migrantes santiaguenses e os nativos da Boa Vista estabelecem relações entre si quando negociam, trabalham, rezam ou se divertem juntos. Mas essas relações são, por vezes, baseadas em disputas, tensões e conflitos. Os indivíduos que fazem parte de cada um dos grupos estão ao mesmo tempo separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência. Devido à desigualdade, a interação entre os indivíduos destes grupos se baseia muito raramente em relações positivas: são apenas algumas excepções. Entre essas excepções destaca-se o facto de que há casos de relações amorosas entre os elementos pertencentes aos dois grupos que muitas vezes dá lugar à constituição de famílias. Outra excepção prende-se ao facto de existirem alguns santiaguenses que vivem na Boa Vista há muitos anos (entre 10 a 15 anos, mais ou menos), recebendo um tratamento dos nativos diferente do tratamento que os outros *badius*, que residem mais recentemente na ilha, recebem. Portanto, o factor tempo de residência na Boa Vista revelou-se muito importante na análise do tipo da interação entre os boavistenses e os santiaguenses residentes na Ilha das Dunas.

Na tentativa de verificar a percepção dos migrantes santiaguenses face ao preconceito e discriminação por parte dos nativos da ilha da Boa Vista, os primeiros foram questionados para saber se admitem que os boavistenses são racistas. As manifestações foram divergentes, tendo os interlocutores adoptado três posições distintas. A primeira é de que outras pessoas dizem que os boavistenses são racistas, mas que eles, os entrevistados, nunca passaram por nenhuma situação de discriminação.

A segunda posição sustenta que os autóctones da ilha de Boa Vista são muito racistas e que possuem um sentimento de hostilidade em relação a eles. Em contraste, em uma terceira linha de percepção, existem aqueles que consideram que os nativos da ilha não são nada racistas, pelo contrário, são pessoas acolhedoras, simpáticas e educadas.

Outro aspecto percebido durante a elaboração da presente pesquisa é que os boavistenses se auto-visualizam como sendo diferentes dos migrantes santiaguenses por certas características comportamentais distintivas, inculcadas desde a infância em cada um deles, de acordo com as suas tradições. Eles chegam mesmo a admitir a existência de um choque cultural entre ambos os grupos. Alegam que têm um código de conduta que exige, em determinadas situações, um grau de auto-controle maior do que os *badius* possuem, assim como maior auto domínio e costumes mais refinados.

Cabe recordar aqui, para o entendimento desse processo, que na óptica de Norbert Elias (2000: 171), num ambiente relativamente estável, o código de conduta mais sofisticado e o maior grau de auto-controle costumam ser associados a um grau mais elevado de disciplina, prudência, previdência e coesão grupal. Isso origina recompensas sob a forma de *status* e poder, para contrabalançar a frustração das limitações impostas e da relativa perda da espontaneidade. A adesão ao código comum funciona para os membros do grupo como uma insígnia social. Reforça o sentimento de inserção grupal conjunta em relação aos “inferiores”, que tendem a exibir menor controle nas situações em que os “superiores” o exigem. Ainda de acordo com Elias (2000: 171), as pessoas “inferiores” tendem a romper tabus que as “superiores” são treinadas a respeitar desde a infância. O desrespeito a esses tabus, portanto, é um sinal de inferioridade social e desperta nos grupos “superiores”, conforme as circunstâncias, raiva, hostilidade, repulsa ou desdém. Enquanto a adesão a um código comum facilita a comunicação, infringi-lo cria barreiras. Nesse sentido pode-se considerar que os nativos da ilha da Boa Vista, que se auto-consideram “superiores”, em determinadas circunstâncias tendem a demonstrar maior grau de auto-controle, relativamente aos *badius*. Esses, por sua vez, tendem a não cumprir determinadas normas que os nativos formam obrigados a cumprir desde a infância; sendo assim, isso irá suscitar sentimentos de raiva, hostilidade e estigmatização por parte dos boavistenses em relação aos *badius*.

Outrossim, essa auto-percepção de diferenças ao nível comportamental que os boavistenses têm de si em relação aos santiaguenses faz-nos recordar a teoria das representações sociais de Denise Jodelet (2002), segundo a qual as representações sociais consistem em uma forma de conhecimento elaborada e compartilhada

socialmente, com o intento prático que dá lugar à construção de uma realidade comum a uma totalidade social. Esse sentimento de diferença foi socialmente elaborado e é socialmente compartilhado pelos nativos boavistenses frente aos *badius*. Essa visão remete-nos também à noção de representação social de Serge Moscovici (1978), que constitui o modo como os homens pensam, agem e procuram compreender o sentido das suas acções e pensamentos. Para o autor, as representações sociais resultam do senso comum que se tem sobre um determinado tema e são constituídas por ideologias, preconceitos e características específicas das actividades quotidianas, sociais e profissionais.

Retomando-se, à luz das idéias de Goffman (1988), a constatação já referida, de que as relações entre os boavistenses e os migrantes santiaguenses são baseadas em processos de estigmatização desses por parte daqueles, cabem algumas considerações. Pode-se afirmar que os boavistenses se autopercebem como normais, na medida em que acreditam que todos os participantes compartilham de um único conjunto de expectativas normativas, sendo as normas sustentadas, em parte, porque foram incorporadas (Goffman, 1988: 138). E como os nativos defendem que alguns migrantes santiaguenses não aderiram ou não incorporaram as normas pré-estabelecidas na sociedade local boavistense, a eles é atribuído um defeito indelével, carregam consigo a marca do estigma. Cabe, pois, recordar aqui que para Goffman (1988: 148), o estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos, que podem ser divididos em duas partes, a de estigmatizados e a de normais, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida. O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim, perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contactos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente actuam sobre o encontro. Empregando a conceituação de Goffman (1998), pode-se dizer que os *badius* são considerados destoantes porque não aderiram a um conjunto de normas e regras estabelecidas previamente na sociedade local boavistense. Frente a um grupo de indivíduos que compartilham alguns valores e aderem a um conjunto de normas sociais referentes à conduta e a atributos pessoais, pode-se chamar “destoante” a qualquer membro individual que não adere às normas, e denominar “desvio” a sua peculiaridade (Goffman, 1998: 151). Deste modo, os migrantes santiaguenses são considerados, pelos nativos da ilha da Boa Vista, como “destoantes” e “desvio” diz respeito a certos comportamentos por eles adoptados, segundo a visão dos nativos.

Na Boa Vista, a superioridade de forças do grupo estabelecido (o boavistense), se baseia no alto grau de coesão de famílias que se conhecem desde de há muito tempo, em contraste com os recém-chegados, que em muitos casos são, inclusive, estranhos entre si.

Essa coesão entre os nativos boavistenses não significa que não haja casos de competição ou conflito entre esses. É próprio dos grupos a competição, a imposição de poder, os conflitos, a ordem e a desordem, quando se analisam os grupos familiares, os companheiros, os vizinhos, as organizações sociais. Esses processos estão sempre presentes. Sendo assim, conclui-se que, na maior parte das vezes, as relações entre os *badius* e os *sampadjudos* da Boa Vista são baseadas em casos de tensões e conflitos. Em ocasiões, esses conflitos são manifestos. Muitas vezes, são de carácter dissimulado, isto é, fica-se apenas nos estereótipos verbais degradantes, em comentários racistas e preconceituosos, expressos entre os elementos pertencentes ao mesmo grupo. Ou então, fica-se no “diz que diz”, em mexericos humilhantes e nas crenças estigmatizantes.

Os casos de conflitos manifestos ocorrem sobretudo em alguns espaços de convivência entre os nativos da Boa Vista e os migrantes de Santiago. Por exemplo, nos chafarizes as disputas e os conflitos são bem visíveis, quase sempre há confrontos entre as senhoras pertencentes a cada um dos grupos, na tentativa de conseguirem apanhar água. Outros espaços, em que se notam confrontos, principalmente entre as crianças santiaguenses e crianças nativas, são os parques infantis e as praias. Nesses espaços as crianças disputam a ocupação das diversões mais interessantes.

No entanto, há espaços em que os migrantes santiaguenses e os boavistenses se relacionam bem, como por exemplo, nas igrejas e nos mercados. Sendo assim, verifica-se que as interações entre os dois grupos em análise podem ser positivas ou negativas, conforme o espaço de convivência ou os tipos de situações. Essa constatação confirma o que referencia a teoria do interaccionismo simbólico, de que as representações ou as acções são mutáveis ou inconstantes, elas vão sendo construídas pelos sujeitos, que respondem aos outros e reinterpretam os sentidos das interações sociais conforme aprendem os significados dos gestos e palavras dos outros em relação a si mesmos. Também, vai ao encontro do que Goffman (2005) defende, de que, conforme for a situação definida pelas pessoas, e a partir disso, elas se orientam para agir de maneira adequada, isto é, definem as suas acções de acordo com o tipo de situação.

De acordo com a análise realizada, confirmaram-se as seguintes hipóteses previamente estabelecidas: que existem casos de disputas e estigmatização dos

migrantes de Santiago nos espaços de convivência (nos chafarizes, nas praias, nos parques infantis, nas discotecas); e que a interação positiva entre os nativos da Boa Vista e os migrantes de Santiago tende a ser mais intensa na igreja. De um modo geral, pode-se afirmar que na interação entre os nativos da Ilha da Boa Vista e a população migrante de Santiago se salienta a percepção negativa dos primeiros em relação aos últimos, tendendo à estigmatização e à exclusão social.

Sendo assim, os autóctones, ao agir dessa maneira (estigmatizar, discriminar, excluir) procuram expressar sua posição de superioridade, sustentada para muitos deles, no facto de, em alguns casos, serem eles os empregadores locais, apoiados por indivíduos que integram e até mesmo dependem desses círculos sociais (podendo, portanto, incluir migrantes de Santiago ou de outras procedências). São pois, desde seus pontos de vista e também objectivamente, aqueles que têm o poder de facilitar ou de dificultar a permanência dos santiaguenses na sociedade local.

Ainda, nessa relação de estabelecidos e *outsiders* (boavistenses e migrantes santiaguenses), o grupo dos *outsiders* exerce pressões com o objectivo de diminuir os diferenciais de poder, responsáveis pela sua situação inferior. Por outro lado, o grupo estabelecido, também, comporta-se da mesma forma, com o intuito de preservar ou aumentar essas divergências ao nível do poder.

É de referir ainda, ao conceito de identidade de resistência, proposto por Manuel Castells (2008), a qual parece ser o tipo de identidade que mais se aproxima das atitudes e comportamentos tanto dos boavistenses como dos migrantes santiaguenses. Essa identidade é produzida por actores que se encontram em posições de menor valor e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação, construindo assim obstáculos de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que são defendidos pelas instituições da sociedade, ou mesmo opostos a esses últimos. No presente estudo, conclui-se que os migrantes santiaguenses encontram-se em “posições desvalorizadas” e que constroem resistência às identidades colectivas dos nativos da Boa Vista que fazem parte do grupo de dominação. A forma de agir dos boavistenses também corresponde ao conceito de identidade de resistência de Castells (2008), que defende o *status quo*, fundamentado nas normas, que de acordo com o ponto de vista dos residentes, são anteriores à chegada dos migrantes santiaguenses. Por isso é que há perturbações e mesmo atritos e choques entre os boavistenses e os santiaguenses, visto que os primeiros tentam preservar a sua posição social e a sua identidade, perante a presença e a identidade do estranho, o *badiu*.

Outro factor que explica as divergências entre os grupos aqui enfocados prende-se à questão do bairrismo e do particularismo dos cabo-verdianos. De acordo com Fernandes (2006: 167), desde o início do denominado Terceiro Império, a expectativa à volta do portuguêsismo/ nacionalismo fez com que os cabo-verdianos empreendessem ou consentissem discursos de cariz bairrista e particularista. De referir ainda, que a tomada de posição, no que diz respeito à identidade nacional se correlacionava fortemente à trajectória intelectual, iniciado no local de origem. Sendo assim, se destacam as duas grandes referências intelectuais cabo-verdianas que se situam em posições absolutamente opostas, o que corresponde à oposição historicamente firmada em Santiago e o resto das outras ilhas. De um lado, Baltasar Lopes que pertencia ao pólo metropolitano de Barlavento que se aproximava à europeidade. Por outro lado, Amílcar Cabral, de origem santiaguense e que defendia a africanidade. Todos esses acontecimentos teriam resultado nos particularismos da sociedade crioula, afastando as ilhas dos povos africanos e criando as bases para construções bairristas, no âmbito de uma luta interna para mostrar quem se encontrava mais perto da nação lusitana ou reproduzir as qualidades regionais cabo-verdianas. Esse bairrismo se manifesta até hoje, inicialmente tinha maior incidência entre os santiaguenses e os nativos da Ilha de São Vicente. No entanto, esse sentimento tende a se estender para o resto das ilhas. Na Boa Vista, a cada dia que passa, as marcas do bairrismo são mais notórias, o que tem contribuído ainda mais para o distanciamento dos dois grupos aqui enfocados. De um lado, temos os boavistenses que fazem parte do grupo das ilhas de Barlavento (que desde há muito, defendem a europeidade) em contraste com os nativos da Ilha de Santiago (considerada a ilha de maior predominância de marcas africanas).

Finalmente, de modo a concluir a presente Dissertação, convém relembrar que, de acordo com a teoria do interaccionismo simbólico, as representações sofrem alterações, isto é, são mutáveis, elas vão sendo construídas pelos sujeitos, que respondem aos outros e reinterpretam os sentidos das interações sociais conforme aprendem os significados dos gestos e palavras dos outros em relação a si mesmos.

Nesses termos, o futuro próximo do caso estudado, tanto poderá vir a caracterizar-se por um agravamento das tensões, perturbações e mesmo atritos e choques entre os boavistenses e os santiagueses, como por uma crescente convivência entre esses no contexto de uma sociedade democrática, devido sobretudo, às formas de interação positiva entre ambos, como por exemplo, o tempo de convivência e os casamentos.

## REFERÊNCIAS

### Livros e Artigos

- ALMEIDA**, Germano. *Cabo Verde – Viagem pela História das Ilhas*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- ALMEIDA**, João Ferreira de, **PINTO**, José Madureira. *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.
- ANDRADE**, Sónia Maria Oliveira de, **TANAKA**, Oswaldo Yoshimi. *Interaccionismo Interpretativo: Uma Nova Perspectiva Teórica para as Pesquisas Qualitativas*. Ensaio e Ciência, vol. 5, nº 003, pp.55-72. Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal: Campo Grande, 2001.
- ANJOS**, José Carlos Gomes dos. *Intelectuais, Literatura e Poder em Cabo Verde – Lutas de Definição da Identidade Nacional*. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, Praia (Cabo Verde): INPC, 2002.
- ARRUDA**, Ângela. *Teoria das Representações Sociais e Teorias do Género*. Cadernos de Pesquisa nº 117, p.127-147, Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Novembro. 2002.
- BATALHA**, Luís. *Contra a Corrente Dominante: História de Sucesso entre Cabo-verdianos da Segunda Geração*, Revista Etnográfica, Vol. VIII (2), p. 297-333. 2004.
- BAUER** W. Martin e **GASKELL** George. *Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som- Um Manual Prático*, 5ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- BELL**, Judith. *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva Publicações, Lda., 1997.
- BERGER**, Peter, **LUCKMANN**, Thomas. *A Construção Social da Realidade- Um livro sobre a Sociologia do Conhecimento*. Lisboa: Dina livros (Tradução), 2004.
- BOURDIEU**, Pierre. “*Esboço de uma Teoria da Prática*”. In Pierre Bourdieu. (Fernando Florestan, Coordenadores Ortiz, Renato, organizador). São Paulo: Editora Ática. Capítulo 2.1994.
- BURNS**, Tom. **ERVING** Goffman. Londres: Routledge, 1992. disponível em [http://books.google.com/books?id=jCgOAAAAQAAJ&pg=PA22&hl=pt-BR&vq=%22If,+disregarding+conduct+that+is+entirely+private,+we+consider+only+that+species+of+conduct+which+involves+direct+relations+with+other%22&source=gbs\\_quotes\\_r&cad=2\\_0#PPP1,M1](http://books.google.com/books?id=jCgOAAAAQAAJ&pg=PA22&hl=pt-BR&vq=%22If,+disregarding+conduct+that+is+entirely+private,+we+consider+only+that+species+of+conduct+which+involves+direct+relations+with+other%22&source=gbs_quotes_r&cad=2_0#PPP1,M1), consulta em 27/02/2009.
- CAPPELLE**, Mónica, **MELO**, Marlene, **GONÇALVES** Carlos. Análise de Conteúdo e Análise de Discurso nas Ciências Sociais- Organizações Rurais e Agroindustriais. Disponível em [http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/43563/2/revista\\_v5\\_n1\\_jan-jun\\_2003\\_6.pdf](http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/43563/2/revista_v5_n1_jan-jun_2003_6.pdf), Consulta em 30/04/2009.
- CARREIRA**, António. *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde* (2ª Edição). Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1983.

- , *Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*. Praia: IPC- Estudos e Ensaios, 2000.
- CASTEL**, Robert. *A Discriminação Negativa - Cidadãos ou Autóctones?* Petrópolis: Editora Vozes (Tradução de Francisco Morás), 2008.
- CASTELLS**, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2008.
- CASTLES**, Stephen. *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios- Dos Trabalhadores Convidados às Migrações Globais*. Fim de Século - Edições, Sociedade Unipessoal, Lda., 2005.
- D'OLIVEIRA**, Emanuel Charles. *Cabo Verde Na Rota dos Naufrágios*. Praia, Design Gráfico: EME- Marketing e Eventos, LDA, 2005.
- DIAS**, Fernando Nogueira. *Relações Grupais e Desenvolvimento Humano*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- ELIAS**, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, 2000.
- FERNANDES**, Gabriel. *A Diluição da África – Uma interpretação da saga identitária cabo-verdiana no panorama político pós-colonial*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- *Em Busca da Nação- Notas para uma reinterpretação do Cabo Verde Crioulo*. Florianópolis- Brasil: Editora da UFSC. Praia – Cabo Verde: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.
- GASTALDO**, Édison, Goffman e as Relações de Poder na Vida Cotidiana - Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n68/v23n68a13.pdf>, consulta em 27/02/2009.
- GOFFMAN**, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes Lda, 1983.
- *Estigma -Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Rio de Janeiro: LTC (Livros Técnicos e Científicos Editora, S.A), 1988.
- *Les Cadres de L'Experience*. Paris: Les Éditions de Minut (Tradução), 1991.
- GUARESCHI**, Pedrinho JOVCHELOVITCH, Sandra (org). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- HAGUETTE**, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- HOROCHOVSKI**, Marisete. “*Representações Sociais: Delineamento de uma Categoria Analítica*”, Revista Electrónica dos Pós Graduados em Sociologia Política da UFSC, Vol 2 nº 1 (2), Janeiro/ Junho, p92-106, 2004.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA**. Recenseamento Geral- População e Habitação (Migrações), Gabinete do Censo 2000. [www.ine.cv](http://www.ine.cv), consulta em 20/03/2009.
- JODELET**, Denise. *Representações Sociais: Fenómeno, Conceito e Teoria*. Paris, Press Universitaires de France, 1989.
- Jornal A Semana, Edição 867 de 21 de Novembro de 2008.

Jornal Expresso das Ilhas, Edição 346 de 16 de Julho de 2008.

**KASPER**, Josef E. *Ilha da Boa Vista – Cabo Verde*. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro - Estudos e Ensaios, 1987.

**LIMA**, António Germano. *Boa Vista: Economia, Sociedade e Cultura (1460-1850)*. Porto: Universidade Portucalense – Infante D. Henrique, 2007.

-----*Boa Vista: Ilha de Capitães (História e Sociedade)*. Praia: Spleen Edições, 1997.

----- *Boa Vista, Ilha da Morna e do Landú*. Praia: Instituto Superior de Educação, 2002.

**MEDEIROS**, Patrícia Lins Gomes. *Aspectos do Poder e do Cotidiano em Norbert Elias*, Revista Electrónica dos Pós Graduados em Sociologia Política da UFSC, Vol. 3 nº 2 (2), Janeiro/ Julho, p168-181, 2007.

**MOISES**, Cláudio Perrone. Resumo do livro Os Estabelecidos e Outsiders: Disponível em: [www.kuwi.uni-linz.ac.at/hyperelias/z-elias/abstracts3-por-2000-t-por-1.htm-14k](http://www.kuwi.uni-linz.ac.at/hyperelias/z-elias/abstracts3-por-2000-t-por-1.htm-14k), consulta em 18/09/ 2008.

**MONTEIRO**, César Augusto. *Recomposição do Espaço Social Cabo-verdiano*. Mindelo, São Vicente: Edição Autor, 2001.

**MOREIRA**, Carlos Diogo. *Planeamento e Estratégias de Investigação Social*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – I.S.C.S.P, 1994.

**MOSCOVICI**, Serge. *Representações Sociais – Investigação em Psicologia Social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

----- *A Psicanálise: Sua Imagem e Seu Público*. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

-----*Representações Sociais: Teoria e Prática*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

**MOSER**, C.A., e **KALTON**, G. *Survey Methods in Social Investigation*, 2.<sup>a</sup> ed., Londres, Heinemann, 1971.

**NEVES**, Celsa do Céu Lima. *As Necessidades de Formação na Área de Alojamento Turístico em Évora: Uma Perspectiva dos Empresários*, Évora, Universidade de Évora, 2004.

**OSBORNE**, Richard, **LOON**, Borin Van. *Sociologia para Principiantes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.

**PEREIRA**, Daniel A. *Estudos da História de Cabo Verde*. Praia: Alfa - Comunicações, 2005.

**QUIVY**, Raymond, **CAMPENHOUDT**, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações Lda., 1998.

**REIGOTA**, Marcos. *Meio Ambiente e Representação Social*. São Paulo: Cortez, 2002.

-----*Representações Sociais: Teoria e Prática*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

**SEMEDO**, Manuel Brito. *A Construção da Identidade Nacional- Análise da Imprensa entre 1877 e 1975*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.

**SILVA**, Lucineide Santos; Paiva, Mirian Santos; Santiago, Uânia Cristina Feliz. Representações Sociais de Idosos sobre Prevenção e Transmissão da AIDS: Disponível em [www.aidscongress.net](http://www.aidscongress.net), consulta em 07/04/2009.

**SOUSA**, Márcia João de Almeida. *Análise de Necessidades de Qualificação no Turismo em Espaço Rural no Alentejo*, 1998. Relatório de Seminário Temático, Évora, Universidade de Évora.

### Documentos Oficiais

Decreto- Lei nº. 67/98, I Série, nº. 48, Suplemento B. O., de 31 de Dezembro de 1998, que aprova a título experimental, o Alfabeto Unificado para a Escrita da Língua Cabo-verdiana (o crioulo).

### Sites Consultados

<http://hyperelias.jku.at/abstracts/abstract3-por-2000-T-por-1.htm> – consulta em 7/11/2007

[www.emtese.ufsc.br](http://www.emtese.ufsc.br) – consulta em 5/12/2007.

[www.maxwell.lamda.ele.puc-rio.br](http://www.maxwell.lamda.ele.puc-rio.br) – consulta em 5/12/2007.

[www.ine.cv](http://www.ine.cv) – consulta em 02/10/2008.

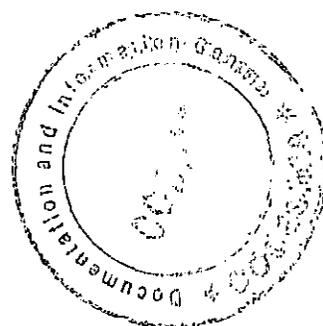
[www.nosmedia.wordpress.com](http://www.nosmedia.wordpress.com) – consulta em 23/02/2009.

[www.opovo.com.br](http://www.opovo.com.br) – consulta 23/02/2009.

[www.liberal.sapo.cv](http://www.liberal.sapo.cv) – consulta em 23/02/2009.

<http://kufrontalidade.blogspot.com> – consulta em 25/02/2009.

<http://cabrers.blogspot.com/2008-07-01archive.html> – consulta em 03-03-2009.



# Anexos

## Identificação dos Interlocutores Nativos

Entrevistado	Sexo	Idade	Profissão	Escolaridade
Jader	Masculino	30 anos	Economista	Licenciado em Economia
Ruben	Masculino	50 anos	Consultor	Curso Complementar dos Liceus
Mateus	Masculino	31 anos	Condutor	8º Ano
Ruth	Feminino	30 anos	Empregada de Limpeza	4ª Classe
Sara	Feminino	41 anos	Varredeira de Rua	5ª Classe
Lucas	Masculino	47 anos	Funcionário Público	9º Ano
Benamin	Masculino	43 anos	Funcionário Público	4ª Classe
Lina	Feminino	43 anos	Comerciante/Dona de Bar- Restaurante	4ª Classe
Raquel	Feminino	48 anos	Professora do Ensino Básico	4ª Classe
Joana	Feminino	50 anos	Professora do Pré-Primário	6ª Classe
Eliseu	Masculino	53 anos	Empregado de Escritório	Ex. 2º Ano do Ciclo Preparatório
Soraya	Feminino	26 anos	Empregada Comercial	12º Ano

### Identificação dos Interlocutores Migrantes

Entrevistado	Sexo	Idade	Profissão	Escolaridade
Maria Clara	Feminino	31 anos	Doméstica	6ª Classe
Ludy	Feminino	30 anos	Doméstica	4ª Classe
Rosa	Feminino	50 anos	Comerciante	4ª Classe
Saturnina	Feminino	39 anos	Comerciante	4ª Classe
João	Masculino	30 anos	Vendedor	6ª Classe
Cesaltina	Feminino	36 anos	Comerciante	4ª Classe
Filo	Feminino	39 anos	Comerciante	4ª Classe
Simão	Masculino	41 anos	Marceneiro	Ex. 5º Ano
Joaquim	Masculino	26 anos	Polícia Marítima	12º Ano
Denga	Feminino	25 anos	Peixeira	6ª Classe
Sabino	Masculino	38 anos	Polícia de Ordem Pública	9º Ano
António	Masculino	41 anos	Pedreiro	4ª Classe
Nila	Feminino	24 anos	Empregada de Bar	10º Ano
Francisco	Masculino	32 anos	Pescador	4ª Classe